

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PROFLETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

RENI KLIPPEL MACHADO

**PRÁTICAS DE ORALIDADE E DE ESCRITA NAS AULAS DE PORTUGUÊS EM
CONTEXTO DE DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: O CONTATO ENTRE AS LÍNGUAS
PORTUGUESA E HUNSRÜCKISCH EM MARECHAL FLORIANO, ES.**

VITÓRIA
2018

RENI KLIPPEL MACHADO

**PRÁTICAS DE ORALIDADE E DE ESCRITA NAS AULAS DE PORTUGUÊS EM
CONTEXTO DE DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: O CONTATO ENTRE AS LÍNGUAS
PORTUGUESA E HUNSRÜCKISCH EM MARECHAL FLORIANO, ES.**

Trabalho Final de Curso apresentado ao
Programa de Mestrado Profissional em Letras do
Instituto Federal do Espírito Santo como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre em
Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Edenize Ponzo Peres

VITÓRIA

2018

(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

M149p Machado, Reni Klippel.

Práticas de oralidade e de escrita nas aulas de português em contexto de diversidade linguística: o contato entre as línguas portuguesa e hunsrückisch em Marechal Floriano, ES. / Reni Klippel Machado. – 2018.

161 f. : il. ; 30 cm

Orientadora: Edenize Ponzo Perez.

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Letras, Vitória, 2018.

1. Oralidade e Comunicação - Escrita. 2. Escrita - Estudo e ensino. 3. Linguagem e educação. 4. Sociolinguística. I. Perez, Edenize Ponzo. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título

CDD: 411



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

RENI KLIPPEL MACHADO

**PRÁTICAS DE ORALIDADE E DE ESCRITA NAS AULAS DE PORTUGUÊS EM
CONTEXTO DE DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA: O CONTATO ENTRE AS LÍNGUAS
PORTUGUESA E HUNSRUCKISCH EM MARECHAL FLORIANO, ES.**

Trabalho Final de Curso apresentando ao
Programa de Mestrado Profissional em Letras
– Profletras, ofertado pelo Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito
Santo, em rede Nacional.

Aprovado em 14 de março de 2018

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª. Drª. Edénize Ponzo Peres

Instituto Federal do Espírito Santo - IFES

Orientadora

Prof. Dr. Antônio Carlos Gomes

Instituto Federal do Espírito Santo - IFES

Membro Interno

Prof. Dr. Demerval da Hora Oliveira

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Membro Externo



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

RENI KLIPPEL MACHADO

**PRÁTICAS DE ORALIDADE E DE ESCRITA NAS AULAS DE PORTUGUÊS EM
CONTEXTO DE DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: O CONTATO ENTRE AS LÍNGUAS
PORTUGUESA E HUNSRUCKISCH EM MARECHAL FLORIANO, ES.**

Produto Educacional apresentando ao
Programa de Mestrado Profissional em Letras
– Profletras, ofertado pelo Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito
Santo, em rede Nacional.

Aprovado em 14 de março de 2018

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª. Drª. Edénize Ponzo Peres

Instituto Federal do Espírito Santo - IFES

Orientadora

Prof. Dr. Antônio Carlos Gomes

Instituto Federal do Espírito Santo - IFES

Membro Interno

Prof. Dr. Demerval da Hora Oliveira

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Membro Externo

Aos meus pais, meus exemplos de vida; ao meu querido esposo, por me apoiar em toda a trajetória do Mestrado; e aos bravos imigrantes, pelo legado que nos deixaram.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação foi concluída com a contribuição de muitos. Por isso, agradeço

Primeiramente a Deus, nosso criador e mantenedor da vida;

Aos meus pais, que me educaram no caminho do bem;

Ao meu querido esposo Vagner, cujo amor e compreensão foram essenciais para eu poder estudar;

Aos meus familiares, que me olham com carinho, em especial à Alcione, à Lourdes e ao David, por terem me prestado ajuda mais diretamente para que eu pudesse fazer este curso;

À direção da escola onde foi realizada a pesquisa, por ter me dado a oportunidade de realizar este projeto junto aos alunos dessa instituição;

À equipe pedagógica da escola: Lucinei, Eucinéia, Val e Dinha, pessoas especiais que me apoiaram e me incentivaram a seguir a minha trajetória;

Aos meus queridos colegas professores, pelo apoio e incentivo à nossa pesquisa, principalmente Elô, Karolline, Dalva, Tatiana, Patrícia, Paula, Stella e Wheverton, que vibram com nossas conquistas;

Ao meu amigo Allan, que foi uma luz para mim, fazendo-me acreditar que eu poderia cursar este Mestrado;

Aos meus queridos alunos, pela alegria e entusiasmo, pelo conhecimento compartilhado, pela parceria na pesquisa, pelo compromisso e dedicação em todas as atividades realizadas no decorrer deste projeto;

À Secretaria de Educação e à Secretaria de Cultura e Turismo de Marechal Floriano, que estão em parceria conosco em favor da valorização da pluralidade linguística de nosso município;

À Câmara Municipal de Marechal Floriano, em especial aos vereadores David Klippel e Cezinha Ronchi, que apoiaram a nossa pesquisa, reconhecendo a relevância do nosso trabalho junto à comunidade;

Aos pastores da Paróquia Evangélica Luterana de Marechal Floriano, Eduardo Malikouski Viza e Nestor Wille, por entenderem a importância da língua como fator de identidade e por abrirem espaço para essa língua de imigração em atividades da Igreja Luterana;

À comunidade florianense, que abriu as portas para dialogarmos sobre a nossa cultura linguística, em especial às famílias entrevistadas de Boa Esperança, Soído de Baixo, Rio Fundo, Santa Maria, Bom Jesus e Sede;

Aos jornalistas Júlio Huber e Edézio Peterle, por ajudarem a divulgar a nossa pesquisa nos meios de comunicação;

Ao fotógrafo Fábio Klippel, por gentilmente cobrir o nosso evento de valorização linguística na comunidade florianense e por ser um defensor da nossa cultura de imigração;

Aos meus colegas de classe, pelo carinho, amizade e conhecimento compartilhado, em especial à Ana Paula, ao Antônio e à Thayana, os quais se tornaram meus amigos;

A todos os meus professores do PROFLETRAS/IFES, que contribuíram muito para meu crescimento pessoal e profissional;

À Capes, pela bolsa de estudos que viabilizou os meus estudos;

Ao coordenador do curso, Prof. Dr. Antônio Carlos Gomes, por toda a dedicação ao PROFLETRAS - Campus Vitória, ES;

Ao Prof. Dr. Antônio Carlos Gomes e ao Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira, por aceitarem fazer parte de minhas bancas de Qualificação e Defesa e pelos comentários valiosos, os quais, sem dúvidas, enriqueceram sobremaneira este trabalho;

E, de forma muito especial, agradeço à Profa. Dra. Edenize Ponzo Peres, que me oportunizou reviver e conhecer melhor a minha própria história, a história dos imigrantes em nossas terras, que me fez lançar um olhar especial sobre a comunidade à qual pertenço, valorizando suas identidades e sua pluralidade linguística e cultural. Meu profundo agradecimento por toda a sua dedicação e carinho dispensados a mim e à minha gente.

“A língua que falamos é a característica mais íntima da nossa identidade e está completamente entranhada em tudo o que somos, pensamos ou sentimos”.

(Wilson J. Leffa, 2006)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

RESUMO

Esta pesquisa, realizada no Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras -, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), está inserida na linha de pesquisa *Teorias da linguagem e ensino*, tendo como foco a dialogicidade entre comunidades discursivas, produções literárias e demais manifestações culturais. O projeto “Práticas de oralidade e de escrita nas aulas de Português em contexto de diversidade linguística: o contato entre as línguas portuguesa e hunsrückisch em Marechal Floriano, ES” foi realizado em uma turma de 9º ano da escola estadual de Ensino Fundamental e Médio da Sede do município de Marechal Floriano, ES. Esse município foi colonizado, em meados do século XIX, por imigrantes alemães originários da província do Hunsrück e, em menor proporção, por imigrantes provenientes da região norte da Itália, a partir de 1876. Pretendemos, com esta pesquisa, propor alternativas de trabalho para o ensino de Língua Portuguesa levando em consideração as origens da nossa comunidade. Nosso objetivo, assim, é propiciar aos alunos e à comunidade a compreensão das consequências do contato linguístico que aconteceu entre o hunsrückisch e o português, combatendo o preconceito linguístico e também levando à valorização da variedade do português falada na comunidade e do próprio hunsrückisch, que se encontra em processo de desaparecimento em Marechal Floriano. O referencial teórico que utilizamos em nossa pesquisa é a Sociolinguística Educacional, além de alguns dos conceitos dos Contatos Linguísticos. A metodologia adotada em nosso projeto envolve os seguintes procedimentos: pesquisa bibliográfica acerca da história do estado e do município, atividades de sensibilização dos alunos para o bilinguismo, visitas a espaços histórico-culturais, palestras sobre a história e a cultura dos povos que

ajudaram a formar Marechal Floriano e entrevistas com pessoas da comunidade, especialmente descendentes de imigrantes hunsriqueanos. Após a análise dos dados coletados, realizamos um evento cultural na escola, aberto à comunidade, no qual foi apresentada uma peça teatral produzida pelos alunos com o tema da formação social e linguística do município. Nosso produto final é um Guia Didático com propostas de atividades pedagógicas destinadas aos professores de Língua Portuguesa, para poderem atuar no combate ao preconceito linguístico e na valorização da cultura e da linguagem de seus alunos e de sua comunidade. Acreditamos que nossa pesquisa contribui para uma maior consciência linguística dos alunos e da comunidade, servindo como subsídio a outros docentes de Língua Portuguesa que atuem em localidades colonizadas por imigrantes ou com forte diversidade cultural e/ou étnica.

Palavras-chave: Práticas de oralidade e de escrita. Sociolinguística Educacional. Contatos linguísticos. Hunsrückisch. Português.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

ABSTRACT

This research, carried out in the Professional Master's Program in Letters - Proletras, of the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN) and of the Federal Institute of Espírito Santo (IFES), is part of the line of research Theories of language and teaching, as a focus the dialogicity between discursive communities, literary productions and other cultural manifestations. The project "Practices of oral and writing in Portuguese classes in the context of linguistic diversity: the contact between Portuguese and Hunsrückisch languages in Marechal Floriano, ES" was carried out in a class of 9th year of the state school of Elementary and Middle School Headquarters of the municipality of Marechal Floriano, ES. This municipality was colonized in the mid-19th century by German immigrants from the province of Hunsrück and, to a lesser extent, by immigrants from northern Italy, from 1876 onwards. the Portuguese language teaching taking into account the origins of our community. Our aim, therefore, is to provide students and the community with an understanding of the consequences of the linguistic contact between the Hunsrückisch and the Portuguese, combating linguistic prejudice and also leading to the appreciation of the variety of Portuguese spoken in the community and the hunsrückisch itself. is in the process of disappearing in Marechal Floriano. The theoretical framework we use in our research is Educational Sociolinguistics, in addition to some of the concepts of Language Contacts. The methodology adopted in our project involves the following procedures: bibliographical research on the history of the state and the municipality, activities to raise students' awareness of bilingualism, visits to historical and cultural spaces, lectures on the history and culture of the peoples who helped to form Marechal Floriano and interviews with people from the community, especially descendants of Hunsriquean immigrants.

After analyzing the collected data, we held a cultural event at the school, open to the community, in which a theatrical play produced by the students was presented with the theme of social and linguistic formation of the municipality. Our final product is a Didactic Guide with proposals of pedagogical activities destined to teachers of Portuguese Language, in order to be able to act in the fight against linguistic prejudice and in valuing the culture and language of its students and their community. We believe that our research contributes to a greater linguistic awareness of the students and the community, serving as a subsidy to other Portuguese-speaking teachers who work in places colonized by immigrants or with a strong cultural and / or ethnic diversity.

Keywords: Practices of orality and writing. Educational Sociolinguistics. Language contacts. Hunsrückisch. Portuguese.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 – Marco da Colonização Alemã no Espírito Santo.....	33
Foto 2 – Sede de Marechal Floriano, ES.....	60
Foto 3 – Prefeitura Municipal de Marechal Floriano, ES.....	62
Foto 4 – Corpo de Bombeiros de Marechal Floriano, ES	62
Foto 5 – Centro de Agronegócios, no distrito de Santa Maria	63
Foto 6 – Fachada da Escola	65
Foto 7 – Sala de aula da Escola	65
Foto 8 – Palestra na Casa da Cultura de Domingos Martins, ES	76
Foto 9 – Restaurante Grossmutter	77
Foto 10 – Interior do restaurante	77
Foto 11 – Arte Bauernmalerei.....	79
Foto 12 – Visita ao APEES	81
Foto 13 – Cemitério onde estão enterrados os primeiros imigrantes alemães do estado.....	82
Foto 14 – Entrevista com a família Marques	84
Foto 15 – Entrevista com a família Littig	85

GRÁFICO

Gráfico 1 – Famílias em que se fala ou se entende uma língua de herança..... 72

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Histórico do povoamento do Espírito Santo.....	35
Mapa 2 – Focos de imigração no Espírito Santo	36

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	18
2	DIALOGANDO COM OS PARES.....	24
3	BREVE HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO ESPÍRITO SANTO	31
4	REFERENCIAL TEÓRICO	38
4.1	OS CONTATOS LINGUÍSTICOS	38
4.1.1	Os fatores que levam à manutenção ou à substituição linguística	40
4.1.2	Políticas linguísticas para as línguas minoritárias	44
4.2	A SOCIOLOGIA EDUCACIONAL	47
4.2.1	A variação e as variedades linguísticas	47
4.2.2	A noção de erro e o preconceito linguístico	49
4.2.3	A Sociolinguística e o ensino da língua portuguesa	52
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	59
5.1	A COMUNIDADE	59
5.2	O ESPAÇO ESCOLAR	63
5.3	OS SUJEITOS DA PESQUISA	66
5.4	O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	66
5.5	A ELABORAÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA.....	68
6	APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA.....	70
6.1	IDENTIFICAÇÃO DA ORIGEM DOS ALUNOS	70
6.2	AS VISITAS PEDAGÓGICAS	75
6.3	ENTREVISTAS A PESSOAS DA COMUNIDADE	83
6.3.1	A mídia: forte aliada da valorização da cultura local.....	87
6.4	ELABORAÇÃO E APRESENTAÇÃO DA PEÇA TEATRAL	89
6.4.1	Construindo uma peça de teatro.....	89
6.4.2	A apresentação da peça teatral “Falando a nossa língua”.....	91
6.5	VALIDAÇÃO DA SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES PELOS PARES	93
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
	REFERÊNCIAS	101
	APÊNDICES	106
	APÊNDICE A – Questionário para identificação do contexto linguístico	107

APÊNDICE B – Árvore genealógica dos alunos.....	109
APÊNDICE C – Planejamento Atividade 1: Descobrindo nossas raízes	110
APÊNDICE D – Planejamento Atividade 2: O lado de lá no lado de cá.	111
APÊNDICE E – Exemplo de texto de aluno - Identidade capixaba.....	112
APÊNDICE F – Planejamento Atividade 3: A formação da identidade capixaba.....	113
APÊNDICE G – Exemplo de relato da visita pedagógica I	115
APÊNDICE H – Planejamento Atividade 4: Visitas pedagógicas a espaços histórico-culturais.....	116
APÊNDICE I – Planejamento Atividade 5: A arte campesina alemã e a preservação da cultura de Marechal Floriano.....	118
APÊNDICE J – Planejamento Atividade 6: Conhecendo a origem étnico-linguística da comunidade escolar	120
APÊNDICE K - Pesquisa sobre as línguas em uso na comunidade.....	121
APÊNDICE L – Sobrenomes recolhidos na pesquisa	122
APÊNDICE M – Texto produzido após a visita ao APEES	123
APÊNDICE N – Exemplo de texto produzido após as entrevistas: Identidade.....	124
APÊNDICE O – Planejamento Atividade 7: Memórias e histórias	125
APÊNDICE P – Planejamento Atividade 8: A mídia – forte aliada da valorização da cultura local	128
APÊNDICE Q – Planejamento Atividade 9: Elaborando a peça de teatro	130
APÊNDICE R – Peça teatral: Falando a nossa língua	133
APÊNDICE S – Validação da sequência de atividades pelos pares	144
APÊNDICE T – Projeto de Lei inscrito no Parlamento Jovem Brasileiro	146
ANEXOS	149
ANEXO A – Termo de assentimento	150
ANEXO B – Termo de consentimento livre e esclarecido	151
ANEXO C – Termo de consentimento livre e esclarecido (Para menores de 18 anos)	152
ANEXO D – Termo de cessão de uso de imagem e voz para fins educacionais	153
ANEXO E – Poema: O jeito capixaba de ser, de Elisa Lucinda	154

ANEXO F – Notícia: Bauernmalerei é declarado Patrimônio Cultural	
Imaterial de Marechal Floriano	155
ANEXO G – Peça teatral: Um amor para recordar, da autoria de Cristiane Klippel e de Milena Casagrande	157

1 INTRODUÇÃO¹

Iniciei minha vida profissional em 1987, como professora de pré-escola da rede particular de ensino de Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro - uma oportunidade sonhada para pôr em prática os conhecimentos adquiridos em meu curso de Magistério. No ano seguinte, 1988, fui convidada para trabalhar em uma escola particular conveniada com a Prefeitura de Dourados, MS. Eu estava diante de um novo desafio: uma comunidade até então desconhecida por mim, uma nova realidade. Mas o novo me encantava.

Nessa escola, vim a trabalhar com turmas de 3ª e 4ª séries iniciais do Ensino Fundamental. As aulas de Língua Portuguesa me permitiam adentrar em um mundo de maior fascínio. A arte literária me atraía porque via o seu poder, a sua magia abrindo caminhos na nossa vida - minha e de meus alunos. A comunidade atendida pela escola era de variadas etnias, além de crianças cujos pais eram originários de vários estados brasileiros.

Aquele caldeirão étnico foi muito importante para mim, para eu olhar para o outro como uma pessoa com suas peculiaridades. Afinal, eram índios que batiam palmas pedindo “pão *veio*” à porta das casas; alunos japoneses que convidavam as pessoas para irem assistir a algum recital no Clube Nipônico da cidade; amigos paraguaios que abrilhantavam a festa dos professores com a famosa polca paraguaia e que, ao mesmo tempo, contavam a história da Guerra do Paraguai em sua versão. A essa época, as pessoas da localidade e eu mesma cantávamos o “Trem do Pantanal” como se fôssemos da terra, em uma história saudosista, e aprendemos canções enaltecendo a cultura indígena - terena, guarani e caiuíá.

Eu também convivía com crianças que traziam em seu jeito de falar distintas marcas de variedades linguísticas: alunos filhos de descendentes de imigrantes alemães de Palotina, de Querência do Norte, de Maringá, de Santa Cruz do Sul - enfim, de muitas localidades do Paraná e do Rio Grande do Sul -, os quais me levavam ao

¹ Devido a seu caráter biográfico, esta Introdução foi escrita na primeira pessoa do singular. Nos demais capítulos deste trabalho, será utilizada a primeira pessoa do plural.

CTG (Centro de Tradições Gaúchas) local; filhos de militares, cujos pais eram de variadas regiões do país; e crianças procedentes do interior de São Paulo e do Nordeste, em número elevado na região. Todas essas pessoas me ajudaram a reconhecer a beleza das diferenças étnico-culturais de uma sociedade.

Quanto ao curso superior, ele não era realidade para mim assim que terminei o Magistério. Entretanto, felizmente, encontrei essa possibilidade em Dourados, pois na cidade havia um Centro Universitário da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Eu não imaginava que a Universidade seria uma realidade num futuro tão próximo, mas fiz o vestibular para o curso com o qual eu sonhava – Letras – e fui aprovada.

Em 1989, iniciei o curso e fui cada vez mais me apaixonando pela área da linguagem, pois as relações humanas sempre foram um ponto de destaque para mim como objeto de trabalho. Vi que poderia atuar como professora, o que me possibilitaria estabelecer um diálogo com os alunos para a construção de uma sociedade que pudesse valorizar os seus pares. O preconceito sempre me incomodou e, posteriormente, em minhas aulas, pude construir laços e promover a reflexão sobre essa forma de desrespeito.

Concluído o curso de Graduação, fui convidada para ser professora de Língua Portuguesa nas séries finais do Ensino Fundamental nessa mesma escola e também em uma outra, municipal. Embora temerosa, aceitei o desafio. Foi mais uma experiência muito gratificante, pois tive oportunidades valiosas, por meio das escolas, de participar de cursos de formação e de capacitação na área de Língua Portuguesa. Assim foram onze anos de muito trabalho e muito crescimento.

Em 1999, retornando à cidade e ao estado de origem - Marechal Floriano, ES -, atuei como professora de Língua Portuguesa em duas escolas da região - uma particular e uma pública. Nesta, tive a oportunidade de trabalhar com o Ensino Médio, uma novidade em minha carreira profissional que me agradou muito. Nesse

regresso, percebi que minha linguagem havia se tornado diferente do modo como os moradores dali falavam.

Sempre achei a diversidade linguística e as características de identificação de um povo muito interessantes, pois percebia como a língua é uma forma de marcar pertencimento. Acredito que esse sentimento seja consequência da minha convivência com pessoas que apresentavam fortes diferenças étnicas, culturais e linguísticas. A convivência e o reconhecimento dos valores próprios de cada falante podem humanizar as pessoas.

Em 2016, após quase vinte e dois anos de trabalho como professora, iniciei o Mestrado Profissional no IFES, Campus de Vitória. Notei, por meio do alerta de alguns dos professores do curso, que eu tinha um objeto de estudo muito importante para ser explorado na minha comunidade escolar e região, a começar pela minha própria família: a presença da língua hunsrückisch ao lado da portuguesa, em uma comunidade colonizada por imigrantes. A partir de então, fui buscando informações em conversas informais e ouvindo vários depoimentos a respeito da situação dessa língua na região de Marechal Floriano. Pela primeira vez, a perda dessa cultura e dessa língua me preocupou, pois, quando criança, convivia em casa num ambiente bilíngue, falando o português, mas ouvindo meus pais se comunicarem entre si em hunsrückisch. Nós, filhos, o entendíamos, porém não o falávamos em nosso dia a dia.

Com os estudos no Profletras, comecei a perceber que parte de nossa história se desfaz com a perda de uma língua. Desafiei-me, então, a buscar um referencial teórico para sustentar a minha pesquisa - o ensino de Língua Portuguesa e a possibilidade de convivência do português e do hunsrückisch – e encontrei os Contatos Linguísticos e a Sociolinguística Educacional.

Por outro lado, pude constatar, pela leitura de pesquisas nessa área, que não há ainda dissertações nem teses sobre o mesmo tema que este, no Espírito Santo - o que também justifica esta pesquisa -, enquanto que, na região Sul do país, a

realidade é bem diversa. Dessa forma, este estudo, seguindo a linha de pesquisa das Teorias da Linguagem e Ensino, buscou abrir caminhos para, ao lado do português, valorizar e, se possível, revitalizar esse grande bem cultural, o hunsrückisch, a língua de meus pais e a de tantos descendentes de alemães que moram no município de Marechal Floriano.

Partindo de investigações com os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública sobre as suas origens étnico-raciais, constatei tratar-se de um público com elevado número de ascendentes alemães e que ainda têm familiares e amigos que falam o hunsrückisch. Vi, portanto, a necessidade de se pensar num ensino de Língua Portuguesa que respeitasse e valorizasse a origem social, étnica e linguística de seus alunos, contribuindo também para o resgate da história e da cultura da comunidade.

Outra preocupação deste estudo é o combate ao preconceito linguístico - ainda muito presente na região - contra a variedade do português falada pelos atuais descendentes de imigrantes alemães, especialmente os mais idosos. Dessa forma, esta pesquisa intentou trazer os temas do respeito e da valorização da diversidade linguística para serem discutidos em sala de aula, em uma relação interdisciplinar. Sendo assim, coube à disciplina de Língua Portuguesa motivar a produção escrita dos alunos a partir de situações significativas para eles, como fazer visitas a locais históricos e a casas culturais, conversar com descendentes de imigrantes alemães residentes na comunidade, assistir a vídeos e palestras, fazer leituras sobre a história da imigração no Brasil e no estado etc. Isso possibilitou aos alunos fazerem registros orais e escritos que subsidiaram todo o trabalho, o qual culminou na elaboração e encenação de uma peça teatral.

Nesse sentido, acredito que o ensino da língua portuguesa em uma comunidade colonizada por imigrantes e que ainda conta com falantes de língua(s) minoritária(s), deve levar em conta a história social de sua gente, para os alunos poderem perceber e valorizar a importância da diversidade linguística e cultural de sua localidade. Sendo assim, realizei uma pesquisa sobre a cultura dos alemães e os

contatos linguísticos entre o hunsrückisch e o português, no município de Marechal Floriano, visando à conscientização linguística e cultural do alunado e da comunidade e ao combate ao preconceito linguístico que protagonizam ou de que são vítimas.

Segundo Soares (1992, p.17), “é o uso da língua [...] que evidencia claramente as diferenças entre grupos sociais e que gera discriminações e fracasso”. Esse preconceito linguístico também fez parte de minha história. Havendo falantes de hunsrückisch na família e na comunidade, meus irmãos e eu, durante a nossa infância e adolescência, tínhamos até orgulho de não usarmos essa língua, pois, na comunidade, aqueles que a falavam - ou o português falado com sotaque - eram ridicularizados pelos colegas de nossa idade. Essas situações eram notadas por mim na comunidade, na escola e nas aulas de catecismo e de escola bíblica, na Igreja Luterana de Boa Esperança², da qual eu fazia parte.

Embora haja empréstimos de vocábulos do hunsrückisch para o português falado na região, como *chimia*³, *broode*,⁴ nos dias atuais a comunidade, em grande parte, ignora o legado linguístico e cultural dos imigrantes colonizadores. Assim, por pensar que a língua deva ser sempre um instrumento de socialização de ganhos, de histórias, de conhecimento e, sobretudo, de humanização de todo e qualquer falante, tive a intenção de tratar, nas aulas de Língua Portuguesa, de temas como a diversidade linguística e o preconceito linguístico, tentando evidenciá-lo para, então, erradicá-lo. E, segundo Bortoni-Ricardo (2014), cabe a nós, professores, promovermos os ajustes necessários à produção linguística dos alunos de forma respeitosa, nos termos de uma pedagogia culturalmente sensível.

Diante do que foi exposto, o objetivo principal deste trabalho é apresentar uma proposta de ensino de Língua Portuguesa que priorize a valorização das origens, da cultura e da linguagem da comunidade, contribuindo para o desenvolvimento de

² Atualmente, a comunidade de Boa Esperança pertence ao município de Marechal Floriano, emancipado de Domingos Martins em 31 de outubro de 1991.

³ Forma portuguesa originária do hunsrückisch, que significa *geleia*.

⁴ Forma portuguesa originária do hunsrückisch, que significa *pão*.

atitudes positivas dos alunos diante da diversidade linguística em que se encontram. Seus objetivos específicos são:

- 1) Elaborar estratégias de ensino de Língua Portuguesa que despertem o alunado para a conscientização linguística;
- 2) Propiciar atividades que desenvolvam a expressão oral e a produção escrita dos alunos a partir do contexto sociolinguístico e cultural local;
- 3) Produzir uma peça teatral contemplando a temática da diversidade linguística e do preconceito linguístico e apresentá-la à comunidade, na culminância da pesquisa;
- 4) Organizar um guia didático para subsidiar o trabalho de professores de Língua Portuguesa que atuem em comunidades com forte diversidade linguística.

A apresentação desta pesquisa está dividida em seis capítulos, além desta Introdução: no segundo capítulo, estão resumidos os artigos, as dissertações e as teses cujo objeto apresenta semelhança com o deste Trabalho de Conclusão; o terceiro capítulo está constituído de resumo da história da imigração alemã no Espírito Santo e na comunidade; no quarto, são apresentados os referenciais teóricos que embasaram a elaboração desta proposta e da análise dos dados; no quinto, estão descritos os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho; no sexto, expõe-se e analisa-se a proposta de trabalho e o produto final; no sétimo, encontram-se as considerações finais; por fim, aparecem referenciadas as obras citadas nesta dissertação, os apêndices e os anexos.

2 DIALOGANDO COM OS PARES

Neste capítulo, resumiremos os trabalhos acadêmicos cujos objetos de estudo tenham relação com o nosso. Para isso, realizamos, no Google Acadêmico e no Banco de Teses da Capes, um levantamento da produção acadêmica de 2013 a 2018 acerca do tema tratado em nossa pesquisa. Iniciamos nossa busca com o descritor “Sociolinguística Educacional” e encontramos, no Banco da Capes, 56 trabalhos, e, no Google Acadêmico, 36 trabalhos, mas não localizamos nenhum artigo, dissertação de mestrado ou tese de doutorado, elaboradas no estado do Espírito Santo ou fora dele, que se referissem às mesmas temáticas que a nossa: práticas de oralidade e de escrita na escola em contexto de contato entre o hunsrückisch e o português.

Encontramos, porém, diálogo em algumas dissertações que falam sobre a situação sociolinguística de outras línguas de imigração no Espírito Santo: o pomerano, em Santa Maria de Jetibá (BREMENKAMP, 2014; KÜSTER, 2015), e as línguas italianas, em Santa Teresa (RODRIGUES, 2015) e em São Bento de Urânia, um dos distritos de Alfredo Chaves (COMINOTTI, 2015). No Rio Grande do Sul, temos a dissertação de Limberger (2014), sobre o contato entre o hunsrückisch e o alemão standard, em São José do Hortêncio. Pensamos que, ao lermos sobre a situação de contato linguístico entre uma língua de herança e o português, podemos pensar melhor no contato entre o hunsrückisch e o português. Passamos, a seguir, a apresentar os estudos que apresentam afinidades com o nosso.

A primeira dissertação a que nos reportaremos é de Bremenkamp (2014), intitulada *Análise sociolinguística da manutenção da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo*, que foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL) da Universidade do Espírito Santo (Ufes). A autora se dedicou a estudar dois temas: a situação sociolinguística da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo, e as consequências de seu contato com a língua majoritária, o português. Seu principal objetivo é entender como se deu a manutenção da língua pomerana na comunidade de Caramuru e na Sede de Santa

Maria de Jetibá - o que se configura como uma rara exceção, no Espírito Santo, à Lei da Terceira Geração, de que falam os autores do Contato Linguístico, como Weinreich (1970 [1953]). Para tanto, descreveu o processo da imigração pomerana para o Brasil e para o estado, que envolveu o contexto histórico, geográfico, social, político e econômico pomerano e brasileiro no século XIX. Para a coleta de dados, a autora utilizou a metodologia da Observação Participante, entrevistas semiestruturadas com 40 informantes de ambas as comunidades, além de seus próprios conhecimentos dessas duas localidades.

A pesquisadora constatou que, nas duas localidades, a comunicação se dá em, pelo menos, três línguas: o pomerano, o português e o alemão standard. Verificou ainda que, com o passar do tempo, ocorreu um aumento gradativo da proficiência em português e um declínio paralelo na proficiência em pomerano, por parte dos informantes. Os resultados de Bremenkamp (2014) atestam que, se a língua da alfabetização e da educação formal for a majoritária - o português -, o falante pode se sentir inseguro quanto à expressão em sua língua materna, a minoritária – no caso, o pomerano.

Um dado importante a se observar é que os entrevistados de Bremenkamp (2014) se mostram inteiramente favoráveis ao bilinguismo: aceitam a chegada do português, mas rejeitam o abandono da língua pomerana, aprovando a sua cooficialização no município e o ensino dessa língua no âmbito escolar, por acreditarem que essa seja uma medida importante para a preservação da língua. Entretanto, essa consciência não está conseguindo deter a perda de espaço do pomerano para o português, especialmente na zona urbana. Convém informar que as entrevistas, feitas em sua maior parte em pomerano, colaboram para o seu registro e a sua valorização. Bremenkamp (2014) conclui: “Essa lealdade do povo para com sua língua é muito expressiva, no processo de manutenção linguística”.

A dissertação de Bremenkamp (2014) é importante para o nosso trabalho, na medida em que nos mostra algumas estratégias de manutenção e de valorização de uma importante língua de herança do estado, além de nos fazer refletir sobre os

aspectos sociais relacionados aos usos da língua minoritária e da majoritária em comunidades colonizadas por imigrantes. Essas reflexões foram analisadas e, em seguida, tomadas em nosso estudo.

A segunda pesquisa a que nos referiremos também abordou o processo de manutenção/substituição de uma língua de herança. Trata-se da dissertação intitulada *O contato linguístico entre o vêneto e o português em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves, ES: uma análise sócio-histórica*, defendida por Cominotti em 2015, igualmente junto ao PPGEL/Ufes. Nesse trabalho, a pesquisadora se propôs a investigar o processo de substituição do vêneto, a língua falada pelos primeiros imigrantes que colonizaram o que é hoje o pequeno distrito de São Bento de Urânia, com cerca de 900 habitantes, no interior do município de Alfredo Chaves, Espírito Santo. Para alcançar seus objetivos, a pesquisadora valeu-se de seu conhecimento da comunidade, da Observação Participante e das informações de 62 descendentes desses imigrantes, coletadas em entrevistas que versaram sobre a história e as tradições dos ancestrais e da comunidade, a vida em família, a religião e a escola, tendo como base os pressupostos teóricos dos Contatos Linguísticos.

A pesquisadora constatou que, nessa comunidade, o vêneto ainda é falado por pessoas da faixa etária de 30 anos, mas a maioria dos falantes é formada por idosos. Os depoimentos coletados, segundo Cominotti (2015), mostram que os informantes têm consciência da notável redução do número de falantes do vêneto na localidade, mas aqueles que não o falam lamentam não terem aprendido a língua. A autora considera estes os possíveis fatores que levaram à substituição linguística nessa comunidade: baixo prestígio da língua dos imigrantes e, por conseguinte, discriminação por parte de pessoas de fora da comunidade, dos próprios falantes e especialmente da escola; falta de apoio, reconhecimento e suporte institucional a ela; identificação da comunidade com o Brasil e com a língua portuguesa; e, por fim, falta de consciência sobre a importância da preservação da língua ancestral, por parte dos falantes.

A dissertação de Cominotti reflete o processo pelo qual passa uma língua minoritária e seus falantes em contato com a língua majoritária. A pressão social sobre os falantes de vêneto, em forma de discriminação, levou essa língua à sua quase que total substituição pelo português, o que também está acontecendo com o hunsrückisch em Marechal Floriano. Daí o objetivo de nossa pesquisa em fazer com que a sociedade e escola respeitem e valorizem a diversidade linguística de nosso município.

A terceira dissertação a que nos remeteremos é de Rodrigues (2015), intitulada *Mi Parlo Taliàn: uma análise sociolinguística do bilinguismo português-dialeto italiano no município de Santa Teresa, Espírito Santo*, também defendida no PPGEL/Ufes. Seu objetivo foi investigar o estágio de manutenção dos dialetos⁵ falados pelos descendentes de imigrantes italianos da Sede e do distrito de 25 de Julho, no município de Santa Teresa, ES⁶. A pesquisadora se propôs a oferecer um panorama da situação bilíngue português-dialetos italianos e também a documentar algumas tradições orais dos antigos imigrantes, as quais ainda estão vivas em Santa Teresa. Rodrigues (2015) utilizou as metodologias de pesquisa quantitativa e qualitativa, por meio da observação participante, de questionário sociolinguístico e de 146 entrevistas semiestruturadas com descendentes dos imigrantes.

Seus resultados a levaram às seguintes constatações: entre os informantes da faixa etária de 08-30 anos, existe um quase completo monolinguismo em português; entre os informantes de 31-60 anos, o uso das línguas de herança italianas é fortemente influenciado pela idade do interlocutor, ou seja, os entrevistados as usam mais com os avós; já a maior parte dos informantes entrevistados acima de 60 anos usam as línguas em seu dia a dia. Por meio de seus dados, Rodrigues (2015) concluiu que as línguas de herança estão em estágio avançado de desaparecimento, em Santa Teresa, e a autora reconhece a necessidade de se implantarem políticas públicas

⁵ Em seu trabalho, Rodrigues (2015) opta por utilizar o termo *dialeto* para seguir a denominação dada pelos informantes à sua própria língua. Nós, nesta pesquisa, optamos pelo termo *língua*, por concordarmos com autores da Sociolinguística e dos Contatos Linguísticos quanto ao fato de que não existem diferenças linguísticas entre língua e dialeto; este é, em essência, uma língua, mas que recebe uma conotação pejorativa socialmente.

⁶ O município de Santa Teresa recebeu imigrantes de diferentes regiões da Itália; portanto, falavam-se diferentes línguas na região. Por essa razão, a autora faz menção ao termo *dialeto*s, no plural.

que visem à preservação dessas línguas, enquanto elas ainda existem na comunidade.

A leitura da dissertação de Rodrigues (2015) foi importante para nós, na medida em que também tentamos registrar a língua e as tradições dos imigrantes. Por outro lado, ler sobre os contatos entre as línguas de herança e o português, no estado, nos faz pensar nas formas como a comunidade pensa e age sobre a(s) língua(s) que fala ou falaram e em como, enquanto educadores, podemos atuar para diminuir o preconceito que se instaura sobre os falantes de línguas ou de variedades diferentes do que é socialmente aceito como certo e bonito, linguisticamente falando. Daí a razão de referenciarmos o próximo trabalho.

A quarta dissertação aqui referida é de Küster (2015) e tem por título *Cultura e língua pomeranas: um estudo de caso em uma escola do Ensino Fundamental no município de Santa Maria de Jetibá – Espírito Santo – Brasil*. A pesquisa, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Ufes, versou sobre como diferentes sujeitos interagem, veem e promovem a sua cultura, principalmente a língua pomerana, em uma escola de ensino fundamental do município de Santa Maria de Jetibá, ES. Küster (2015) também analisa o Programa de Educação Escolar Pomerana (PROEPO), a fim de verificar sua contribuição para a manutenção do pomerano na comunidade estudada. A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa, com observação participante, estudo de caso, análise de documentos, aplicação de questionários e realização de entrevistas semiestruturadas com alunos e seus pais.

A pesquisa mostrou que 95% dos alunos pesquisados são descendentes de pomeranos e, entre eles, 90% são bilíngues pomerano-português. O uso da língua pomerana predomina no meio familiar entre os sujeitos mais velhos; entre os mais jovens, ocorre o bilinguismo. Já na escola, a língua oficial é o português, mas o pomerano é muito valorizado, sendo inclusive ofertado como disciplina específica. Essa disciplina, segundo Küster (2015), não se concentra apenas no ensino

sistemático da leitura e escrita, mas também em conhecimentos que dizem respeito ao modo de vida, de agir e de ser na cultura pomerana.

A pesquisadora constatou que o PROEPO tem excelente aprovação dos pais dos alunos, uma vez que estes compartilham, em casa, os assuntos discutidos nessas aulas com muito entusiasmo, tornando-se uma via de resgate e de valorização da cultura pomerana. Pode-se, portanto, considerar o PROEPO um dos grandes responsáveis pela manutenção e salvaguarda da língua pomerana, apesar de a pesquisadora reconhecer algumas lacunas que ainda precisam ser superadas nesse Programa.

A pesquisa de Küster (2015) é muito importante para a nossa, ao demonstrar que a escola pode trabalhar em favor da diversidade cultural e linguística da comunidade, contribuindo para a valorização de seus alunos e das famílias, além de contribuir para diminuir o preconceito social e linguístico existente na sociedade.

O último trabalho que citamos é o de Limberger (2014), intitulado *O desempenho de bilíngues e multilíngues em tarefas de controle inibitório e compreensão auditiva*, defendido junto Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O autor teve como objetivo investigar o desempenho de multilíngues em português, hunsrückisch e alemão padrão e de bilíngues em hunsrückisch e português, em comparação com monolíngues em português em tarefas linguísticas e não linguísticas. A pesquisa foi feita em São José do Hortêncio, RS, valendo-se de 59 participantes, divididos em três grupos: 19 monolíngues, 20 bilíngues e 20 multilíngues.

Limberger (2014) afirma que, no Sul do país, há cada vez menos falantes do hunsrückisch e verificou, durante a coleta de dados, que o bilinguismo nem sempre é valorizado nas comunidades do interior daquele estado. Os informantes menosprezam o hunsrückisch falado na comunidade, pois não o consideram “certo”. Por outro lado, os resultados obtidos indicam que falar hunsrückisch pode trazer benefícios cognitivos, juntamente com um conhecimento de uma língua com

padrões de escrita, o alemão-padrão. O autor vê a necessidade de maiores estudos nessa área, visando à conscientização e valorização do hunsrückisch junto à comunidade de falantes.

As questões abordadas pelo estudo de Limberger dialogam com as nossas, à medida que elas tratam de línguas minoritárias em situação de contato com a majoritária, expondo o preconceito e a discriminação que levam à vergonha e, conseqüentemente, à substituição das línguas de imigração pelo português. Por meio desta e das demais pesquisas, vemos que o desrespeito a uma língua e seus falantes acontece em diferentes contextos, inclusive na escola, e, portanto, elas nos ajudaram a repensar a situação do hunsrückisch em Marechal Floriano e o ensino de português nessa comunidade, auxiliando-nos na elaboração de ações de valorização da identidade de nossos alunos.

Por outro lado, como dissemos, nenhuma das pesquisas citadas aborda o nosso tema, especificamente, que é o trabalho, nas aulas de Português, que leve em consideração a constituição social e linguística de uma comunidade bilíngue. Dessa forma, justificamos a importância de nosso estudo, haja vista que o reconhecimento da existência das línguas minoritárias em uma comunidade é um primeiro passo para a sua preservação.

Tendo sido expostos os trabalhos que têm temática afim à nossa, passaremos agora a um importante aspecto para a Sociolinguística Educacional, o qual servirá para fundamentarmos as nossas análises: a formação social e linguística da comunidade de Marechal Floriano, onde desenvolvemos nossa pesquisa. Entretanto, para realizarmos tal tarefa, faz-se necessário, primeiramente, retratarmos a história da imigração alemã no Espírito Santo e no município, tema de nosso próximo capítulo.

3 BREVE HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO ESPÍRITO SANTO

A imigração não é apenas um deslocamento de pessoas, mas um processo que marca definitivamente a vida e a trajetória dos sujeitos envolvidos. Os imigrantes que chegaram ao Espírito Santo, no século XIX, foram pessoas que não mediram esforços para enfrentar os desafios que lhes surgiram.

Tudo começou na Europa. No século XIX, esse continente vivia ainda as consequências das guerras napoleônicas. Além disso, as guerras que visavam à unificação da Alemanha, a explosão demográfica e ainda a Revolução Industrial geraram grande empobrecimento, fome e desemprego, principalmente aos camponeses, que correspondiam à camada mais pobre da população (RÖLKE, 2016). Com relação aos imigrantes provenientes do Hunsrückisch, que colonizaram Marechal Floriano, eles

[...] eram agricultores e artesãos. Em consequência da partilha das já pequenas propriedades pelas heranças, suas propriedades foram diminuindo cada vez mais. Assim, tornava-se difícil alimentar a família apenas com a agricultura. A isso se somava a baixa produtividade do solo. Sobrava apenas a emigração, pois, com algumas exceções, a situação era a mesma de toda a Alemanha (RÖLKE, 2016, p. 213).

O Brasil, por outro lado, também vivia uma fase difícil, passando da mão de obra escrava para a mão de obra livre e assalariada. Segundo Santos et al. (1992), no país havia muita terra para ser cultivada e era interesse do Brasil que os europeus viessem explorar a terra e desenvolver a agricultura, principalmente a plantação de café. Dessa forma, em 1846, o Imperador D. Pedro II enviou à Alemanha um funcionário do Império, o alemão Schaeffer, para buscar colonos que quisessem fixar-se no Brasil. Esse agente, segundo Vieira e Velten (2015), chegou à região de Hunsrück, na Alemanha - na qual viviam muitos agricultores em pequenas propriedades agrícolas exploradas por trabalhadores braçais -, com a promessa de que o governo brasileiro lhes oferecia terras com valores muito baixos, podendo ser pagas em muitos anos. Além disso, enquanto “estivessem se estabilizando, o Estado se obrigaria a sustentá-los” (VIEIRA e VELTEN, 2015, p. 27).

Atraídos pelas condições de vida apresentadas, os hunsriqueanos venderam o pouco que tinham e, ainda em 1846, partiram para o Brasil. A viagem foi cheia de decepções e muito desespero nos navios, pois muitos adoeceram e morreram, tendo seus corpos sido jogados no mar. Vieira e Velten (2015) expõem alguns dos percalços da viagem:

A bordo, os imigrantes tinham que preparar suas próprias refeições. Faltando alguns dias para chegar ao Rio de Janeiro, a água acabou e a lenha ficou escassa, fazendo com que os imigrantes tivessem que quebrar os caixotes e suas malas, onde abrigavam seus poucos haveres, em diversos pedaços, transformando-os em lenha (VIEIRA; VELTEN, 2015, p. 28).

Aportaram, enfim, no Rio de Janeiro, exaustos e abatidos, após setenta dias de viagem. Ali permaneceram por mais de sessenta dias, num galpão, sem que ninguém tomasse qualquer decisão sobre seu destino. Após muitas privações, orientados por um alemão já residente nessa cidade, dirigiram-se ao Imperador, o qual os enviou a Vitória, no Espírito Santo, pois as terras do Sul não estavam demarcadas (SANTOS et al., 1992). Tratava-se de 39 famílias hunsriqueanas, totalizando 163 pessoas.

Chegaram ao porto de Vitória no dia 21 de dezembro de 1846, onde permaneceram até o início de janeiro de 1847. Durante a permanência em Vitória, por alguns dias, limpam e calçaram a praça em frente ao atual Palácio Anchieta, sendo remunerados por esse trabalho. Segundo Vieira e Velten (2015), posteriormente eles foram levados até uma colônia de açorianos católicos em Viana e instalados em barracões construídos de forma rudimentar. Conforme Rölke (2016, p. 214), “enquanto a família permanecia em Viana, os homens foram abrindo picadas rio Jucu acima. Nestes avanços floresta adentro, tiveram alguns conflitos com índios, que lá tinham as suas terras de plantio e caça”.

Ao subirem o rio, chegaram à localidade de Cuité, atual município de Domingos Martins, na serra da Boa Vista, em 27 de janeiro de 1847 (VIEIRA; VELTEN, 2015). Nessa data, atualmente, é comemorado o Dia do Imigrante Alemão, instituído pela Lei nº 9.283, de 26/08/2009, publicada no Diário Oficial da União de 27/08/2008. Na

Serra da Boa Vista, no Km 34 da BR 262, encontra-se o marco da colonização alemã em terras capixabas, onde é celebrado, todos os anos, um culto ecumênico como parte da programação da Sommerfest⁷. No ano de 2017, comemoraram-se 170 anos da imigração alemã no Espírito Santo. Na foto a seguir, tirada pela autora em 02/01/2017, por ocasião da 28ª Sommerfest, vê-se o referido Marco.

Foto 1 - Marco da Colonização Alemã no Espírito Santo



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Conforme Vieira e Velten (2015), das primeiras 39 famílias hunsriqueanas, 16 eram de confissão evangélica luterana e 23 eram católicas. As famílias se organizaram de acordo com a sua denominação religiosa: os católicos fundaram a Vila de Santa Isabel e os luteranos caminharam um pouco mais à frente até chegarem a um local onde “os mineiros costumavam acampar em suas viagens com tropas a Ouro Preto para o porto de Vitória. No Campinho, os luteranos construíram a sua igreja e aos poucos a vila foi crescendo. Hoje é a sede do município de Domingos Martins” (VIEIRA e VELTEN, 2015, p. 35).

A confissão religiosa também foi um importante fator de divisão entre esses primeiros imigrantes. A rivalidade fez com os luteranos se mantivessem isolados; os católicos, por outro lado, participavam mais ativamente de atividades com os

⁷ Festival da Imigração Alemã de Domingos Martins, Espírito Santo.

brasileiros. Desses fatos deu-se que os católicos cedo substituíram sua língua de herança pelo português, ao passo que os luteranos, que continuaram adentrando as matas rumo ao que atualmente é o município de Marechal Floriano, permaneceram falando o hunsrückisch (RAASCH, 2010).

Entretanto, independentemente de quaisquer diferenças, todos os imigrantes alemães encontraram dificuldades na sua instalação na nova terra, pois não tiveram a ajuda e o apoio prometidos pelo governo imperial. Também falavam uma língua estranha aos habitantes locais. Enfim, não foi fácil adentrar os rincões de floresta nativa para onde foram mandados, mas, mesmo assim, mostraram-se fortes e incansáveis: sobreviveram a toda sorte de problemas, como a falta de assistência médica e religiosa e a precariedade ou a inexistência de estradas e vias de comunicação. Não lhes restava outra saída senão trabalhar arduamente, visto que não lhes era possível voltar ao seu país de origem. Como aponta Martinuzzo (2009),

O denso verde das florestas, o intenso azul do céu tropical, as terras difíceis temperavam o desafio da vida nova com um misto de pavor e encantamento. Mas o desafio encontrou um espírito bravio e uma nova história de origem germânica começou a ser escrita nas montanhas do Espírito Santo (MARTINUZZO, 2009, p. 250).

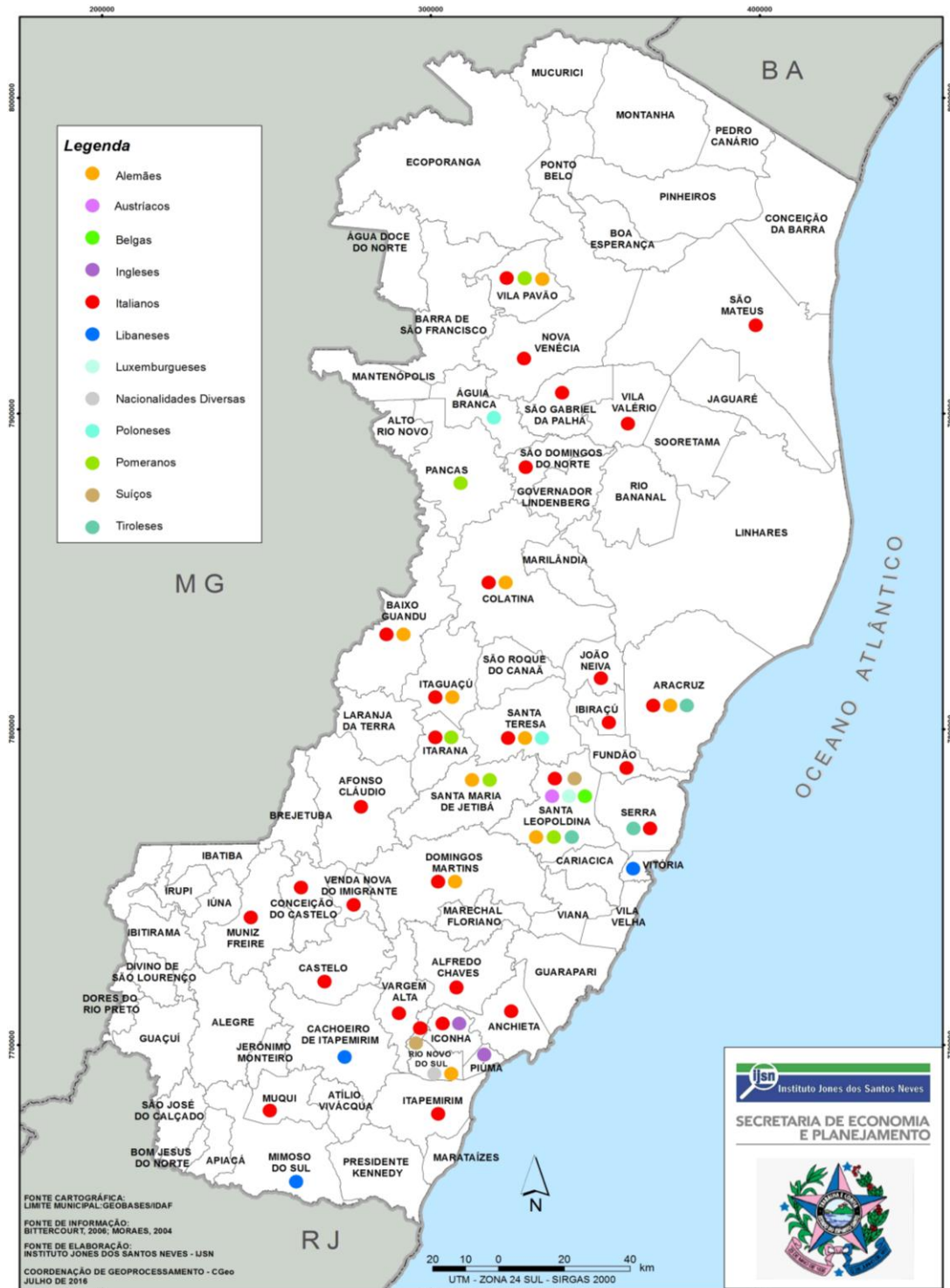
Nos mapas a seguir, vemos o histórico do povoamento do Espírito Santo (Mapa 1) e a atual localização dos imigrantes no estado (Mapa 2):

Mapa 1 - Histórico do povoamento do Espírito Santo



Fonte: Martinuzzo (2009, p. 41).

Mapa 2 – Focos de imigração no Espírito Santo



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves (2012)

Cinco décadas depois de sua chegada, segundo Martinuzzo (2009), os imigrantes e seus filhos já posavam orgulhosos para as fotografias familiares, com um sorriso de quem está em casa. Notadamente, esses imigrantes contribuíram para a política e a

economia do Espírito Santo. Dentre as tradicionais empresas capixabas, encontram-se, por exemplo, a Refrigerantes Coroa e a Chocolates Garoto⁸, as quais tiveram origem no trabalho de imigrantes alemães.

Atualmente, os descendentes de imigrantes alemães formam a maioria da população de Marechal Floriano, concentrando-se principalmente no interior do município, vivendo da agricultura. Várias famílias ainda falam o hunsrückisch, mas essa língua não está sendo passada para as gerações mais novas, devido às pressões sociais para a utilização do português e, em grande parte, pelo preconceito dos monolíngues contra os bilíngues. Entretanto, cremos que o hunsrückisch merece estar ao lado do português.

Dessa forma, passados mais de 170 anos da chegada dos primeiros imigrantes alemães ao estado, cabe a nós o reconhecimento e valorização tanto da língua quanto dos feitos dessas pessoas que construíram um novo lugar para viver. Esse legado histórico e cultural merece ser preservado e, para tentar contribuir para alcançar esse objetivo, elaboramos nossa proposta de ensino de Língua Portuguesa, a qual tem por referencial teórico a Sociolinguística Educacional, além dos Contatos Linguísticos, os temas do próximo capítulo.

⁸ Em 2002, a Companhia Nestlé iniciou negociações para a compra de 100% das ações da Chocolates Garoto. Fonte: http://www.gazetaonline.com.br/cbn_vitoria/reportagens/2016/05/chocolates-garoto-e-vendida-para-a-nestle-em-2002-1013947307.html. Acesso em: 24 fev. 2018.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Como dissemos, esta pesquisa buscará propor estratégias para o trabalho com a oralidade e a escrita nas aulas de Língua Portuguesa, pensando-se em alunos residentes em comunidades colonizadas por imigrantes, com uma forte diversidade linguística e cultural. Assim, ao pensarmos no referencial teórico que respaldará a proposta e as análises deste trabalho, temos em mente a Sociolinguística Educacional, que advoga o ensino do português culto, mas com o respeito às variedades - e às línguas - faladas pelos alunos e pela comunidade.

Por outro lado, nossa proposta de trabalho se dá numa localidade com uma presença marcante de descendentes de imigrantes, o que implica que aí houve o contato entre línguas. Por isso, precisamos nos ater a alguns dos pressupostos dos Contatos Linguísticos. Iniciamos este capítulo pelos Contatos Linguísticos, para podermos compreender melhor a constituição social e linguística de Marechal Floriano.

4.1 OS CONTATOS LINGUÍSTICOS

Uma língua só existe a partir do momento em que há um povo que a use em determinado território (COUTO, 2009). Segundo Couto (2016), a língua não é um instrumento de comunicação, mas, sim, a própria comunicação. É através dela que os indivíduos interagem verbalmente. As línguas, portanto, são dinâmicas, variando e sofrendo mudanças constantemente, em conformidade com as sociedades que as falam (PAIVA, 2016).

Dessa forma, quando falamos de contato linguístico, sabemos que não são exatamente as línguas que entram em contato, mas sim os povos que as falam, ao migrarem para outros locais onde é(são) falada(s) outra(s) língua(s). De acordo com Couto (2009, p. 51), “é possível detectar pelo menos quatro situações em que povos e respectivas línguas [...] entram em contato em determinado território”:

1) Na primeira, um povo - ou parte dele -, com a sua respectiva língua, se desloca para um território de outro povo que já se constituiu como comunidade e que também tem a sua língua. Este é o caso dos imigrantes, em que há o contato da língua do país hospedeiro – majoritária – com as línguas dos imigrantes - as minoritárias⁹. De acordo com Couto (2009), nesta situação, acontece o que se chamou de Lei das Três Gerações¹⁰:

[...] a primeira geração (quando migra adulta) aprende quando muito uma variedade pidginizada da língua hospedeira. Os seus filhos geralmente aprendem a língua do país hospedeiro e a dos pais, sendo, portanto bilíngues, continuando a usar a língua original em todas as interações intergrupais. Os netos, porém, tendem a preferir a língua da nova terra, mantendo, quando muito, um conhecimento passivo da língua original de seus avós. A quarta geração frequentemente não tem quase nenhum conhecimento da língua dos antepassados (COUTO, 2009, p. 51-2).

Temos, então, que este é o caso da comunidade de Marechal Floriano, no Espírito Santo: imigrantes alemães, falantes de uma língua minoritária, se fixaram em um território onde já havia um povo falante de português, a língua majoritária. Devido às dificuldades de contato com os brasileiros, inicialmente, a língua hunsrückisch pôde continuar sendo falada, vencendo a Lei das Três Gerações. Entretanto, o crescente contato dos descendentes de imigrantes com os brasileiros acarretou a também crescente substituição da língua minoritária pela majoritária, como acontece atualmente, principalmente na zona urbana do município.

2) A segunda situação se dá quando um povo econômica e militarmente mais forte se desloca para o território de outro, onde é(são) falada(s) outra(s) língua(s). Este é o caso dos conquistadores europeus que se instalaram nos demais continentes. De acordo com Couto (2009), uma consequência muito comum nesse tipo de contato é a implantação praticamente total da língua e da cultura dos colonizadores.

⁹ Entende-se por língua minoritária “a modalidade de línguas ou variedades usadas à margem ou ao lado de uma língua (majoritária) dominante. O ‘status político’ constitui, nesta definição, o critério central para o conceito de língua minoritária, muito mais do que a ‘representatividade numérica’ ou o ‘status social’ de seus falantes” (ALTENHOFEN, 2013, p. 94).

¹⁰ Outros autores do Contato Linguístico, como Weinreich (1970 [1953]), Appel e Muysken (1996), Coulmas (2005), Montrul (2013) etc., utilizam a expressão “Lei da Terceira Geração”.

3) A terceira situação ocorre quando tanto o povo mais forte quanto o(s) mais fraco(s) se deslocam para um terceiro território que não é pátria de nenhum deles, como uma ilha. Esta situação é a ideal para o surgimento de um pidgin ou um crioulo¹¹, como é o caso de Cabo Verde, da Ilha Maurício, das ilhas do Havaí etc.

4) A quarta e última situação de contatos linguísticos descrita por Couto (2009) acontece quando dois povos entram em contato constantemente, para estabelecer relações comerciais entre si, podendo surgir daí um pidgin. Outro caso é quando os povos se localizam em região de fronteira em que há acidentes geográficos – grandes rios ou cadeia de montanhas. Nestes casos, “cada um dos lados pode falar a própria língua quando se desloca para o T [território] adjacente” (COUTO, 2009, p. 54).

Por fim, esse autor observa que, atualmente, um fator expressivo para o aumento do contato de indivíduos e coletividades inteiras com outros povos e respectivas línguas é o crescente processo de globalização.

O contato entre duas ou mais línguas pode ser estudado sob diferentes perspectivas, como a centrada no indivíduo e/ou na sua produção linguística, ou centrada na comunidade. Nesta pesquisa, devido à sua temática, será focalizado o nível social dos contatos, especialmente os fatores favorecedores da manutenção ou da substituição de uma língua minoritária, para refletirmos sobre o papel das instituições públicas, especialmente da escola, para a (des)valorização da língua e da cultura dos alunos e de sua comunidade. Passemos a eles.

4.1.1 Os fatores que levam à manutenção ou à substituição linguística

Os contextos históricos e sociais que favorecem a manutenção de uma língua minoritária são basicamente os mesmos que favorecem a sua substituição, o que implica que, para um grupo de imigrantes manter a sua língua de herança - e se tornar bilíngue - ou substituí-la pela do país hospedeiro, é preciso que haja um

¹¹ Por fugir aos propósitos deste estudo, não mencionaremos os conceitos, as características e os exemplos de pidgins e crioulos. Para maiores informações, cf. Couto (2009).

conjunto de fatores que propiciem uma ou outra situação. Os mais apontados são (cf. WEINREICH, 1970; APPEL; MUYSKEN, 1996; FASOLD, 1996; MONTRUL, 2013):

- Os fatores demográficos: número de falantes, sua distribuição geográfica, o contraste urbano/rural, se houve imigração ou emigração em massa para/do território etc.;
- Os casamentos intra ou interétnicos;
- As atitudes (positivas ou negativas) da comunidade em relação à língua e à cultura de origem e a lealdade linguística;
- As redes sociais existentes nas comunidades;
- As semelhanças e diferenças entre as línguas/culturas em contato;
- A utilidade da língua minoritária;
- O apoio institucional - ou não - à língua minoritária: a escolarização apenas na língua majoritária ou também na minoritária, a utilização da língua minoritária por órgãos do governo, organizações culturais, meios de comunicação (rádio, jornal, livros e revistas) e pela religião.

Além desses fatores, vários depoimentos de descendentes de imigrantes italianos e pomeranos residentes no Espírito Santo indicam outros motivos – também aplicados aos imigrantes alemães - que contribuíram para a interrupção da transmissão da língua ancestral às gerações seguintes (cf. BREMENKAMP, 2014; PERES, 2014; COMINOTTI, 2015; PERES, DADALTO, BOTTER, 2016):

- A simpatia dos descendentes de imigrantes em relação ao povo e à cultura brasileira;
- O uso da língua de imigração entre os adultos para as conversas sigilosas;
- Nas zonas urbanas, a necessidade de contato com pessoas de outras etnias;
- O preconceito linguístico que os imigrantes sofreram, dando origem ao desejo de que o mesmo não acontecesse com os filhos; e
- A proibição de se falarem as línguas de imigração no país, decretada pelo governo de Getúlio Vargas, fator este ligado ao apoio institucional às línguas minoritárias, como falaremos a seguir.

Das causas apontadas acima, iremos remeter-nos àquelas que estão mais relacionadas ao tema da nossa pesquisa: o papel dos organismos públicos para a preservação ou a eliminação das línguas minoritárias e a contribuição da escola para que isso aconteça.

No Brasil, um importante fato que contribuiu para a diminuição do uso das línguas de imigração foi a Campanha de Nacionalização promovida pelo governo de Getúlio Vargas, nas décadas de 1930 e 1940. A Campanha consistiu em um conjunto de decretos-lei que, entre outras determinações, proibia os imigrantes e seus descendentes de fazerem uso de suas línguas maternas (MAHER, 2013).

Segundo Oliveira (2009), a política linguística de Vargas ia ao encontro de um Projeto de Nacionalização com vistas à unidade nacional baseada em um governo forte e no uso exclusivo da língua portuguesa:

Durante o Estado Novo, mas sobretudo entre 1941 e 1945, o governo ocupou as escolas comunitárias e as desapropriou, fechou gráficas de jornais em alemão e italiano, perseguiu, prendeu e torturou pessoas simplesmente por falarem suas línguas maternas em público ou mesmo privadamente, dentro de suas casas, instaurando uma atmosfera de terror e vergonha que inviabilizou em grande parte a reprodução dessas línguas [...]. Essas línguas perderam sua forma escrita e seu lugar nas cidades, passando seus falantes a usá-las apenas oralmente e cada vez mais na zona rural, em âmbitos comunicacionais cada vez mais restritos (OLIVEIRA, 2009, p. 22).

Neste ponto, é importante observar que essa situação também atingiu a língua hunsrückisch, no Espírito Santo. À época, o município de Domingos Martins sofreu sérias consequências por essa política, sendo proibida qualquer manifestação cultural que fizesse lembrar a Alemanha¹², principalmente a língua. Segundo Vieira e Velten (2015), pessoas que falavam o hunsrückisch eram brutalmente agredidas pelas forças do governo; o templo luterano em Campinho - atualmente, a Sede de Domingos Martins - teve as suas portas fechadas e o lustre coberto com um pano preto, por trazer uma inscrição em alemão standard. Além disso, os túmulos cujas lápides tinham inscrições em alemão foram destruídos ou pichados com tinta preta;

¹² Outras línguas faladas no município de Domingos Martins, como a língua pomerana e as italianas, também foram proibidas. Por nos atermos à nossa temática, falamos aqui somente sobre o hunsrückisch.

pastores foram detidos e proibidos de executar os seus serviços eclesiásticos dentro das suas comunidades; casas foram invadidas em busca de armas etc.

Dessa forma, imperava o medo e, com isso, a língua deixou de ser falada em muitos lares, principalmente na zona urbana, onde a concentração de pessoas era maior e o policiamento, mais ostensivo. Com a interrupção de seu uso diário e de sua transmissão aos mais jovens, a língua teve sua vitalidade seriamente ameaçada, até quase ser extinta. Como explica Couto (2009):

[...] a língua se forma e se transforma, ou seja, nasce, vive e define em função dos atos de interação comunicativa, ou da ausência deles. Dito de outro modo, por um lado, ela só pode nascer na interação, ou seja, das pessoas tentando se comunicar. Por outro lado, nos próprios atos de interação comunicativa concretos, a língua se altera para se adaptar a novas situações. Por fim, se as pessoas começarem a deixar de usá-la para se comunicarem entre si, por exemplo, por estarem adquirindo outra língua, ela entra em obsolescência, podendo desaparecer (COUTO, 2009, p. 45).

Entretanto - observa o autor -, pode haver uma resistência cultural e a língua de imigração permanecer sendo falada, tornando-se bilíngue a comunidade, como acontece quando os imigrantes e seus descendentes se identificam muito com seu grupo e sua cultura. Couto (2009) considera um fator importante de manutenção linguística a forte consciência da própria identidade frente à sociedade envolvente. Havendo essa identificação, o processo de obsolescência e de morte da língua minoritária pode ocorrer mais lentamente ou mesmo não acontecer.

O que expusemos até aqui nos remete à existência de ações que visam à preservação e valorização da diversidade linguística ou, ao contrário, que visam à preservação do mito do monolinguismo. Segundo Maher (2013), infelizmente, no imaginário da imensa maioria dos brasileiros, somos um país monolíngue. Esse mito decorre da falta de conhecimento da realidade, no que se refere aos aspectos culturais, sociais, históricos e linguísticos do nosso país. Como afirma Oliveira (2009),

[...] no Brasil de hoje são falados por volta de 200 idiomas. As nações indígenas do país falam cerca de 170 línguas (chamadas de autóctones), e as comunidades de descendentes de imigrantes outras 30 línguas (chamadas de línguas alóctones). Somos, portanto, como a maioria dos

países do mundo - em 94% dos países do mundo são faladas mais de uma língua - um país de muitas línguas, plurilíngüe (OLIVEIRA, 2009, p. 1).

O Brasil está entre os oito países mais plurilíngües do mundo¹³, mas essa realidade não é divulgada. Para Maher (2013), é relevante atentar-se para o conhecimento produzido no Brasil de que aqui se fala o português e ao desconhecimento de outras línguas que foram e ainda são faladas, pois o fato de as pessoas aceitarem passivamente que o português é a única língua do país é fator fundamental para obter-se o consenso das majorias para as políticas de repressão às outras línguas.

Opinião semelhante tem Rosângela Morello, Coordenadora do Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL) de Santa Catarina. Em entrevista ao programa televisivo UFSC Entrevista¹⁴, a pesquisadora afirma que compreender a diversidade linguística como uma questão política é um fator muito importante para a identidade dos falantes e para garantir seus direitos linguísticos. A pesquisadora ressalta ainda que reconhecer a pluralidade linguística permite que as pessoas também se reconheçam nas suas línguas.

As ideias aqui delineadas nos levam à relevante questão das políticas governamentais de proteção às línguas minoritárias, tema tratado na Subseção a seguir.

4.1.2 Políticas linguísticas para as línguas minoritárias

Rajagopalan (2013) assim conceitua a política linguística:

[...] a política linguística é a arte de conduzir as reflexões em torno de línguas específicas, com o intuito de conduzir ações concretas de interesse público relativo à(s) língua(s) que importa(m) para o povo de uma nação, de um estado ou ainda, instâncias transnacionais maiores (RAJAGOPALAN, 2013, p. 21).

¹³ De acordo com Maher (2013), a ONU declara que há, atualmente, 193 Países-Membros e, conforme a UNESCO, mais de 6.000 línguas são faladas no planeta. Então, segundo essa autora, “o multilinguismo mundial é um estado de normalidade, enquanto que o monolinguismo é um absoluto estado de exceção no mundo. O Brasil [...] está para confirmar a regra” (MAHER, 2013, p. 118).

¹⁴ Entrevista realizada em 04/09/2015. Disponível em: <http://tv.ufsc.br/2015/09/04/ufsc-entrevista-desta-segunda-aborda-a-variedade-de-linguas-faladas-no-brasil/>. Acesso em: 05 fev. 2018.

Nesse sentido, segundo Rajagopalan (2013), lutar em favor dos direitos linguísticos de minorias é certamente uma obrigação e uma importante meta. Altenhofen (2013, p. 95) afirma que “todas [as línguas] – sem exceção - têm o seu valor definido pelos usuários e respectivas comunidades de fala, a quem deve ser garantido o direito de uso”. Altenhofen (2013) pondera que, ao se pensar em política linguística, devemos levar em conta ações que promovam o respeito a todas as línguas:

A abordagem para uma política linguística voltada a essas línguas [minoritárias] parte, assim, da pressuposição de que sua construção necessariamente é plural, porque plurais são as sociedades humanas e as situações de uso das línguas. Daí a suposição de que uma política linguística plural implica a inclusão e o respeito à diversidade de línguas, não apenas no sentido de “garantir voz”¹⁵ às diferentes comunidades linguísticas que co-habitam determinado espaço de legislação, como também, e principalmente, no sentido de “dar ouvidos” e incentivar o plurilinguismo (ALTENHOFEN, 2013, p. 96).

Nessa perspectiva, analisando-se o panorama sociolinguístico brasileiro, vemos que, se é importante a existência de uma língua nacional comum a todos os estados, também é imprescindível o reconhecimento pelos vários estados de que existem diferentes línguas sendo usadas em diversos contextos de comunicação. Diante desse cenário, justifica-se a necessidade de políticas que protejam e garantam a diversidade linguística (OLIVEIRA, 2011).

Esse primeiro passo já foi dado no Brasil, segundo Morello (2015). A pesquisadora destaca a importância da Constituição de 1988, quando o Estado reconheceu o direito das línguas indígenas, embora não dissesse nada a respeito das demais línguas faladas no Brasil. Mesmo assim, o Estado abriu caminhos para novas medidas não só de salvaguarda e documentação linguística, mas também de promoção de ensino das línguas faladas no Brasil. A pesquisadora observa ainda que, para promover uma língua, não basta documentá-la ou descrevê-la, mas igualmente criar estratégias de políticas públicas envolvendo as comunidades, para que essa língua tenha seu estatuto promovido e que possa ser usada nos mais

¹⁵ De acordo com Altenhofen (2013), dizer que se deve dar voz a falantes de uma língua é um equívoco, pois os grupos linguísticos sempre tiveram voz. O grande problema, segundo ele, é que não se dava ouvidos a essa voz; assim, o autor sugere substituir a expressão “dar voz” por “garantir voz”, a fim de haver participação ativa dos falantes nos debates da sociedade.

variados espaços, seja em casa, na rua, na escola e na mídia em geral, por meio das tecnologias da comunicação e da informação.

As políticas linguísticas do Estado voltadas unicamente para as línguas indígenas também foram questionadas por Altenhofen (2013), quando tece uma crítica ao Censo Demográfico 2010, do IBGE. Nesse Censo, a pergunta referente às línguas faladas nos lares brasileiros, além do português, abrange apenas as indígenas, não incluindo as línguas existentes no país. Dessa forma, continuamos sem conhecer mais precisamente as habilidades e práticas linguísticas dos brasileiros de todas as regiões, um dado que favoreceria a promoção de diversas manifestações culturais, assim como a melhoria do ensino.

Assim sendo, a população brasileira que não fala somente o português deve se reconhecer em suas línguas e usufruir de políticas públicas que favoreçam a sua língua minoritária, como a educação, aprendendo a ler, a escrever e a produzir conhecimento nela. Nesse sentido, Altenhofen (2013) tece outra crítica, desta vez à escola, afirmando que “o âmbito escolar está repleto de exemplos de ‘insensibilidade cultural’ para o plurilinguismo e as especificidades da língua minoritária do aluno” (ALTENHOFEN, 2013, p. 100).

O que se disse até aqui pôde ser comprovado na comunidade estudada por nós, por meio de nossas entrevistas a famílias hunsriqueanas, ao afirmarem que deixaram de falar o hunsrückisch assim que foram à escola, para não atrapalhar o estudo da língua portuguesa. Portanto, cremos ser muito importante reconhecer que o Brasil também é um país plurilíngue, e essa diversidade cultural e linguística deve fazer parte da formação de professores e da educação dos estudantes, pois a regra é nos depararmos com essa diversidade em sala de aula. Aprofundaremos essas questões na seção a seguir, ao apresentarmos as contribuições da Sociolinguística para o ensino de Língua Portuguesa.

4.2 A SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL

Outro aspecto fundamental para esta pesquisa é o ensino de língua materna pelo olhar da Sociolinguística Educacional, já que esta defende o ensino da variedade culta de uma língua juntamente com o tratamento respeitoso e a valorização da linguagem do aluno e da comunidade por parte do professor de Português e da escola.

A Sociolinguística Educacional, portanto, contribui com reflexões sobre temas como variação e variedades linguísticas, a noção de erro em linguagem, preconceito linguístico, políticas para o ensino e formação docente etc., para preparar os professores para uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas dos alunos. Nas próximas seções, esses temas serão discutidos, iniciando-se pela variação e as variedades linguísticas.

4.2.1 A variação e as variedades linguísticas

Segundo Paiva (2016, p. 23), “as línguas humanas são sistemas dinâmicos, mutáveis e flexíveis que, ao longo do tempo, se acomodam tanto às mudanças socioculturais das comunidades de fala como às necessidades comunicativas dos seus usuários”. Portanto, para entendermos as mudanças que sofrem as línguas, é necessário aceitar que elas variam em função de diferentes aspectos, tanto estruturais quanto externos, ou seja, as características dos usuários, tais como sua idade, sexo/gênero e classe social, e também pelo estilo/registro de fala. De acordo com Faraco (2015), a variação perpassa toda a experiência dos falantes de uma língua:

“[...] todos os falantes (sem exceção) vivem num ambiente sociolinguístico heterogêneo. Em casa ou na rua, ouvem pessoas de diferentes faixas etárias, desde idosos até adolescentes e crianças (e sabemos que a expressão linguística varia muito de acordo com a idade); ouvem rádio e televisão (esses meios de comunicação estão em praticamente 100% dos lares brasileiros e se expressam, em geral, nas variedades cultas); frequentam a igreja, a escola, o posto de saúde, o local de trabalho, o sindicato, clubes sociais ou esportivos e assim por diante. Em cada um desses contextos, ouvem as mais diferentes variedades da língua”. (FARACO, 2015, p. 28)

E o que são variedades da língua? “Uma variedade linguística é um dos muitos ‘modos de falar’ uma língua” (BAGNO, 2007b, p. 47). Como exemplos, temos a variedade carioca, a paulista, a mineira e a capixaba, que se subdividem, dependendo da formação sócio-histórica das comunidades. A existência de variedades linguísticas tem relação direta com a constituição social da comunidade em que elas são faladas e das características e dos papéis sociais dos seus usuários, conforme Paiva (2016).

As variedades linguísticas são uma consequência da variação inerente a todas as línguas naturais. Os linguistas apontam as diferentes formas de variação: diacrônica, diamésica, diastrática e diatópica (ILARI; BASSO, 2012). Bagno (2007b) aponta ainda a *variação diafásica*, que é a estilística, decorrente do maior ou menor monitoramento dos falantes nas diversas situações em que usa a língua.

A *variação diacrônica*, segundo Ilari e Basso (2012), é aquela que ocorre através do tempo, da qual nenhuma língua escapa. Pode ser percebida no decurso dos séculos ou no tempo aparente, comparando-se a linguagem de diferentes gerações. Exemplo disso são as gírias que conhecemos, mas que soam antigas: *estar de bonde*, num contexto de namoro à moda antiga, que significava *estar com a namorada* (ILARI; BASSO, 2012, p. 152).

Outro tipo de variação é a *diatópica* - ou *geográfica* -, que consiste nas diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países. É o que ocorre, por exemplo, com a palavra *chiclete*, conhecida em Portugal como *pastilha elástica* (ILARI; BASSO, 2012, p. 158).

Há igualmente a *variação diastrática*, que se refere à variação no uso da língua por pessoas de diferentes estratos sociais ou níveis de escolaridade, nos níveis fonético-fonológico, morfológico e sintático da língua. Como exemplo, temos o uso dos pronomes do caso reto na posição de objeto, em variedades não cultas: “A mulher xingou eu” (ILARI; BASSO, 2012, p. 176).

A *variação diamésica*, por sua vez, está associada etimologicamente ao uso de diferentes meios ou veículos de propagação da língua. Compreende, portanto, as diferenças que podemos observar entre a língua falada e a língua escrita, como as palavras faladas “né” e “téquinico”, escritas, respectivamente, “não é” e “técnico” (ILARI; BASSO, 2012, p. 181).

Resumindo o que dissemos, as variações citadas, por fazerem parte de toda e qualquer língua, são atestadas por todos os seus falantes e, em conjunto, constituem as variedades linguísticas. Entretanto, de acordo com cada comunidade, essas variedades estarão associadas a prestígio, por um lado, ou a preconceito e discriminação, por outro, dependendo sobretudo da classe social dos falantes (BORTONI-RICARDO, 2006; FERREIRA, 2011; PEREIRA, 2013; CYRANKA, 2015).

Dessa forma, em cada sociedade, a variedade falada pela classe dominante passa a ser utilizada pelos órgãos públicos, pela imprensa etc. e a ser ensinada nas escolas. As demais variedades, faladas pelas pessoas sem poder socioeconômico e político, são as *populares* e têm tão pouco prestígio quanto os seus falantes, sendo alvo de correção pelos professores e outros agentes de coerção linguística.

As consequências do julgamento das variedades sem prestígio dão origem aos chamados *erros* e, por conseguinte, ao preconceito linguístico, nossos próximos temas.

4.2.2 A noção de erro e o preconceito linguístico

A noção de erro na linguagem está relacionada à existência e ao uso de diferentes variedades de uma língua. No Brasil, essa ideia ganhou força nas três últimas décadas do século XIX, quando se difundiu um discurso normativo que recusava as características do português brasileiro em defesa da adoção das características do português europeu como norma de referência, principalmente para o ensino. Assim, as marcas do português brasileiro foram classificadas como erros ou, pior, deficiência. Conforme Lucchesi (2015),

O estereótipo do brasileiro que não sabe falar o português integra uma representação mais ampla e profunda que desgraçadamente marcou o imaginário nacional: o da inferioridade do povo brasileiro – ‘uma sub-raça de mestiços resultante do cruzamento do degredado português, do índio preguiçoso e do negro boçal’. Esse terrível estigma teve um papel preponderante na depreciação da autoimagem dos brasileiros, contribuindo para marcar negativamente tudo o que fosse nacional e popular. (LUCCHESI, 2015, p. 194)

Essa ideia estava atrelada ao projeto de grande parte da elite brasileira de construir aqui uma sociedade branca e europeia (FARACO, 2015). Esse projeto

[...] instaurou entre nós uma cisão entre a língua culta praticada e a língua culta predicada [...], cisão que, século e meio depois, ainda nos atormenta. De um lado, a expressão culta efetivamente praticada e, de outro, um conjunto de preceitos artificiais tomados como régua impiedosa com a qual se desclassificam as pessoas, lançando sobre elas o estigma excludente da ignorância linguística (FARACO, 2015, p.23).

De acordo com Faraco (2015, p. 25), o português culto são “variedades típicas e tradicionalmente urbanas, próprias dos segmentos sociais melhor situados na pirâmide econômica e, portanto, com acesso histórico pelo menos à educação básica completa e aos bens da cultura letrada”. Por outro lado, o português não culto ou popular são “variedades de origem rural, própria dos segmentos sociais da parte baixa da pirâmide econômica e, portanto, com acesso historicamente muito restrito à educação básica completa e aos bens da cultura letrada” (FARACO, 2015, p. 25).

Embora a variação e, portanto, as variedades sejam verdades incontestáveis na língua portuguesa - bem como em todas as línguas -, as chamadas variedades populares sempre foram desprestigiadas socialmente, sendo consideradas inferiores ou mesmo erradas, devendo, por isso, sofrer a ação coercitiva e punitiva da escola. Bortoni-Ricardo (2005, p. 14) destaca que, no Brasil, “as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta. A escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado”.

Por outro lado, a autora adverte que a padronização da língua não deixa de ser também necessária, pois está na base de todo estado moderno, na formação do seu aparato institucional burocrático, assim como no desenvolvimento do acervo

tecnológico e científico de um país. Segundo ela, se a língua oral é inerentemente variável, servindo para marcar a identidade dos falantes, seus papéis sociais e seu alinhamento com o interlocutor, a língua escrita pede uma maior padronização, especialmente quanto à ortografia, devendo o professor estar atento a ela¹⁶.

A ideia de erro da linguagem origina uma outra, igualmente discriminatória, segregacionista: a de que os falantes das variedades populares não sabem falar português. Essa ideia, na verdade, é uma forma de, mais do que desprestigiar a linguagem das pessoas pobres, induzi-las a pensar que são, elas próprias, inferiores e incapazes.

Assim, segundo Bagno (2007a), ao se condenar a variedade linguística de um falante, condena-se a própria pessoa. A avaliação é essencialmente social, ou seja, não é propriamente a língua que está sendo avaliada, mas a pessoa que se serve dela. Surgem daí o preconceito e a intolerância, frutos da não aceitação das diferenças. Leite (2008) estipula a diferença entre preconceito e intolerância:

“O preconceito é a discriminação silenciosa e sorrateira que o indivíduo pode ter em relação à linguagem do outro: É um não-gostar, um achar-feio ou achar-errado um uso (ou uma língua), sem a discussão do contrário, daquilo que poderia configurar o que viesse a ser o bonito ou correto. É um não-gostar sem ação discursiva clara sobre o fato rejeitado. A intolerância, ao contrário, é ruidosa, explícita, porque, necessariamente, se manifesta por um discurso metalinguístico calcado em dicotomias, em contrários” (LEITE, 2008, p. 24-5).

Dessa forma, o preconceito e a intolerância são, ambos, formas perversas que terminam por aviltar uma pessoa e/ou um grupo. Para Bagno (2007a),

[...] os preconceitos, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito. E o tipo mais trágico de preconceito não é aquele que é exercido por uma pessoa em relação à outra, mas o preconceito que uma pessoa exerce contra si mesma (BAGNO, 2007a, p. 75 - 76).

¹⁶ Segundo Bortoni-Ricardo (2006, p. 273), “a Sociolinguística abomina referir-se a erros quando se trata de fala, considerando-os, todavia, quando são transgressões ortográficas”.

O preconceito linguístico foi uma preocupação também dos PCN (BRASIL, 1998), que advertem os docentes de Língua Portuguesa sobre a importância de se trabalhar com o tema em sala de aula, evitando a discriminação das variedades populares e de seus falantes. De acordo com Mollica (2007), o preconceito linguístico pode ser combatido mediante algumas estratégias, se adotadas pelos professores em suas aulas: a) a identificação das diferenças entre as variedades; b) a conscientização dos distintos usos da língua; e c) o ensino da língua culta por meio de textos, sem abrir mão de exercícios.

Vemos, portanto, a importância do professor de Português para o ensino da variedade culta da língua e, ao mesmo tempo, para promover o respeito à variedade e à cultura de seus alunos. Na próxima seção, abordaremos as contribuições da Sociolinguística para o ensino de língua materna.

4.2.3 A Sociolinguística e o ensino da língua portuguesa

Muitos sociolinguistas no Brasil têm discutido a relação entre o uso da linguagem e as questões sociais, chamando a atenção para a associação comumente feita e divulgada, inclusive pela mídia, entre as variedades não cultas e formas inferiores e/ou erradas da língua (CARDOSO, 2013).

Por isso, a Sociolinguística, na sua vertente educacional, por meio de suas pesquisas, luta para erradicar: o modelo da deficiência linguística, proveniente da comparação entre a variedade culta com as populares, ao explicitar que “nenhuma língua ou variedade poderia ser mais considerada inerentemente inferior ou superior a outra similar” (CAMACHO, 2013, p.50); o preconceito contra as variedades populares e seus falantes, ao lembrar que “ninguém pode ser discriminado pela variedade de língua que fala, nem deve ser excluído do acesso aos bens da cultura letrada” (FARACO, 2015, p. 27); e o mito da homogeneidade linguística, ao advertir que “construir um mito da unidade linguística serviu/serve para negar as diferenças

sociais e mascarar os verdadeiros interesses materiais por trás de um discurso pretensamente patriótico” (CARDOSO, 2013, p. 245)¹⁷.

Diante do que foi exposto até aqui, vemos que a língua é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em (re)construção, em vista das múltiplas situações comunicativas. Pensando-se assim, em que pode a teoria sociolinguística contribuir para o trabalho do professor de língua materna? Como afirmam Mollica e Ferrarezi Jr. (2016, p. 11), uma contribuição é apontar “para a orientação de uma pedagogia que leve em conta a heterogeneidade das línguas e das comunidades discursivas, de modo a afinar-se às diretrizes de uma educação mais moderna e inclusiva”.

O trabalho com a Sociolinguística Educacional, conforme Cyranka (2015), também possibilita uma reflexão quanto aos usos da língua, ampliando a competência comunicativa do aluno e abrindo-lhe caminhos para sua inserção social e construção de sua própria autonomia. O resultado disso, segundo a autora, é que o educando passa a ter mais segurança ao se expressar, percebendo-se falante legítimo de sua língua e, por fim, em condições de galgar certos postos e funções na sociedade que dificilmente ele teria.

Para que esses objetivos sejam alcançados, alguns temas devem ser discutidos na disciplina de Língua Portuguesa, assim como algumas questões têm que ser constantemente pensadas, como:

a) a crítica ao ensino tradicional da língua, negando-se a prevalência do ensino descritivo e prescritivo da gramática em favor do ensino reflexivo e produtivo, sendo este uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento da competência

¹⁷ Ilari e Basso (2012, p. 151) apontam três motivos que fazem com que vigore a ideia do português brasileiro com língua uniforme: a) uma certa forma de nacionalismo; b) uma visão limitada do fenômeno linguístico, que só consegue levar em conta a língua culta; c) uma certa insensibilidade para a variação, contrapartida do fato de que os falantes se adaptam naturalmente a diferentes contextos de fala”.

comunicativa dos alunos, para a formação do leitor e do produtor de texto maduro, crítico, autônomo (CYRANKA, 2015);

b) o ensino da norma culta, mas, ao mesmo tempo, a conscientização dos educandos sobre a variação inerente a toda língua natural, pois, de acordo com Bagno (2015, p. 214), “os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares”;

c) o repúdio ao preconceito e à discriminação, por meio de uma educação esclarecedora (LEITE, 2008) e pautada na cientificidade, entendendo-se que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana (BRASIL, 1998);

d) a discussão de temas como raça, cor e etnia, para que os alunos tenham uma maior percepção sobre a sua própria identidade, bem como acerca das identidades com quem interagem dentro ou fora do ambiente escolar (FERREIRA, 2011); e

e) o conhecimento, por parte da escola, do aluno e da comunidade de fala a que ele pertence, seus valores culturais, a vivência de práticas de letramento e a posse de dados etnográficos para nortear o ensino (CYRANKA, 2015).

A respeito das questões levantadas acima, Bortoni-Ricardo (2005) resume:

Os alunos que chegam à escola falando “nós cheguemu”, “abrido” e “ele drome”, por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm o direito alienável de aprender as variantes de prestígio dessas expressões. [...] O caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

Nesses termos, Bagno (2007b) propõe uma reeducação sociolinguística, que consiste em uma reorganização dos saberes linguísticos, partindo daquilo que a pessoa já sabe - e sabe muito bem -, que é falar a sua língua materna com desenvoltura e eficiência. Entre as vantagens dessa proposta, podemos citar: a promoção da autoestima dos alunos, dizendo-lhes que eles sabem o português, mas que a escola vai ajudá-los a desenvolver ainda mais esse saber; a garantia de acesso dos alunos a outras formas de falar e de escrever, ampliando-lhe o repertório comunicativo; a conscientização do alunado de que a língua é usada como elemento

de promoção social, mas também de repressão e discriminação, necessitando, por isso, da desconstrução do preconceito linguístico contra suas práticas de discriminação por meio da linguagem; e o reconhecimento da diversidade linguística como uma riqueza da nossa cultura.

Sabendo-se que a reeducação sociolinguística dos alunos passa inevitavelmente pela reeducação sociolinguística do professor, espera-se uma atualização e um aprimoramento constante desse profissional, para, de fato, engajar-se em uma prática docente libertadora e democrática, fugindo das ideologias arcaicas e preconceituosas sobre línguas que circulam no senso comum (BAGNO, 2007b).

É certo que, nessa perspectiva de ensino, o trabalho do professor não é nada fácil, pois estão envolvidas questões que vão além dos muros da escola, envolvendo a concepção centenária da língua culta e seu ensino, as políticas públicas, a mídia etc. A esse respeito, Faraco (2015) afirma:

Não quero, porém, passar a impressão de que tudo isso seja fácil. Há um longo e árduo caminho a ser percorrido. Precisamos estar cientes de que, nas questões que envolvem a língua, há muito mais do que aquilo em que nossa razão acredita. Há uma trama de imagens e significações que recobre a língua e que é muito poderosa, mais poderosa do que toda a argumentação lógico-racional com que estamos acostumados na vida acadêmica, mais poderosa do que toda a argumentação empírica que possamos desenvolver. [...] Nós, educadores, temos de nos debruçar sobre a complexidade desses fatores envolvidos na compreensão socialmente predominante em matéria de língua; precisamos incorporar em nossas reflexões o tema do imaginário constitutivo dos modos como a sociedade apreende as questões da língua. Isso tudo para que, entendendo melhor esses mecanismos sociais que dão sentidos à língua, sejamos capazes de descobrir maneiras de fazer frente a eles crítica e produtivamente (FARACO, 2015, p. 30).

Em resumo, a Sociolinguística propõe uma reflexão acerca dos usos da língua, sua história, sua dimensão como instrumento identitário. Dessa forma, a vertente educacional dessa corrente teórica afirma que escola não pode continuar sendo uma agência reprodutora de desigualdades sociais. Assim, a prática docente quanto ao uso da língua e suas variações implica um olhar especial à pluralidade cultural, com vistas à rejeição de preconceitos, os quais devem ser combatidos a partir da educação infantil e do ensino fundamental.

Portanto, a escola deve valorizar todas as variedades, não inibindo nenhum falante por considerar a sua língua desprestigiada; pelo contrário, deve levá-lo a reconhecer a importância dos diversos usos da língua nas práticas sociais. Como afirma Bortoni-Ricardo (2004, p. 33), “Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social”. Nessa perspectiva, Baronas e Cobucci (2016) afirmam que é de inegável importância a escola conhecer o seu público, muito diversificado atualmente, “em que alunos de diferentes estratos sociais trazem seus valores e sua maneira de agir e também de falar” (BARONAS; COBUCCI, 2016, p. 180).

E o que se pode dizer do ensino de português em comunidades colonizadas por imigrantes, que ainda trazem fortes marcas da(s) língua(s) e da(s) cultura(s) de herança?

Lima-Hernandes (2016) denomina “língua de herança” aquela que “remete à ideia de que alguém recebe de gerações passadas algo precioso, do qual deve tomar posse como uma continuidade familiar e como uma necessidade de delineação identitária” (LIMA-HERNANDES, 2016, p. 98). E uma das frentes da investigação sociolinguística leva em consideração as línguas envolvidas nos deslocamentos geográficos. Esses estudos são direcionados para a valorização da identidade dos educandos e da comunidade onde eles vivem. Estamos falando de uma situação em que falantes nativos de uma língua nacional têm, em casa e em outros ambientes particulares de comunicação, outra(s) língua(s) aprendidas com os antepassados.

No contexto da nossa pesquisa, percebemos que a língua de herança majoritária do município de Marechal Floriano, o hunsrückisch, tem sido deixada de lado por várias famílias. Isso é lamentável, pois sabemos que é possível a comunidade preservar a sua língua de herança e também ser proficiente na língua oficial, tornando-se bilíngue. E não se pode negar o valor cultural do indivíduo e da comunidade bilíngue.

Daí a necessidade de políticas linguísticas de preservação de línguas minoritárias como um direito social e político dos descendentes de imigrantes. E, com o suporte da Sociolinguística, é possível dar o devido respeito aos indivíduos bilíngues ou multilíngues e resgatar sua autoestima por meio de ações que envolvam a comunidade em geral, favorecendo o reconhecimento da riqueza linguística e cultural local.

Para respaldar a nossa pesquisa, buscando a legalidade dos direitos das comunidades linguísticas, apoiamo-nos em Oliveira (2003), que afirma que “o conhecimento da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos é fundamental para a discussão de políticas públicas do ensino da gestão de línguas no Brasil e para os educadores que trabalham com questões linguísticas”. A Declaração vem, portanto, validar o direito de os cidadãos usarem a língua que receberam dos ancestrais, a manterem e a promoverem em todas as formas de expressão cultural, considerando, assim, os direitos linguísticos como direitos humanos.

Além desse respaldo legal, nossa pesquisa se apoia no Plano Nacional de Educação, Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que traz no Art. 7º, em seu quarto parágrafo, a seguinte redação:

Haverá regime de colaboração específico para a implementação de modalidades de educação escolar que necessitem considerar territórios étnico-educacionais e a utilização de estratégias que levem em conta as identidades e especificidades socioculturais e linguísticas de cada comunidade envolvida, assegurada a consulta prévia e informada a essa comunidade (BRASIL, 2014, p. 45,46).

Dessa forma, o reconhecimento da heterogeneidade linguística não pode ficar na simples constatação, por parte da escola e do professor, mas precisa

[...] incorporar também uma instância de crítica e questionamento das crenças linguísticas estabelecidas e, sobretudo, de militância na reivindicação do direito que tem toda e qualquer pessoa com cidadania brasileira de falar e escrever a(s) sua(s) língua(s) materna(s) (BAGNO, 2007b, p. 22).

A título de conclusão, ao adotarmos os pressupostos da Sociolinguística Educacional para a nossa pesquisa e para a nossa prática educativa, almejamos o

ensino da variedade culta da língua portuguesa aos alunos, mas levando-os à conscientização de que pertencem a uma comunidade que, até relativamente pouco tempo, era majoritariamente bilíngue e, principalmente, de que a língua e a cultura de seus antepassados também merecem ser valorizadas.

Tendo sido expostos os pressupostos teóricos que orientaram esta pesquisa, passamos a descrever, no próximo capítulo, os procedimentos metodológicos que foram adotados.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS –, coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), é ofertado em rede nacional aos professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e visa capacitar os docentes para haver uma melhoria da qualidade do ensino por meio do desenvolvimento de habilidades com leitura, compreensão/interpretação e produção textual, promovendo, assim, a participação ativa dos alunos na sociedade.

A proposta deste Mestrado viabiliza uma importante oportunidade de estudo – a formação de professores em atividade profissional - com vistas a refletir sobre a sua prática e criar estratégias inovadoras e estratégias didáticas para o ensino de Língua Portuguesa. Sendo assim, “um dos elementos desse tipo de mestrado é a possibilidade da elaboração de produtos educacionais que visam atender as demandas encontradas pelos professores” (FREIRE, GUERRINI, DUTRA, 2016, p. 101). Em vista disso, organizamos um guia didático com propostas de atividades pedagógicas destinadas ao professor de Língua Portuguesa, para poder fazer uso no ensino de Português em contexto de acentuada diversidade linguística.

Assim, neste capítulo, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados por nós para a realização desta pesquisa. Primeiramente, a comunidade onde se localiza a nossa escola, a fim de compreendermos o contexto social, cultural e linguístico que levamos em conta para construirmos a nossa proposta pedagógica. Em seguida, o espaço escolar e os sujeitos que participaram de nossa pesquisa. Por fim, relatamos como se deu a elaboração de nossa proposta de trabalho.

5.1 A COMUNIDADE

A escola pesquisada se situa na Sede do município de Marechal Floriano, Espírito Santo. A Sede está localizada às margens da BR 262 e, segundo consta do site da

Prefeitura Municipal¹⁸, dista 37,43 Km da capital do estado, Vitória. A população estimada do município para 2017 era de 16.545 pessoas (IBGE, 2018)¹⁹. Por estar a 560m acima do nível do mar, o clima da cidade é tropical de altitude, com verões agradáveis e invernos não muito rigorosos. Na foto a seguir, vemos a zona urbana do município.

Foto 2 – Sede de Marechal Floriano, ES



Fonte: Klippel, Fábio (2017)

O município de Marechal Floriano foi colonizado por imigrantes alemães e, em menor proporção, por italianos, os quais se concentraram no distrito de Araguaia. Eles deixaram suas marcas na linguagem da população local, na culinária, na arquitetura, nas danças e nas músicas típicas.

Quanto à educação, de acordo com dados do IBGE de 2015, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de Marechal Floriano era de 6,3, com relação aos anos iniciais do Ensino Fundamental, e 5,0 para os anos finais. O município conta com 14 escolas públicas para o Ensino Fundamental e 02 – uma no distrito de Araguaia e outra na Sede – para o Ensino Médio. O município conta também com: uma Associação Pestalozzi, mantida pelo governo estadual, que

¹⁸ Fonte: <http://www.marechalfloriano.es.gov.br/o-municipio/informacoes-gerais/>. Acesso em: 24 fev. 2018.

¹⁹ Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/marechal-floriano/panorama>. Acesso em: 24 fev. 2018.

oferece educação especial; três creches públicas e uma escola particular de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Segundo dados do IBGE, a taxa de escolarização na faixa etária de 6 a 14 anos, em 2010, era de 98,5%.

A Sede do município conta com uma biblioteca pública, um posto de saúde e uma Policlínica, consultórios médicos e odontológicos, dois postos policiais – um da Polícia Militar e um da Polícia Civil -, Corpo de Bombeiros, igrejas de diferentes confissões religiosas, Conselho Tutelar, cinco agências bancárias (Banco do Brasil, Banestes, Bradesco, Caixa Econômica Federal e a Cooperativa Sicoob), uma agência dos Correios, dois hotéis, áreas de lazer (o Ginásio Municipal, campos de futebol, parques infantis e duas praças), uma rodoviária e um comércio bastante variado, com padarias, farmácias, bares, lanchonetes, restaurantes, pizzarias, academias de ginástica, salões de beleza, supermercados, autoescolas, mecânicas de automóveis, serralherias, gráficas, serigrafias, armarinhos, papelarias etc.

Na Sede também há bancas com venda diária de jornais do Espírito Santo e revistas locais e nacionais. A telefonia celular alcança todo o município, mas a internet ainda não chegou a algumas regiões do interior. Esses dados indicam que o contato das pessoas da comunidade com as de outras regiões e com o mundo se faz constante. Culturalmente, o município conta com dois museus que concentram as relíquias dos imigrantes, uma rádio comunitária e muitas festas, como as religiosas, a do Café e a da Colheita, a Exposição de Orquídeas e as comemorações que resgatam as tradições imigrantes: Italemanha (na Sede), Noite Alemã (no distrito de Santa Maria) e Festa da Cultura Italiana (no distrito de Araguaia). O município tem ainda quatro corais e três grupos de dança, sendo dois alemães e um italiano.

As fotos a seguir (Fotos 3, 4 e 5) mostram locais importantes de Marechal Floriano e atestam a influência germânica no município.

Foto 3 – Prefeitura Municipal de Marechal Floriano, ES



Fonte: Prefeitura Municipal de Marechal Floriano (2017)

Foto 4 – Corpo de Bombeiros de Marechal Floriano, ES



Fonte: Elaborado pela autora (2017)

Foto 5 – Centro de Agronegócios, no distrito de Santa Maria



Fonte: Prefeitura Municipal de Marechal Floriano (2017)

Os descendentes de imigrantes que ainda falam as línguas de seus antepassados se concentram na zona rural do município, mas alguns deles se transferiram para a Sede, depois da aposentadoria, para terem facilidade de acesso a serviços públicos. Por isso, não é difícil encontrar falantes de hunsrückisch em locais públicos e nas igrejas luteranas da Sede.

5.2 O ESPAÇO ESCOLAR

A escola onde realizamos o nosso estudo está localizada na Sede do município de Marechal Floriano-ES. Ela foi criada em 1975, recebendo o nome de Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC). Em 1979, passou a ofertar o então 2º Grau e, atualmente, oferece Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

O público atendido por ela é formado por 501 alunos de diferentes estratos socioeconômicos, de origem predominantemente alemã, mas também italiana e afrodescendente. Seus discentes residem na Sede e em comunidades do interior - Boa Esperança, Bom Jesus, Costa Pereira, Rio Fundo, Soído de Baixo e Santa Maria -, além de algumas localidades dos municípios de Alfredo Chaves e

Guarapari. O ambiente da escola é bastante calmo, com raras ocorrências de desentendimentos entre os alunos, embora aconteçam as disputas e intrigas típicas da adolescência. Porém, cotidianamente, faz parte da cultura da escola o respeito entre todos – alunos e servidores.

A escola, até 2017, funcionava nos três turnos, mas, por decisão da Secretaria Estadual de Educação, em 2018 o noturno foi extinto e o turno vespertino passou a contar com apenas duas turmas, as quais serão eliminadas até o ano de 2020. Os alunos do interior e dos municípios vizinhos chegam à escola pelo transporte escolar oferecido pelo Governo Estadual, que repassa a verba para as Prefeituras Municipais; já os que residem na Sede vão à escola a pé ou de bicicleta.

Segundo dados fornecidos pela diretora da escola, neste ano de 2018, o corpo docente se constitui de profissionais habilitados para cada área de atuação, sendo 14 professores efetivos e 08 designados temporariamente (DTs). Do total, quatro têm o grau de Mestre e três são mestrandos. Também fazem parte do corpo administrativo a diretora, dois pedagogos, dois coordenadores de turno e quatro auxiliares de secretaria. Os demais trabalhadores são sete serventes, duas merendeiras e dois vigilantes, todos terceirizados.

O prédio escolar passou por uma reforma geral - física, hidráulica e elétrica – com início em janeiro de 2017 e término previsto para maio de 2018. O espaço físico compreende 13 salas de aula em um prédio com dois pavimentos. No subsolo, localiza-se o laboratório de Informática com 32 computadores à disposição dos alunos. No térreo, estão três salas de aula, sala de recursos da Educação Especial, laboratório de Química, biblioteca²⁰, banheiros, refeitório, cantina, cozinha, almoxarifado, sala da direção, sala dos professores, secretaria escolar e uma quadra esportiva coberta. No segundo pavimento, estão 10 salas de aula e as salas da coordenação e do pedagogo.

²⁰ Em 2017 e início de 2018, os laboratórios de Química e de Informática, a quadra e a biblioteca permaneceram fechados para reforma.

Quanto aos recursos pedagógicos, além dos computadores no laboratório de Informática, a escola conta com cinco datashows, além de dois aparelhos de multimídia móveis, notebook, filmadora, câmera fotográfica, máquina de xerox, mapas, jogos educativos e livros de pesquisa e paradidáticos. Nas fotos a seguir vemos a fachada da escola e uma de suas salas.

Foto 6 - Fachada da Escola



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Foto 7 – Sala de aula da Escola



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

5.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos envolvidos nesta pesquisa são alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II, em 2016, passando a ser 9º ano em 2017, no turno matutino. A turma é composta por 32 alunos, sendo 24 meninas e 8 meninos, com idades regulares para a série. Desse total, 14 residem na Sede e 18, na zona rural.

Nossa escolha por essa turma se deu por percebermos o entusiasmo desses alunos frente a desafios e pelo fato de a turma apresentar uma grande diversidade étnica e linguística. E, realmente, nossa expectativa se confirmou: o grupo se mostrou motivado e interessado em conhecer a história de seus antepassados, envolvendo-se na prática investigativa das próprias origens.

Além dos alunos, são sujeitos desta pesquisa algumas pessoas da comunidade com ascendência alemã, as quais foram nossos informantes nas entrevistas e nas visitas. Tanto os alunos como as demais pessoas entrevistadas concederam autorização formal para publicarmos informações, imagem e voz. Nos casos de menores de dezoito anos, seus pais ou responsáveis assinaram devidamente os termos de autorização. Os modelos dessas autorizações estão nos Anexos A, B, C e D.

5.4 O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A opção metodológica desta proposta de trabalho será a pesquisa qualitativa. Esta, segundo Bogdan e Biklen (1994), agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características, sendo os dados recolhidos - em forma de palavras, com transcrições de entrevistas, fotografias, vídeos e documentos pessoais - ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas. As estratégias mais representativas dessa investigação são a observação participante e a entrevista. De acordo com Demo (1995), na pesquisa qualitativa, os sujeitos crescem em conhecimento de si mesmos e, num momento posterior, esse autoconhecimento faz com que atuem politicamente, indagando sobre o seu lugar na história. Seu produto típico é o depoimento e o testemunho.

Realmente, com a adoção da pesquisa qualitativa, foi possível aos nossos alunos a percepção da diversidade linguística local, o que lhes propiciou fazer reflexões sobre o preconceito com relação à sua própria variedade linguística e às línguas minoritárias e também sobre as formas de combatê-lo.

Um dos pontos principais dessa abordagem está na produção do conhecimento durante todo o processo dialógico que se estabelece, e isso aconteceu com a nossa pesquisa. Os procedimentos operacionais que serviram de mediação prática para a realização deste trabalho foram entrevistas semiestruturadas, não diretivas, para a interação constante entre os sujeitos. Todo o trabalho envolveu as ações listadas a seguir:

- 1) Diálogo em sala de aula sobre a origem das famílias dos alunos e a sensibilização destes em relação à diversidade linguística existente no município de Marechal Floriano e arredores.
- 2) Estudo da história da imigração alemã no Brasil e no Espírito Santo, em parceria com a professora de História.
- 3) Pesquisa e entrevistas para coleta de dados quanto às línguas faladas ou entendidas pelos familiares dos alunos e quanto à percepção do uso dessas línguas na comunidade.
- 4) Realização de palestras sobre a colonização de Domingos Martins e Marechal Floriano, proferidas por professores, pesquisadores e estudiosos da história da colonização alemã nessa região.
- 5) Visitas ao Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, em Vitória, e a espaços histórico-culturais em Marechal Floriano e Domingos Martins que remetem à história da imigração e da colonização da região.

6) Contato com a língua hunsrückisch, por meio da leitura de livros infantis e de histórias bíblicas, Facebook e WhatsApp, além de encontros com falantes da língua.

7) Registro das etapas da pesquisa pelos alunos em seus cadernos.

8) Produção de poemas, crônicas narrativas, dissertações, relatos orais e escritos, memórias e histórias e, ao final, uma peça teatral, com as informações recolhidas na pesquisa.

9) Decoração de capas de caderno com a arte campesina alemã Bauernmalerei²¹, sob orientação de uma artesã especialista nessa técnica.

Diante dessas ações, a produção oral e a escrita - e sua revisão -, em língua portuguesa, foi uma constante.

5.5 A ELABORAÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Para embasarmos nossa sequência de atividades, utilizamos as sugestões de Zabala (1998), que a considera “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos” (ZABALA, 1998, p. 18). A referida sequência não prioriza atividades isoladas com um fim em si mesmas, mas propostas que partam de uma necessidade e tenham um propósito. O autor sugere uma prática reflexiva, de atividades que promovam a interdisciplinaridade, a aprendizagem de conteúdos e a formação do leitor crítico. Não valoriza apenas as capacidades cognitivas ou intelectuais, mas também as de equilíbrio e autonomia pessoal, afetivas, de relação interpessoal e de inserção e atuação social. Nessa perspectiva, refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem implica apreender o que está sendo proposto de maneira significativa.

²¹ Pintura campestre alemã. O Bauernmalerei foi declarado Patrimônio Cultural Imaterial de Marechal Floriano pela Lei Municipal 1.769/2016. Essa arte de origem germânica está sendo amplamente difundida no município, conforme pode ser conferido na publicação feita por ocasião de um evento especial em Santa Maria, distrito de Marechal Floriano, no seguinte endereço eletrônico: <http://www.montanhascapixabas.com.br/site/index.php/pt-br/cultura/690-bauernmalerei-e-declarado-patrimonio-cultural-imaterial-de-marechal-floriano>.

Zabala (1998) destaca o valor das relações que se estabelecem entre professor, aluno e conteúdo. Coadunamos com essa metodologia, pois nossa pesquisa se fundamenta nas relações interpessoais e exige um ambiente que promova o aumento da autoestima de todos os envolvidos. A avaliação consiste na análise da situação inicial e o seu desenvolvimento no decorrer do processo de aprendizagem, levando-se em conta a capacidade e o esforço empreendido.

Como já dissemos, nossa escola está inserida num contexto de grande diversidade cultural e linguística. Encontramos, assim, um campo vasto para estudo das raízes da comunidade, buscando fortalecer nossa própria identidade. Acreditamos, desde o início, que o nosso tema de pesquisa seria bem aceito pelos alunos-sujeitos, pois nossas aulas se pautariam nesse estudo para realizarmos nossa prática pedagógica exigida pelo PROFLETRAS.

Durante o Mestrado, fomos nos capacitando para o trabalho com o ensino de Língua Portuguesa num contexto de diversidade, pois, ao mesmo tempo em que cursávamos as disciplinas do Curso, atuávamos como professora da turma envolvida nesta investigação. Dessa forma, pudemos desenvolver atividades referentes ao nosso objeto de pesquisa, programando-as de modo que viessem a contribuir com o ensino de português, por meio da leitura e da produção de textos orais e escritos.

No decorrer do Mestrado, fomos preparando dez módulos de atividades para o trabalho com a leitura e a produção de textos orais e escritos, ao mesmo tempo em que discutíamos temas como língua/linguagem, raízes, identidade e respeito às diferenças. Nosso objetivo era desenvolver atividades que culminassem em uma peça teatral escrita pelos alunos, elaborada a partir das tarefas realizadas por eles nos meses anteriores e que trouxesse a formação da comunidade, para que os alunos tivessem consciência da constituição de sua linguagem. A peça seria encenada num evento aberto ao público, e assim aconteceu.

No próximo capítulo, nossa proposta será apresentada.

6 APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA

Neste capítulo, apresentamos nossa proposta de trabalho com produção oral e escrita de textos, levando-se em conta a diversidade linguística presente em nossa comunidade. Para a elaboração da proposta, focalizamos três eixos principais, de onde retiramos os dados que os estudantes utilizaram para a produção da peça teatral com a qual concluímos nossa pesquisa.

Para descrever e analisar todo esse processo, dividimos o capítulo em cinco seções, que registram o conjunto de atividades realizadas por nós com a turma: na primeira, consta como identificamos a origem étnico-linguística dos alunos; na segunda, analisamos os relatos das visitas pedagógicas, elaborados pelos alunos; na terceira, descrevemos as entrevistas feitas às pessoas da comunidade; na quarta, detalhamos a sequência de atividades aplicada e os seus resultados; e, na quinta, apresentamos a validação da sequência de atividades pelos pares.

6.1 IDENTIFICAÇÃO DA ORIGEM DOS ALUNOS

Um dos pressupostos da Sociolinguística Educacional é o conhecimento, por parte dos professores, da origem socioeconômica, cultural e linguística de seus alunos, a fim de que estes se conscientizem da variação existente em toda língua natural.

Assim, após a definição de nosso objeto de pesquisa, em maio 2016, propusemos aos alunos da turma do 8º ano um diálogo a respeito das línguas usadas por eles e por seus familiares no dia a dia. Iniciamos essa aula com uma dinâmica do crachá: sentados em círculo, distribuimos um crachá para os alunos e pedimos que escrevessem o próprio nome. Logo após, solicitamos a eles que o pronunciassem e perguntamos-lhes se gostavam dele e, em seguida, tivemos uma conversa informal sobre o que eles sabiam a respeito de suas origens. Foram feitos estes questionamentos: Qual é a origem do seu sobrenome? Os seus ancestrais são brasileiros natos ou imigrantes? Você costuma ouvir pessoas, no contato pessoal,

falando outra língua que não seja a portuguesa? Que língua é essa? Onde ela é falada? Quem a fala? Com quem?

Os alunos não souberam responder com exatidão a todas essas perguntas. Observamos certo constrangimento de alguns discentes para falarem a respeito do assunto e também uma grande falta de informação sobre ele, visto que poucos haviam conversado sobre isso com os familiares. Por exemplo, durante a conversa, quando um aluno relatou que sua avó falava o alemão²², uma colega exclamou: “Que horror! Isso é muito feio!”. Outra disse: “Tem minha avó que fala de um jeito esquisito, acho que é alemão”. E muitos alunos riram.

Continuando o diálogo, a turma foi percebendo que havia muitos alunos na sala com familiares que falavam ou entendiam uma outra língua além do português, principalmente o hunsrückisch, mas também as línguas de herança italianas²³ e o pomerano. O hunsrückisch foi relacionado a um dialeto alemão, identificado como língua menor, como pôde ser percebido em uma das falas dos alunos: “Aquele alemão que o pessoal da roça fala, não aquele estudado”. Aos poucos, alguns já começaram a sentir confiança em falar do seu apreço por quem sabe falar a língua dos ancestrais, consideradas por muitos, no meio social, línguas sem prestígio. Solicitamos, então, que buscassem maiores informações com os familiares e construíssem uma árvore genealógica de sua família. Encaminhamos também um questionário para a identificação das línguas faladas em família (Apêndice A).

Na aula seguinte, foi trabalhada a expressão oral dos alunos, na forma de apresentação da árvore genealógica das famílias (Apêndice B), acrescentando-se detalhes obtidos acerca do contexto linguístico familiar. A descoberta de suas origens étnico-linguísticas possibilitou um novo olhar sobre eles próprios e sobre o

²² Os florianenses, ao fazerem referência à língua hunsrückisch, normalmente dizem “alemão”.

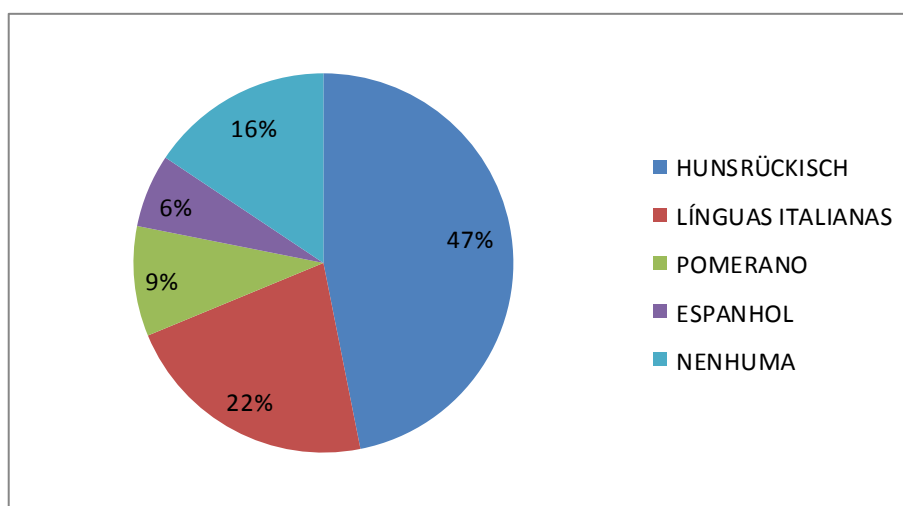
²³ A maioria dos imigrantes europeus chegados ao Espírito Santo, no século XIX, era formada por italianos provenientes de variadas regiões do Norte da Itália, onde se falavam diferentes línguas e suas variedades. Não sendo possível distinguir a região de procedência dos antepassados de nossos alunos, estamos denominando essas línguas, generalizadamente, como *línguas de herança italianas*. Para maiores informações a respeito dos contatos entre essas línguas e o português, no Espírito Santo, cf., por exemplo, Peres, 2014; Peres, Dadalto, Botter, 2016.

outro. Os alunos perceberam que a diversidade faz parte da maioria das histórias de vida na turma, o que os encorajou a falar de si próprios com respeito e mesmo com admiração. O planejamento dessa atividade está no Apêndice C.

Os estudantes tiveram a liberdade de socializar as informações coletadas, sem a nossa interferência, ou seja, não chamamos a atenção para as marcas da linguagem oral presentes nos relatos, nem para certas características das variedades não cultas, como a concordância nominal e verbal e determinados usos dos modos verbais. Mais adiante, durante a escrita dos relatos, dos poemas e da peça teatral, as diferenças entre a fala e a escrita e entre as variedades cultas e não cultas foram evidenciadas.

O momento dos relatos sobre as línguas dos familiares foi carregado de histórias. A partir daí, pôde-se ouvir: “Eu não sei, mas quero muito aprender”, com referência às línguas de herança. Dessa forma, fomos percebendo que a “vergonha” estava, aos poucos, dando lugar ao “orgulho” das ascendências étnico-linguísticas. Esse foi um ponto de partida importante para lançarmos o desafio de um estudo a respeito das origens dos alunos, de sua identidade. O gráfico a seguir evidencia as línguas faladas ou compreendidas nas famílias de nossos alunos-sujeitos, no ano de 2017.

Gráfico 1 – Famílias em que se fala ou se entende uma língua de herança



Fonte: Elaborado pela autora (2017)

Conforme indica o gráfico, do total de 32 alunos, a maioria (27 alunos, ou seja, 84%) tem familiares que falam ou pelo menos entendem uma língua de herança, sendo que o hunsrückisch é o mais falado (15 famílias, 47%), seguido de uma língua italiana (07 famílias, 22%), do pomerano (03 famílias, 9%) e do espanhol (02 famílias, 6%). Ao constataremos esse fato, ficou mais fácil explicar para eles que a língua que falamos contribui para definir quem somos e que não deveríamos sentir vergonha da nossa identidade. E foi nessa perspectiva que direcionamos toda a nossa proposta pedagógica.

Paralelamente ao trabalho desenvolvido por nós, a professora de História da escola, Karolline Schimmelpfennig Neitzel, realizou um trabalho com a turma sobre a imigração no Brasil e no Espírito Santo, como parte do conteúdo estudado naquele momento – O Segundo Reinado e a chegada dos imigrantes ao Brasil para substituir a mão de obra escrava. Nessa disciplina, os alunos foram organizados em cinco equipes, cada uma fazendo pesquisas em livros, revistas e internet acerca dos seguintes imigrantes: alemães²⁴ – hunsrück e pomeranos -, espanhóis, italianos, portugueses e russos. A professora solicitou que identificassem:

- a) Qual o país de origem e a região do Brasil para onde esses imigrantes se destinaram - identificação esta feita em mapas;
- b) Quais as atividades que praticavam no Brasil;
- c) Qual a quantidade estimada de pessoas de cada grupo que chegaram aos portos brasileiros no século XIX;
- d) Quais as suas características culturais, tais como: língua, culinária, danças típicas e instrumentos musicais.

A apresentação da pesquisa de História se deu na forma de elaboração e apresentação de cartazes, slides e apresentações culturais: músicas, danças e trajes típicos, além de pratos para serem saboreados. Segundo a professora Karolline, os discentes se mostraram surpresos com as informações obtidas por intermédio da pesquisa, pois desconheciam as dificuldades enfrentadas pelos

²⁴ O termo “alemães” engloba os hunsrücks, pomeranos e outros povos germânicos que imigraram para o Brasil.

imigrantes ao se instalarem no Brasil e no estado. Além disso, perceberam quão significativa foi a vinda dessas pessoas para o nosso país, em especial para o estado do Espírito Santo, num cenário de profundas mudanças políticas, econômicas e sociais.

Durante a apresentação dos trabalhos, os alunos expuseram as heranças culturais deixadas por esses imigrantes, os quais contribuíram para fazer do Brasil um país multicultural. E foi surgindo entre os alunos um sentimento de pertencimento e de valorização de suas raízes. O planejamento dessa atividade está no Apêndice D.

Percebendo o interesse dos alunos pela formação do povo brasileiro, após o trabalho apresentado por eles nas aulas de História, foi exibida, nas aulas de Língua Portuguesa, uma sequência de vídeos do projeto Raízes²⁵, com o título “Raízes: a história do Espírito Santo - A formação da identidade capixaba”, com 12 episódios, cada qual com informações a respeito de um determinado grupo étnico-linguístico. O que chamou a atenção dos alunos nesses vídeos, despertando o seu interesse em continuar assistindo a todos os da série, é o caráter dinâmico e lúdico de sua apresentação. A participação de historiadores renomados do Estado, como Cilmar Franceschetto, Gabriel Bittencourt, Joel Guilherme Velten, Júlio Bentivoglio e outros, garantiu maior credibilidade ao projeto.

Observamos que, quando o episódio se referia ao grupo étnico dos estudantes, havia uma atenção redobrada, por parte deles. E, para a fixação do conteúdo apresentado, os alunos fizeram anotações em seu caderno, ao final de cada episódio, para, logo em seguida, exporem oralmente o que haviam anotado. Era perceptível, no momento da exibição dos vídeos e depois, pelos comentários, que os alunos não apresentavam atitudes preconceituosas com qualquer grupo étnico.

²⁵ O Projeto Raízes é uma série que conta a história do Espírito Santo de maneira descontraída e dinâmica, exibida pela TV Gazeta (filiada à Rede Globo de Televisão) entre o final de novembro de 2013 e o início de 2014. Narrada por Vasco, um adolescente em busca de suas origens, a série também traz depoimentos de historiadores, escritores e capixabas das mais variadas profissões, idades, origens étnicas e regiões do estado. Gente que nasceu aqui e que conta a história do Espírito Santo desde os tempos da colonização até o início do século XX, passando pelos vários períodos de imigração. O Projeto pode ser conferido no seguinte endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=2U6boXUxOIA>.

Assim, respeitando a sua origem e a dos outros, eles estavam valorizando a identidade de cada indivíduo, neste contexto plural capixaba.

Após a apresentação de toda a série, levamos cópias do poema *O jeito capixaba de ser*, de Elisa Lucinda, poetisa capixaba (Anexo E), o qual foi lido e interpretado oralmente, com destaque para a valorização das “coisas do capixaba”, como: orquídea, colibris, Pedra Azul, Convento, Maria Ortiz, dunas, chá de cidreira, entre tantas outras marcas da nossa cultura.

A partir daí, solicitamos uma produção poética sobre o tema *Identidade capixaba*. Os alunos iniciaram a atividade na sala e a terminaram em casa. Fizemos, na aula seguinte, uma roda de leitura com os poemas e, logo após, foi feita uma dinâmica de correção desses textos. Os alunos se organizaram em grupos de três ou quatro pessoas e fizeram as correções dos poemas deles em equipe. Depois, nós fizemos uma revisão e propusemos a reescrita desses textos. Um exemplo dessa atividade pode ser conferido no Apêndice E, e o planejamento completo dessa atividade está no Apêndice F.

6.2 AS VISITAS PEDAGÓGICAS

A segunda etapa de nosso trabalho foram duas visitas pedagógicas. A primeira aconteceu após os estudos sobre a imigração no Brasil e no Espírito Santo e sobre a colonização de Marechal Floriano. Em setembro de 2016, sugerimos aos alunos realizarmos passeios a alguns locais que contam essa história. Para isso organizamos - nós e a professora Karolline S. Neitzel -, em 23 de novembro de 2016, visitas pedagógicas com o seguinte roteiro: Casa da Cultura e loja de artesanato campesino alemão (Bauernmalerei), em Domingos Martins; e restaurante Grossmutter, em Marechal Floriano. Antes de sairmos da escola, os alunos foram orientados a anotar em seus cadernos as informações que mais lhes chamassem a atenção, e assim fizeram. Para as visitas, foram convidados também os familiares dos alunos, mas somente pôde nos acompanhar a avó de uma aluna, falante de hunsrückisch, do alemão standard e do português.

Na Casa da Cultura²⁶, fomos atendidos gentilmente pelo professor e historiador Joel Guilherme Velten²⁷, o qual proferiu uma palestra sobre a colonização na região de Domingos Martins e o processo de imigração, conforme vemos na Foto 8. O Prof. Velten envolveu bastante os visitantes com perguntas sobre as suas origens socioculturais e linguísticas.

Esse foi mais um momento de descoberta das origens das famílias pelos seus sobrenomes. Aconteceu um diálogo com a participação ativa dos alunos, com atenção concentrada e muitos questionamentos. Em seguida, visitamos o museu existente no interior da Casa da Cultura, quando os alunos aproveitaram para fotografar o seu acervo.

Foto 8 - Palestra na Casa da Cultura de Domingos Martins, ES



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Em seguida, apreciamos o artesanato campesino alemão, conhecido por Bauernmalerei, em uma loja de artesanato situada embaixo da Casa da Cultura.

²⁶ A Casa da Cultura de Domingos Martins ocupa uma edificação construída em 1915 pelo Sr. Augusto Schwambach para a residência de sua família. Antes de ser polo cultural da cidade, o imóvel ainda foi sede do Fórum e, mais tarde, da Loja Maçônica. A edificação foi doada ao município pelo governo do estado em 1982 e, em 17 de dezembro de 1983, foi inaugurada como espaço cultural. Abriga o Museu da Colonização Alemã, com um rico acervo de fotografias, documentos, objetos e móveis que pertenceram aos imigrantes e descendentes que colonizaram o município. Esse espaço cultural foi tombado pelo Patrimônio Histórico Estadual dois anos mais tarde, em 1985.

²⁷ Bacharel em Letras, natural de Domingos Martins. Sua dedicação ao resgate da cultura do município é uma de suas marcas. Foi um dos responsáveis pela criação da Casa da Cultura de Domingos Martins e é o responsável oficial pela DEULA – Intercâmbio para jovens rurais para a cidade de Nienburg, Alemanha.

Logo após, nos dirigimos ao Restaurante Grossmutter²⁸ (Foto 9). A casa onde hoje é o restaurante foi construída em 1901, pertencente, à época, a uma família alemã. Os atuais proprietários da casa, que também nos receberam muito gentilmente, organizaram uma recepção para apresentar a cultura alemã ali preservada, com destaque para a arquitetura e a culinária, expondo o que é oferecido e como são preparados os pratos típicos (Foto 10).

Segundo os relatos dos alunos envolvidos na visita, este foi um passeio pedagógico muito prazeroso e que possibilitou muito aprendizado. Propiciou, principalmente, um sentimento muito importante, na opinião da turma: a valorização de todas as culturas, não se excluindo a importância de nenhuma.

Foto 9 - Restaurante Grossmutter



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Foto 10 - Interior do restaurante



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Quando retornaram do passeio, na sala de aula, os alunos leram as anotações feitas em seus cadernos, que seriam os diários de bordo da pesquisa, e comentaram sobre os detalhes da história da colonização do município que consideraram mais relevantes. Essas informações constituíram uma das bases da pesquisa histórica que fizeram, e alguns dos estudantes ilustraram seu texto com fotos. Um relato da

²⁸ *Grossmutter* significa *avó*, na língua alemã standard. Esse nome foi dado em homenagem à mãe do atual proprietário da casa, que a transformou em restaurante no ano de 1999, servindo pratos alemães e brasileiros. O restaurante foi construído pelo Sr. Augusto Shlenz, usando-se madeiras como canela preta e pequiá amarelo, à exceção dos esteios dos cantos, que são de jacarandá. Toda a estrutura em madeira é encaixada e travada com tarugos de madeira sem nenhuma utilização de pregos. Essa casa era conhecida também como Casa de Baile Típico Alemão. Em 2017, o restaurante foi vendido, e os atuais proprietários não mantiveram a tradição de servir pratos da culinária alemã.

atividade encontra-se no Apêndice G e o planejamento completo dessa atividade está no Apêndice H.

Devido ao interesse dos alunos pela arte campesina alemã, o Bauernmalerei, levamos os alunos ao Laboratório de Informática da escola para pesquisarem sobre essa arte. Registraram, assim, em seus diários de bordo, os aspectos históricos, as características e as técnicas usadas nessa arte.

Com o término do ano letivo de 2016, deixamos para o ano seguinte a continuação da pesquisa. E, realmente, sucedeu o que fora anteriormente estabelecido, mas com algumas alterações. Em 2017, todos os alunos - exceto dois que ficaram reprovados - continuaram estudando na mesma escola, no 9º ano. Por outro lado, passaram a fazer parte da turma mais 14 alunos, totalizando 32. Por isso, no início do ano letivo, para dar continuidade à pesquisa, os alunos que já tinham participado do projeto socializaram os conhecimentos e experiências com os novos colegas, aproveitando os registros escritos e as fotos para reverem as informações coletadas. Os estudantes nos solicitaram que fossem revistos alguns dos vídeos do Projeto Raízes, e assim aconteceu.

Em fevereiro de 2017, ao retornar às atividades de pesquisa, soubemos, pela mídia, que essa técnica de pintura havia sido declarada Patrimônio Cultural Imaterial de Marechal Floriano. Dessa forma, fizemos cópias da notícia retirada do jornal online (Anexo F) e lemos essa matéria jornalística, tecendo algumas considerações acerca da importância do Bauernmalerei ter se tornado Patrimônio Cultural Imaterial do município.

Devido ao gosto por essa arte, por parte dos alunos, resolvemos pintar a capa do caderno que serviria de diário de bordo²⁹. Uma artesã dessa técnica de pintura é professora em nossa escola. Então, disponibilizou-se para orientar a decoração dos cadernos, conforme ilustração na Foto 11, com essa arte de origem germânica.

²⁹ Havíamos planejado fazer um Diário de Bordo com os alunos, onde registraríamos todas as atividades realizadas no decorrer deste projeto. Entretanto, motivos diversos fizeram com que abandonássemos a ideia, ficando cada aluno livre para fazer seus registros em outros cadernos.

Inicialmente, assistimos a um vídeo acerca do Bauer e os alunos confirmaram o que estava anotado nos cadernos desde o ano anterior. Essa arte teve a adesão de muitos artistas locais e, em 2018, passou a ter um espaço na Sede de Marechal Floriano para comercialização de seus produtos, uma casa de artesanato típico alemão – o Bauernmalerei. O planejamento dessa atividade está no Apêndice I.

Foto 11 - Arte Bauernmalerei



Fonte: Elaborado pela autora (2017)

A segunda visita pedagógica para estudos foi realizada em 07 novembro de 2017³⁰, ao Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES), em Vitória, ao Marco da Imigração Alemã no Espírito Santo, em Domingos Martins, e ao cemitério onde foram enterrados os primeiros imigrantes alemães (2 pastores e 52 parentes das primeiras famílias dos imigrantes), na Serra da Boa Vista, também em Domingos Martins.

Um mês antes da visita ao APEES, ao fazermos o agendamento, foi-nos solicitado que encaminhássemos os sobrenomes dos alunos visitantes e de seus antepassados imigrantes, pois assim seria preparado um documento com as informações a respeito dos sobrenomes listados. Pelo fato de que muitos não

³⁰ Houve um espaçamento relativamente longo entre as duas visitas pedagógicas devido a algumas dificuldades com o planejamento de tais saídas, como conciliar as atividades das demais disciplinas. Além disso, a oportunidade da visita ao Arquivo Público apareceu somente para novembro de 2017.

conheciam quem eram os seus ancestrais, aproveitamos esse momento para expandir a pesquisa na escola: os alunos foram instados a fazer um levantamento dos sobrenomes dos colegas de outras três turmas nas quais ministrávamos aulas de Português, bem como das línguas faladas ou entendidas em suas casas.

Para isso, planejamos uma outra atividade para nossa sequência pedagógica, que está no Apêndice J, e nos valem de um roteiro de entrevista (cf. Apêndice K). Os alunos foram orientados a como apresentar a pesquisa realizada e a entrevistar seus colegas, num trabalho que visou à desinibição dos alunos e ao aprimoramento da capacidade de expressão oral. Após a coleta dos dados, foi feito o levantamento dos sobrenomes, coletivamente: os alunos relacionavam os sobrenomes dos colegas das outras turmas, e nós escrevíamos no notebook e os projetávamos por meio do datashow.

Um aspecto interessante desse levantamento de dados foi a constatação da grande quantidade e variedade de sobrenomes em uma escola pequena como a nossa. Por outro lado, os estudantes tomaram conhecimento de que havia colegas com sobrenomes iguais aos de familiares seus. Essa atividade, em suma, os levou ao autoconhecimento, à descoberta de suas raízes e, conseqüentemente, ao respeito ao outro, a si mesmos e às suas famílias. O resultado desta atividade pode ser verificado no Apêndice L.

Com as entrevistas feitas e os resultados computados, chegou o dia da última visita pedagógica – 07/11/2017. A turma estava empolgada com a viagem para fora do município e com a oportunidade de visitar espaços histórico-culturais tão importantes do Espírito Santo. Além da professora pesquisadora, a professora de História também participou dessa viagem de estudo.

Chegando ao Arquivo Público, tivemos a orientação de uma funcionária, que nos apresentou parte da riqueza histórica e cultural do estado. Durante a visita, observamos a atenção dos alunos por tudo o que está disponibilizado aos visitantes

nesse espaço. Na saída, cada pessoa recebeu um documento contendo dados sobre a origem de sua família. Na foto a seguir, vemos o grupo em frente ao APEES.

Foto 12 – Visita ao APEES



Fonte: Elaborado pela autora (2017)

Na viagem de regresso a Marechal Floriano, sempre sob a orientação da professora de História da turma, passamos pela ponte sobre o Rio Jucu, local por onde passaram os primeiros imigrantes alemães, em 1847. Mais adiante, na Serra da Boa Vista, município de Domingos Martins, fomos ao local onde se fixaram os primeiros imigrantes alemães nas terras capixabas.

Mais adiante, visitamos o cemitério onde foram enterrados os primeiros imigrantes alemães - 2 pastores e 52 parentes das primeiras famílias dos imigrantes -, conforme pode ser visualizado na foto 13. Ao longo desse trajeto, os alunos iam observando, fazendo perguntas e anotando as informações que consideravam mais importantes. Esses dados serviram como subsídio para uma produção de texto, em sala de aula, e para a culminação do projeto – a elaboração da peça de teatro.

Foto 13 - Cemitério onde estão enterrados os primeiros imigrantes alemães do estado



Fonte: Elaborado pela autora (2017)

Na aula seguinte, foi-lhes proposto que produzissem um texto sobre a visita, com base nas observações, nas lembranças e nas anotações feitas, mas, primeiramente, foi feita uma atividade oral, em aula, quando os alunos relataram a viagem. Como alguns deles não participaram da visita, aqueles que foram se empolgaram em dar detalhes dos lugares visitados e das suas impressões sobre o passeio. Destacaram a importância de se conhecer a história de vida das pessoas em geral, indistintamente, e despertaram curiosidade nos colegas para também conhecerem os espaços visitados. Foi um momento que possibilitou um diálogo reflexivo.

Em seguida, tiveram a liberdade de escrever seu registro no gênero à sua escolha: produziram poemas, crônicas e relatos, que foram corrigidos por nós durante a aula. Iniciaram essa atividade na sala de aula e a concluíram em casa. Retornando à escola, leram seus textos para a turma e, após a leitura, fizemos as intervenções no texto escrito, corrigindo, individualmente, a ortografia e os aspectos semânticos e sintáticos. A produção textual do aluno R.B.P, de 15 anos, relatando essa visita, se encontra no Apêndice M .

6.3 ENTREVISTAS A PESSOAS DA COMUNIDADE

Outra frente de coleta de dados para a produção da peça teatral foram as entrevistas feitas com descendentes de imigrantes alemães residentes na comunidade, realizadas no período de setembro de 2016 a novembro de 2017. As entrevistas tiveram como temas a história da família e da localidade e, principalmente, as línguas faladas na família e na comunidade, além do preconceito que sofreram e/ou que sofrem por falarem uma língua minoritária ou o português com sotaque. A seleção desses entrevistados deu-se por indicação dos alunos, quando se tratava de seus familiares, e também por nosso conhecimento dos falantes de hunsrückisch na região pesquisada.

Como frisamos no início deste trabalho, privilegiamos os moradores florianenses descendentes de imigrantes alemães por serem a maioria em Marechal Floriano e por ser o hunsrückisch a única língua minoritária ainda falada cotidianamente pelos moradores do município. Esse uso acontece tanto na Sede como no interior do município, mas foi no interior que identificamos um número muito maior de falantes de hunsrückisch. Tais entrevistas ocorreram na residência dos entrevistados, na sala de aula do 9º ano e em um local público.

Uma técnica muito utilizada na coleta de dados foi a entrevista ao grupo familiar reunido (Foto 14), como aconteceu com os Marques, a família de uma aluna participante deste Projeto. Esse tipo de reunião gera uma interessante avaliação dos usos linguísticos pelas pessoas, na família e na vida social.

Foto 14 - Entrevista com a família Marques³¹



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Inicialmente, quando estabelecemos nosso primeiro contato com os entrevistados, estes estranhavam o fato de haver uma pesquisa acerca do contato do hunsrückisch com o português, mas, aos poucos, perceberam como esse contato havia marcado as suas vidas e a de seus antepassados.

Nas entrevistas, os informantes relataram que a substituição do hunsrückisch pelo português se deu, em grande parte, pelos casamentos mistos entre bilíngues e monolíngues em português. Segundo os entrevistados, quando um cônjuge não entende o que o outro fala, pode pensar que está sendo falado algo indevido, que ele não pode saber. Assim, a língua comum aos esposos se sobressai. Outro aspecto destacado foi que, quando a mãe fala somente o português, fica muito difícil o ensino do hunsrückisch aos filhos, pois é ela quem convive mais com a criança na fase da aquisição da língua materna.

Muitos dos entrevistados mais jovens reconhecem a desvantagem de não terem aprendido o hunsrückisch e de não serem bilíngues. Alguns se mostram interessados em aprender essa língua, enquanto outros não veem necessidade desse aprendizado, já que usam o português em seu dia a dia em todas as

³¹ O sobrenome original da família era Marx; porém, por um equívoco do registro em cartório, passou a ser escrito Marques.

situações comunicativas. Estes ainda acham estranho falarem uma língua diferente daquela que a maioria dos seus amigos usa. Os mais idosos afirmam que gostariam que a língua fosse revitalizada, pois ela faz parte da sua história de vida. As crianças e adolescentes em idade escolar mostraram-se abertos a aprender, além do hunsrückisch, também o alemão standard na escola, tendo em vista que aqueles que a conhecem podem ter vantagens significativas no campo profissional.

Encontramos - com mais frequência na zona rural - famílias que usam o hunsrückisch em seu dia a dia em casa e no contato com falantes dessa língua em outros espaços sociais. Um desses casos é a família Littig³² (Foto 15), sendo os quatro membros - pai, mãe e dois filhos – bilíngues em português e hunsrückisch. Eles falam essa língua em qualquer ambiente em que estejam, e os filhos do casal afirmam que, futuramente, tendo filhos, pretendem transmitir-lhes a língua, pois acreditam que esse é o melhor caminho para a sua manutenção.

Foto 15 - Entrevista com a família Littig



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

A entrevista realizada em sala de aula aconteceu com a aluna T.F.U., de 15 anos, do 1º ano do Ensino Médio. A turma do 9º ano se organizou para recebê-la,

³² Essa entrevista foi feita pelo pesquisador André Kuster Cid, por nossa orientadora e por nós, sem a presença dos estudantes. Entretanto, julgamos necessário relacioná-la neste trabalho por termos colhido informações que foram compartilhadas com os alunos e que também constituíram o material para a elaboração da peça de teatro.

elaborando coletivamente um roteiro de perguntas para essa entrevista. T. F. U. relatou que a sua primeira língua foi o hunsrückisch. Ela aprendeu o português na escola, na educação infantil, aos quatro anos idade. Disse que sua professora pediu à família que não conversasse mais em hunsrückisch em casa com a menina, para que ela não tivesse dificuldades na escola.

A entrevistada informou que, embora o início de sua escolarização não tenha sido tão fácil, o hunsrückisch não a atrapalhou para adquirir o português e que o que aconteceu em sua vida foi uma prova de que é possível aprender bem mais de uma língua, conseguindo separá-las desde cedo. Concluiu seu relato dizendo que ninguém deve ter vergonha da língua que fala, pois ser bilíngue é motivo de orgulho. Após a entrevista com T.F.U, uma aluna do 9º ano pediu que trouxéssemos mais falantes de hunsrückisch da comunidade, para que a turma pudesse entrevistá-los.

Dessa forma, entrevistamos mais três pessoas da comunidade: duas irmãs que nasceram e cresceram em uma comunidade rural de Marechal Floriano e um jovem residindo atualmente em Vitória e que está no final do curso de Engenharia Metalúrgica, mas seus pais são moradores da Sede do município. Para encerrar esse encontro, uma das entrevistadas apresentou algumas músicas tocando acordeão, instrumento que faz parte da cultura alemã.

Conforme nossa orientação ao grupo, após cada entrevista os alunos fizeram registros em seus cadernos das informações obtidas, para, posteriormente, usá-las na construção da peça de teatro. Além das entrevistas relatadas, foram feitas outras, informalmente, com familiares e conhecidos dos sujeitos da pesquisa, na casa dos informantes e em outros locais de contato, todas com um grande valor histórico. Essas foram experiências marcantes para nós e para os alunos, pelo envolvimento com os entrevistados e também pela riqueza de dados históricos que obtivemos. Dessa forma, as conversas permitiram a aproximação entre a escola e a comunidade, que é um dos principais lemas da Sociolinguística Educacional. Diante do contexto atual, em que observamos uma diminuição dos contatos pessoais - inclusive no meio familiar, pelo uso crescente das novas tecnologias -, pudemos

experimentar como é agradável e importante ouvir diretamente as histórias e memórias dos indivíduos.

Os registros das entrevistas foram escritos pelos alunos em vários gêneros: entrevista, crônica, relato, poema, carta. Esses textos foram revisados por nós e reescritos pelos alunos. Como os alunos adotavam um caderno de produção de textos, foi ali que a maioria dos alunos escreveu seus textos³³. Um exemplo pode ser lido no Apêndice N. O planejamento dessa atividade está no Apêndice O.

Nos dias que se seguiram às entrevistas, os alunos demonstraram curiosidade em ver o hunsrückisch escrito, pois muitos o conheciam somente sendo falado. Assim, um aluno trouxe de casa o Dicionário Português-Renano, elaborado por falantes residentes em Marechal Floriano e Domingos Martins (KUSTER et al, 2014). Em relação à literatura, realmente há pouco material produzido³⁴.

Por outro lado, localizamos, na internet, grupos de hunsriqueanos no Facebook, como o Hunsrikers do Brasil, e no WhattApp. Nesses grupos, muitas mensagens em hunsrückisch são trocadas entre amigos, sejam por áudio ou por texto escrito. Aproveitamos a oportunidade e encaminhamos algumas dessas mensagens a alunos nossos, cujos familiares são hunsriqueanos. Muitos estudantes se surpreenderam, pois achavam que a língua não fosse tão usada aqui no Brasil.

6.3.1 A mídia: forte aliada da valorização da cultura local

Em agosto de 2017, a língua hunsrückisch, usada por falantes de Marechal Floriano e redondezas, vira tema de pesquisa nacional, e as mídias impressa, online e televisiva abrem-lhe espaço e a valorizam. Para maior enriquecimento dos alunos

³³ Nosso projeto inicial era confeccionar um mural e publicar mensalmente textos produzidos pelos alunos e demais divulgações, mas, com a reforma geral da escola, isso não foi possível. Pretendemos, num futuro próximo, reunir esses textos em uma coletânea e disponibilizá-la para leitura na biblioteca da escola.

³⁴ A Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) publicou pequenos livros de histórias bíblicas em hunsrückisch, como os intitulados Piiplexe Kexichte (ALLEN, DEWES, JOHANN, 2011) e Piiplexe Aventure (DEWES, JOHANN, 2012), cuja tradução para o português é, respectivamente, Histórias Bíblicas e Aventuras da Bíblia.

acerca do tema, convidamos o jornalista e diretor do jornal regional, Júlio Huber, para conversar com os alunos sobre a importância da mídia na valorização da cultura local. Nessa oportunidade, Júlio levou o jornal impresso *O Noticiário* - e distribuiu-o aos alunos - cuja matéria de maior interesse intitulava-se “Língua alemã falada nas montanhas vira tema de pesquisa nacional”, feita por ele a respeito da pesquisa nacional da língua de imigração – o hunsrückisch – que estava sendo realizada em três municípios do Espírito Santo: Marechal Floriano, Domingos Martins e Santa Leopoldina. Além do jornal impresso, sugerimos aos alunos que tinham acesso à internet para localizarem essa publicação também no jornal online *Montanhas Capixabas*³⁵.

Os alunos, também, mostraram-se muito curiosos quanto ao percurso da notícia, desde o fato ocorrido até a sua publicação nos jornais. O jornalista explicou o processo e prometeu redigir e publicar uma matéria sobre a sua visita, naquele dia, àquela sala de aula. E assim aconteceu: os alunos puderam conferir a matéria publicada na edição seguinte do jornal impresso. Foi entregue um jornal para cada aluno da turma. O interesse inicial foi a leitura da matéria produzida sobre a visita do jornalista à sala de aula, porém, em seguida, o jornal como um todo foi usado como importante material de leitura e fonte de informações.

Outra contribuição da mídia sobre a pesquisa nacional em Marechal Floriano a respeito da língua de imigração, o hunsrückisch, foi levada ao conhecimento dos alunos. Trata-se da matéria que a TV Vitória levou ao ar, no dia 14 de agosto de 2017, enquanto a equipe de pesquisa nacional esteve em Marechal Floriano, sob o título “Pesquisadores estudam dialeto de imigrantes no ES”³⁶.

Após a exibição da matéria televisiva, foram propostas as seguintes ações: a) diálogo sobre a importância do reconhecimento e da preservação da cultura

³⁵ Essa matéria pode ser conferida no seguinte endereço eletrônico:

<http://www.montanhascapixabas.com.br/site/index.php/pt-br/cultura/1740-lingua-alema-falada-nas-montanhas-vira-tema-de-pesquisa-nacional>. Acesso em: 20 jan. 2018.

³⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DLCsN2cjCEY>. Acesso em: 20 out. 2018.

linguística do imigrante em Marechal Floriano; observação das marcas na fala de quem é falante das duas línguas: hunsrückisch e português, levando-se em consideração de que nada na língua acontece por acaso; c) identificação das variedades da língua portuguesa usadas na matéria jornalística. Retomamos trechos da matéria televisiva para analisarmos o uso da língua portuguesa nesse contexto de diversidade linguística, envolvendo quatro gerações. O planejamento dessa atividade está no Apêndice P.

A partir das experiências compartilhadas, pudemos constatar que cruzamos um caminho em que encontramos uma parte significativa da história linguística da nossa comunidade, assim como a nossa própria história, até então desconhecida pelos sujeitos pesquisadores – nós e os alunos. Sentimos, portanto, necessidade de socializar esse conhecimento, conforme se concretizou na culminância do projeto, no evento aberto ao público, quando foi apresentada, em forma de teatro e de outras manifestações artísticas, a história, a cultura e as duas línguas mais presentes em Marechal Floriano.

Além dessas, outras atividades foram desenvolvidas com a turma, as quais descreveremos a seguir.

6.4 ELABORAÇÃO E APRESENTAÇÃO DA PEÇA TEATRAL

Nesta seção, relatamos a elaboração e a encenação da peça teatral intitulada *Falando a nossa língua*, composta por nossos alunos.

6.4.1 Construindo uma peça de teatro

Para a elaboração da peça teatral pelos alunos, propusemos, no ano de 2016, atividades de adaptação de crônicas e contos para o gênero teatro, desde a produção do texto escrito até a encenação. Semanalmente, nas aulas de leitura, o grupo passou a ler livros de diversos gêneros e, desde então, percebemos o gosto

desses alunos pelo teatro. Organizamos, assim, em 2017, uma sequência de atividades para a elaboração da peça teatral (Apêndice Q).

Considerando que nossos alunos são adolescentes e que alguns já haviam lido o livro *Um amor para recordar*, de Nicholas Sparks, iniciamos as atividades com a exibição do filme baseado nessa obra, cujo enredo retrata uma história marcada por atitudes preconceituosas, mas que, no decorrer da trama, sofrem mudanças, quando então todas as identidades passam a ser valorizadas. No filme *Um amor para recordar*, os protagonistas também participam de uma peça de teatro, o que atrai a atenção do leitor/espectador. Depois de assistirem ao filme, nossos alunos se sentiram mais motivados a criar e encenar, eles também, uma peça de teatro.

No segundo momento das atividades, levamos aos alunos um texto teatral produzido por estudantes do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Marechal Floriano (Anexo G). Nossos alunos fizeram a leitura dramatizada dessa peça, observando a entonação necessária em cada fala, de acordo com as orientações das chamadas *rubricas*. Nesse texto, pudemos analisar algumas diferenças entre a linguagem culta e a não culta: o uso da língua com maior ou com menor monitoramento, dependendo da situação comunicativa - quem fala, com quem e onde.

No terceiro momento, por conhecermos o apreço da turma pela arte teatral, propusemos-lhe a produção de uma peça para ser apresentada ao público, com o objetivo de transmitir à comunidade florianense os conhecimentos obtidos durante os dois anos do projeto, visando ao respeito à diversidade linguística do município e à valorização das línguas de herança, especialmente o hunsrückisch.

Para alcançarmos o nosso propósito, dividimos os alunos em pequenos grupos para escolherem e escreverem, cada qual, uma cena que pudesse compor a peça maior. Concluída essa atividade, realizamos coletivamente a sua avaliação e reescrita, por meio da projeção dos textos no quadro. Em seguida, nós nos reunimos com dois alunos e organizamos a narração da peça, para lhe dar uma sequência coerente.

Logo após, levamos o texto final à sala de aula e fizemos a sua leitura dramatizada. Em comum acordo, os alunos foram escolhendo os papéis para si próprios e sugerindo personagens para os colegas. Do total de 32 alunos da turma, 14 não participaram da encenação, por motivos diversos, desde falta de transporte no período noturno até outros compromissos assumidos por seus pais. Cada um dos 18 participantes se responsabilizou por memorizar as falas e se preparar para a apresentação.

Para o cenário, foi construída a parte frontal de uma casa com características de construções alemãs da região de Marechal Floriano, local ocupado em cena pela narradora da peça. Foi também confeccionado um navio, representando o meio de transporte utilizado pelos imigrantes alemães.

6.4.2 A apresentação da peça teatral “Falando a nossa língua”

Como dissemos, a peça teatral *Falando a nossa língua* (Apêndice R) foi produzida pelos alunos do 9º M01, sob nossa orientação. A apresentação foi realizada no dia 11/12/2017, às 19h, no auditório da Secretaria Municipal de Educação de Marechal Floriano. O local foi preparado para receber os convidados com painéis contendo os sobrenomes de pessoas da comunidade e fotos dos locais visitados pelos alunos durante a pesquisa, das entrevistas que fizeram e da visita dos pesquisadores do Inventário do Hunsrückisch.

Além dos painéis, estavam expostos documentos da imigração (certidões de batismo e de casamento dos imigrantes alemães e de seus primeiros descendentes, escritas em alemão standard e em português), livros (bíblia, histórias bíblicas, hinários e livros de orações em alemão standard, além de livrinhos de histórias bíblicas em hunsrückisch e em pomerano), fotos dos imigrantes e de seus descendentes e peças de artesanato pintadas com a técnica Bauernmalerei.

A plateia era composta por familiares dos alunos, professores, entrevistados dos alunos e da pesquisadora, autoridades³⁷, pessoas da comunidade e falantes de hunsrückisch residentes na Sede e na zona rural do município³⁸, totalizando cerca de cem pessoas. Por isso, no auditório eram ouvidas as línguas portuguesa e hunsrückisch, e era este o nosso objetivo: que as pessoas se expressassem livremente em suas línguas maternas, sem nenhum tipo de recriminação, de preconceito, respeitando e mesmo valorizando a diversidade linguística da comunidade.

Transcrevemos, a seguir, alguns depoimentos acerca do evento:

R.M. (14 anos, sexo masculino): “Gostei muito das apresentações com o acordeão. Também gostei do teatro porque me fez pensar na importância do hunsrückisch e que não devemos ter vergonha da nossa história”.

U.L.M. (72 anos, sexo feminino): “Me emocionei com todas as apresentações, mas o que me tocou foi a apresentação das músicas de Natal em alemão. Fiquei com muita vontade de aprender a cantar as músicas também. O som do acordeão me deu vontade de chorar, de tão emocionada que fiquei”.

A.A.E.M. (15 anos, sexo feminino): “Gostaria que tivesse na nossa cidade um projeto que ensinasse o hunsrückisch para quem quisesse aprender. Eu seria a primeira pessoa a me inscrever. Também fiquei muito emocionada com as músicas”.

A.P.E.M. (15 anos, sexo feminino): “Fiquei encantada com o Bauernmalerei. Fiquei triste na apresentação da mulher que sofre preconceito por estar falando em hunsrückisch ao telefone. Infelizmente isso ainda acontece hoje”.

T.E.M. (17 anos, sexo feminino): “Fiquei muito feliz em ter participado do teatro sobre o hunsrückisch. Senti muito orgulho dos meus ancestrais, pois enfrentaram

³⁷ As autoridades presentes eram as Secretárias de Cultura e de Educação de Marechal Floriano, além de vereadores.

³⁸ Os falantes de hunsrückisch compareceram graças ao transporte oferecido gratuitamente pela Câmara de Vereadores.

todos os desafios de ir a uma terra até então desconhecida, se adaptando ao clima e à comida, mas principalmente em ter mantido viva a língua hunsrückisch, mesmo com a proibição na época da Segunda Guerra Mundial. O que mais me encantou foi observar o brilho no olhar dos mais velhos. Dava para enxergar a emoção de ver sua história sendo reconhecida. Também adorei o Bauernmalerei, já que sou apaixonada pela pintura. Foi uma noite que ficou marcada na minha vida e da minha família”.

6.5 VALIDAÇÃO DA SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES PELOS PARES

Segundo Nassi-Calò (2015), a revisão por pares é a avaliação de resultados de pesquisa ou propostas de projetos quanto à competência, significância e originalidade conduzida por especialistas na área. No meio acadêmico, essa revisão valida a qualidade, a confiabilidade, a integridade e a consistência da literatura acadêmica. Convém destacar, portanto, a importância da validação dos pares para a aplicabilidade da nossa sequência de atividades em outras turmas, pois o nosso objetivo é disponibilizar um guia com propostas de atividades pedagógicas destinadas ao professor de Língua Portuguesa, para poder atuar no combate ao preconceito linguístico e na valorização da cultura e da linguagem de seus alunos e da comunidade.

Para a validação de nossa sequência de atividades, convidamos quatro profissionais da educação de nossa escola: duas professoras de Língua Portuguesa (P.N. e P.R.C.S.), uma professora de História (K.S.N.) – atuantes no Ensino Fundamental II e Ensino Médio – e uma pedagoga (E.M.). No decorrer do trabalho de pesquisa, houve uma constante socialização, com essas profissionais, das atividades que estavam sendo aplicadas na turma do 9º ano. Elas nos acompanharam nas práticas e conversamos muito a respeito das dificuldades encontradas nesse processo. Confiamos a elas, portanto, um olhar crítico sobre o trabalho proposto, agora então organizado em forma de sequência de atividades.

Assim, a fim de validarmos a nossa sequência de atividades, apresentamos-lhes nossa proposta impressa, além das imagens e do vídeo da produção final, com a apresentação teatral. Em seguida, pedimos-lhes que respondessem a um questionário com sete perguntas, sendo seis abertas, conforme o Apêndice S. Todas as respostas foram favoráveis à aplicabilidade da sequência de atividades. A seguir, registramos algumas das considerações feitas.

Pertinência das atividades propostas na sequência para o contexto sociocultural de Marechal Floriano

As colegas foram unânimes em afirmar a pertinência do projeto:

“[...] isso valoriza o passado histórico da comunidade, permite um trabalho de produção textual contextualizado e valoriza a cultura local” (E.M.);

“[...] enxergo nessas atividades uma maneira de resgatar a cultura de Marechal Floriano, propiciando o fortalecimento das identidades e o efetivo reconhecimento das raízes étnico-culturais do nosso município” (K.S.N.);

“Considero a pesquisa muito pertinente porque permitiu o contato dos estudantes com a língua materna de imigrantes, divulgando uma riqueza cultural do município de Marechal Floriano, fazendo com que se respeitem as variedades linguísticas” (P.R.C.S.);

Aplicabilidade da sequência a outras séries do ensino Fundamental II

Houve unanimidade na resposta afirmativa, destacando-se que “[...] por tratar desse conhecimento cultural, deve ser destinada a todas as séries, adaptando as atividades ao nível escolar de cada série” (E.M.).

O resgate histórico-cultural no favorecimento do ensino de português quanto aos aspectos linguísticos

Nessa questão, também houve unanimidade em respostas afirmativas. Uma das professoras afirmou que o resgate histórico-cultural favorece o ensino de português, uma vez que “[...] amplia os horizontes dos alunos quanto ao conhecimento das variedades linguísticas, contribuindo assim para a compreensão da multiculturalidade dos educandos” (P.R.C.S.).

A importância do conhecimento da pluralidade linguística da comunidade para o ensino de português

Todas reconhecem tal importância, e uma colega destaca: “O conhecimento das outras línguas faladas na comunidade auxilia na percepção e na análise das variedades linguísticas da língua portuguesa” (P.N.).

Fator identitário no combate ao preconceito linguístico

Quanto a essa questão, registramos duas considerações: “Esse conhecimento é uma forma bastante eficaz de combate ao preconceito” (P.N.); e “[...] somente conhecendo e regatando as nossas raízes culturais e linguísticas é possível vencer esse preconceito, transformando o descaso com as línguas minoritárias em orgulho e identidade sociocultural” (K.S.N.).

Relevância da preservação das línguas de herança em Marechal Floriano

No que se refere à preservação das línguas de herança em Marechal Floriano, todas consideram um bem cultural valioso à identidade local: “A vinda de imigrantes para a nossa região contribuiu para a diversidade cultural. [...] com a preservação das línguas de imigração, mantém-se viva a nossa história e reafirma o valor do imigrante para a formação de nossa comunidade” (K.S.N.).

A última questão apresenta os objetivos da nossa pesquisa. Perguntamos às colegas se as atividades relacionadas atendem a esses objetivos. A resposta de todas foi afirmativa quanto aos três objetivos listados: a) propor caminhos que contribuam para o desenvolvimento de atitudes positivas do aluno diante da diversidade linguística em que se encontra; b) contribuir com o ensino de Língua Portuguesa, para a formação de uma pedagogia de conscientização linguística; c) proporcionar a produção escrita e a expressão oral dos alunos a partir do contexto sociolinguístico e cultural local.

Em suma, pudemos observar a aprovação da sequência de atividades proposta para os fins desejados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa pretendeu abordar o ensino de Língua Portuguesa em uma comunidade fortemente marcada pelo contexto de imigração. Dessa forma, foi nosso objetivo propor estratégias de trabalho com a língua portuguesa – a leitura e a produção de textos orais e escritos – promovendo o respeito à diversidade linguística existente na comunidade onde a escola está inserida. Em nosso caso, a diversidade envolve duas línguas: o português e o hunsrückisch, a língua – e suas variedades – falada pelos primeiros moradores do município de Marechal Floriano.

No decorrer deste projeto de pesquisa, percebemos que houve muito aprendizado por parte de nossos alunos, tanto em relação ao conhecimento da história da imigração no estado do Espírito Santo - especialmente a alemã, cujas marcas são fortes em nosso município - como também ao aspecto linguístico, seja da língua minoritária ou das variedades do português. Assim, ao dialogarmos atualmente com os alunos que participaram da pesquisa sobre diversidade linguística e cultural, percebemos uma notável diferença em relação àqueles que não participaram. Observamos também que houve um bom desenvolvimento dos alunos no que se refere à prática da leitura e da comunicação oral e da escrita.

De acordo com relatos orais desses alunos, fica mais fácil escrever quando há motivação para isso. E foi o que ocorreu. Oportunidades de estudo diferentes, como entrevistas e viagens de estudo, estimularam os estudantes a produzirem bons textos. E, por promovermos muitas conversas entre a turma envolvida no projeto, até aqueles mais tímidos passaram a se expressar mais espontaneamente de forma oral.

Para realizar esta pesquisa, nos baseamos teoricamente na Sociolinguística, em sua vertente Educacional, que prega o ensino da língua culta junto com a(s) variedade(s) falada(s) pelos alunos e pela sociedade local. Metodologicamente, levamos os nossos alunos a pesquisar a história da comunidade e das próprias famílias por meio da leitura de textos, de visitas a locais históricos e a instituições públicas, e de

entrevistas a pessoas da comunidade que são descendentes dos imigrantes alemães e que falam o hunsrückisch.

Trabalhando em uma escola localizada em uma comunidade com grande diversidade étnica, cultural e linguística, nos desafiamos a propor caminhos de atitudes positivas quanto ao aluno e contribuir com a construção de uma pedagogia de conscientização linguística. Nessa perspectiva, propiciamos a produção escrita e a expressão oral dos alunos a partir do contexto sociolinguístico e cultural local. E isso só foi possível graças ao Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS –, que nos possibilitou muitas leituras e pesquisas que nos levaram à reflexão e, consequentemente, a outras práticas de oralidade e de escrita nas aulas de Português.

O produto educacional resultou das ações desenvolvidas no decorrer das aulas de Língua Portuguesa com um olhar atento para a comunidade. Em uma relação escola e comunidade, fizemos um movimento “de dentro para fora” e “de fora para dentro”.

Um ponto que mereceu destaque foi a presença da equipe de pesquisadores do Inventário do Hunsrückisch em Marechal Floriano, projeto que contou com a participação de pesquisadores do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo. O ineditismo do Inventário mereceu uma matéria³⁹ da TV Vitória sobre o hunsrückisch em Marechal Floriano, em que pessoas da comunidade e uma família falante de hunsrückisch indicada por nós foram entrevistadas. A família Faller também participou do encontro de culminância de nosso projeto, tendo inclusive participação especial no teatro, junto com os alunos sujeitos desta pesquisa.

Outro momento muito significativo para divulgar a riqueza linguística de Marechal Floriano aconteceu em novembro de 2017, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), por ocasião do IV Congresso Nacional de Estudos Linguísticos (CONEL), em uma sessão coordenada pela Prof^a Dr^a Edenize Ponzio Peres, nossa orientadora. Falantes de hunsrückisch e um vereador de Marechal Floriano, César

³⁹ A matéria televisiva foi exibida no evento de culminância do projeto como parte integrante da peça teatral.

Ronchi, acompanharam as apresentações de mestres e mestrandos sobre as línguas de imigração faladas no Espírito Santo. Os representantes da nossa comunidade ficaram lisonjeados por perceberem que preservam um bem cultural, quando continuam falando a língua dos seus ancestrais, e que ser bilíngue não é razão de vergonha, muito pelo contrário.

Indiscutivelmente, nossa pesquisa teve repercussão na escola onde trabalhamos. Como prova, temos que uma aluna do 2º ano do Ensino Médio, em 2016, se sensibilizou com a situação de sua família, falante de hunsrückisch e que muitas vezes fora alvo de preconceito. Escreveu um artigo de opinião intitulado *Vergonha ou Orgulho?*, reunindo argumentos para defender o seu ponto de vista acerca da língua usada em sua casa e em sua comunidade.

Em 2017, essa aluna participou do Parlamento Jovem Brasileiro⁴⁰, vindo a propor, em seu Projeto de Lei, o ensino de línguas minoritárias em escolas públicas brasileiras, tendo como objetivo garantir a diversidade cultural de cada comunidade e valorizar a riqueza linguística do Brasil, utilizando o conhecimento como forma de erradicar quaisquer tipos de preconceito e/ou intolerância linguístico-cultural (cf. Apêndice T). Seu projeto foi pré-selecionado, ficando entre os oito escolhidos para representar o estado do Espírito Santo, em Brasília, mas, para a etapa nacional, foram escolhidas outras duas propostas. Agora, como estudante de Letras, continua almejando ser pesquisadora das línguas minoritárias.

Acreditamos que atingimos os objetivos de nossa pesquisa: o ensino da língua portuguesa ao lado da valorização da cultura e da diversidade linguística local, visando à elevação da autoestima de muitos florianenses. Por outro lado, percebemos que este estudo pode ser ampliado, visando, talvez, ao resgate do hunsrückisch e de outras línguas de imigração possivelmente faladas no município.

⁴⁰ O Parlamento Jovem Brasileiro (PJB) é realizado anualmente e tem por objetivo possibilitar aos alunos de Ensino Médio de escolas públicas e particulares a vivência do processo democrático, mediante a participação em uma jornada parlamentar na Câmara dos Deputados, em que os estudantes tomam posse e atuam como deputados jovens.

Esse é um passo importante para o reconhecimento das línguas minoritárias como símbolo de identidade pessoal, que constitui um direito do cidadão. Entretanto, para isso, será necessário fazer um trabalho incessante em prol dessas línguas.

Os resultados obtidos na comunidade de Marechal Floriano e o envolvimento dos alunos no processo de aprendizagem por meio do nosso trabalho superaram em muito as nossas expectativas. Pretendemos, portanto, dar continuidade à pesquisa e expandir essas ações de resgate das nossas raízes culturais a um público maior, incentivando a valorização da diversidade linguística local e, conseqüentemente, da própria identidade dos habitantes de Marechal Floriano. Precisamos repudiar as atitudes preconceituosas em relação às línguas minoritárias – ou às variedades populares do português – em nossa e em qualquer comunidade, e levar as pessoas ao conhecimento de seus direitos linguísticos, que representam direitos humanos adquiridos.

Creemos ser inaceitável que um indivíduo tenha vergonha de sua própria língua ou variedade da língua. Infelizmente, a escola tem sido uma das grandes responsáveis por reproduzir o discurso do monolinguismo e da homogeneidade do português no Brasil. Daí surge outra questão, que é o sentimento de muitos falantes do português de que não sabem falar sua própria língua. Por isso, também nos propomos a lançar um olhar especial sobre os nossos alunos, representantes da comunidade e importantes agentes na construção da sociedade. Apoiando-nos na Sociolinguística Educacional, buscaremos, daqui em diante, a reflexão quanto aos usos da língua, com vistas à ampliação da competência comunicativa do aluno, abrindo-lhe caminhos para o seu protagonismo como cidadão de uma sociedade plural.

Concluo esta etapa da minha jornada profissional certa de que a semente lançada em nossa comunidade tem encontrado terreno fértil. Estudar, pesquisar a respeito da língua de um grupo social também é adentrar no campo afetivo e, se nos sentimos tocados, entramos na luta em defesa dessa causa. Esse, enfim, é o resultado de um processo que se iniciou há dois anos, mas nosso compromisso com a nossa gente continua, porque também eu sou parte dessa história.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Daniel Ray; DEWES, Mabel; JOHANN, Solange Hamester. **Piiplexe kexichte**: Mit pilter in Hunsrik. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 2011.

ALTENHOFEN, Cléo V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICLOLAIDES, Christine; SILVA Kleber Aparecido da; TILIO, Rogério; ROCHA, Claudia Hilsdorf (Orgs.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Bilingüismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Ariel, 1996.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007a.

_____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007b.

_____. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 17. ed., São Paulo: Contexto, 2015.

BARONAS, Joyce Almeida; COBUCCI, Paula. A importância da Sociolinguística Educacional na formação docente continuada. In: MOLLICA, Cecília; FERRAREZI Jr., Celso. (Orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl (Orgs.) **Sociolinguística e ensino**: contribuições para a formação do professor de língua. (Homenagem a Paulino Vandresen). Florianópolis: Ed. UFSC, 2006.

_____. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Plano Nacional de Educação 2014-2024:** Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

BREMENKAMP, Elizana Schaffel. **Análise sociolinguística da manutenção da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo.** Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Da linguística formal à linguística social.** São Paulo: Parábola, 2013.

CARDOSO, Caroline Rodrigues. Letramentos, variação linguística e mobilidade social. In: CARDOSO, Caroline Rodrigues; SCHERRE, Maria Marta Pereira; LIMA-SALLES, Heloísa Maria Moreira; PACHECO, Cíntia (Orgs.). **Variação linguística, contato de línguas e educação.** São Paulo: Pontes, 2013.

COMINOTTI, Katiúscia Sartori Silva. **O contato linguístico entre o vêneto e o português em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves, ES:** uma análise sócio-histórica. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

COULMAS, Florian. **Sociolinguistics:** the study of speakers' choices. Cambridge: Cambridge Press, 2005.

COUTO, Hildo Honório do. **Linguística, ecologia e ecolinguística:** contato de línguas. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. Ecolinguística. In: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI Jr., Celso (Org.). **Sociolinguística, sociolinguísticas:** uma introdução. São Paulo: Ed. Contexto, 2016.

CYRANKA, Lucia F. Mendonça. A pedagogia da variação linguística é possível? In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. **Pedagogia da variação linguística:** língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola, 2015.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em Ciências Sociais.** São Paulo: Atlas, 1995.

DEWES, Mabel; JOHANN, Solange Maria Hamester. **Piiplix Awentuure.** São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, Ana; FARACO, Carlos Alberto. **Pedagogia da variação linguística:** língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola, 2015.

FASOLD, Ralph. **La sociolingüística de la sociedad:** introducción a la sociolingüística. Trad. de Margarita España Villasante y Joaquín Mejía Alberdi. Madrid: Visor Libros, 1996.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Reflexões para um ensino igualitário e inclusivo de raça/etnia em linguagem. In: BOSRTEL, Clarice Nadir Von; COSTA-HÜBES, Therezinha da Conceição (Orgs.). **Linguagem, cultura e ensino**. Cascavel: Unioeste Ed., 2011.

FREIRE, Gabriel Gonçalves; GUERRINI, Daniel; DUTRA, Alessandra. O Mestrado Profissional em Ensino e os produtos educacionais: a pesquisa na formação docente. **Revista Porto das Letras**, Vol. 02, Nº 01, 2016. p. 100-14.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2012.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. ES em mapas. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/mapas/>. Acesso em: 5 fev. 2018.

KUSTER, Alida P. et al. **Dicionário português-renano (Hunsrückisch)**. Marechal Floriano, ES: Grafisana Central dos Impressos LTDA, 2014.

KÜSTER, Sintia Bausen. **Cultura e língua pomeranas**: um estudo de caso em uma escola do Ensino Fundamental no município de Santa Maria de Jetibá – Espírito Santo – Brasil. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

LEFFA, Vilson José. Transdisciplinaridade no ensino de línguas: A perspectiva da teoria da complexidade. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 6, n. 1, 2006.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Sociolinguística e línguas de herança. In: MOLLICA, Cecília; FERRAREZI Jr., Celso. (Orgs.) **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

LIMBERGER, Bernardo Kolling. **O desempenho de bilíngues e multilíngues em tarefas de controle inibitório e compreensão auditiva**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

LUCCHESI, Dante. **Línguas e sociedades partidas**. São Paulo: Contexto, 2015.

MAHER, Terezinha Machado. Ecos da resistência: políticas linguísticas e línguas minoritárias no Brasil. In: NICLOLAIDES, Christine; SILVA Kleber Aparecido da; TILIO, Rogério; ROCHA, Claudia Hilsdorf (Orgs.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

MARTINUZZO, José Antônio. **Germânicos nas terras do Espírito Santo**. Tradução Helmar Reinhard Hölke. Vitória: Governo do Estado do Espírito Santo, 2009. Edição bilíngue português e alemão.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fala, letramento e inclusão social**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____; FERRAREZI Jr., Celso. Apresentação. In: MOLLICA, Cecília; FERRAREZI Jr., Celso. (Orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

MONTRUL, Silvina. **El bilingüismo en el mundo hispanohablante**. West-Sussex, UK: Wiley-Blackwell, 2013.

MORELLO, Rosângela (Org.). **Leis e línguas no Brasil**: o processo de cooficialização e suas potencialidades. Florianópolis: IPOL, 2015.

NASSI-CALÓ, Lilian. **Avaliação por pares**: modalidades, prós e contras. Scielo em Perspectivas, 2015. Disponível em: <http://blog.scielo.org/blog/2015/03/27/avaliacao-por-pares-modalidades-pros-e-contras>. Acesso em: 07 mar. 2018.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de (org.). **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos**: novas perspectivas em política linguística. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

_____. Plurilinguismo no Brasil: repressão e resistência linguística. **Synergies Brésil**, v. 1, p. 19-26, 2009.

_____. Políticas linguísticas como políticas públicas. In: Guadalupe Teresinha Bertussi, Nildo Domingos Ouriques (Orgs.). **Anuário Educativo Brasileiro**: Visão Retrospectiva. São Paulo: Cortez, 2011.

PAIVA, Maria da Conceição de. Mudanças em tempo real e em tempo aparente. In: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI Jr., Celso (Orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Ed. Contexto, 2016.

PEREIRA, Ana Dilma de Almeida. Educação (socio)linguística e pesquisa etnográfica colaborativa no processo de formação docente. In: CARDOSO, Caroline Rodrigues; SCHERRE, Maria Marta Pereira; LIMA-SALLES, Heloísa Maria Moreira; PACHECO, Cíntia (Orgs.). **Variação linguística, contato de línguas e educação**. São Paulo: Pontes, 2013.

PERES, Edenize Ponzo. Aspectos sócio-históricos do contato entre o dialeto vêneto e o português no Espírito Santo. In: **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v.8, n. 10.1, p. 53-71, 2014.

_____; DADALTO, Maria Cristina; BOTTER, Barbara. A imigração italiana e os contatos linguísticos no Espírito Santo. In: FROSI, V. M.; MISTURINI, B. **Imigração Italiana**: estudos e pesquisas. São Leopoldo: Oikos, 2016.

RAASCH, Silas. **A colônia de Santa Isabel e seus imigrantes (1847 – 1889)**. 2010. 186 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória (ES), 2010.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Política linguística: do que é que se trata, afinal? In: NICLOLAIDES, Christine; SILVA Kleber Aparecido da; TILIO, Rogério; ROCHA, Claudia Hilsdorf (Orgs.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

RODRIGUES, Sarah Loriato. **Mi Parlo Taliàn**: uma análise sociolinguística do bilinguismo português-dialeto italiano no município de Santa Teresa, Espírito Santo. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

RÖLKE, Helmar. **Raízes da Imigração Alemã**: história e cultura alemã no Estado do Espírito Santo. Vitória (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

SANTOS, Ezequiel Sampaio dos et al. **História, geografia e organização social e política do município de Domingos Martins**. Vitória: Brasília Editora Ltda, 1992.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1992.

VIEIRA, José Eugênio; VELTEN, Joel Guilherme. **Os italemães na terra dos botocudos**. Vitória: Grafitusa, 2015.

WEINREICH, Uriel. **Language in contact**: findings and problems. Paris: The Hague Mouton, 1970 [1953].

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário para identificação do contexto linguístico



INSTITUTO FEDERAL
ESPÍRITO SANTO



PROFLETRAS

PESQUISA: PRÁTICAS DE ORALIDADE E DE ESCRITA NAS AULAS DE PORTUGUÊS EM CONTEXTO DE DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: O CONTATO ENTRE AS LÍNGUAS PORTUGUESA E HUNSRÜCKISCH EM MARECHAL FLORIANO, ES.

Mestranda: Reni Klippel Machado

Orientadora: Profª Drª Edenize Ponzo Peres

QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO

Nome completo:

Data de nascimento: ____/____/____

Religião:

Pai: Idade:

Mãe: Idade:

Irmão(s):

.....
.....
.....

Pessoas com quem mora:

.....
.....
.....

Local de residência:

.....

Avós paternos/idade:

.....
.....

Avós maternos/idade:

.....
.....

Já ouviu pessoas falando outra língua que não fosse a portuguesa em algum lugar onde você mora ou estuda? Qual língua, onde essas falavam e com quem?

.....
.....

Sobre as línguas dos nossos antepassados, assinale a(s) opção(ões) que se aplicam às pessoas da sua família:

	alemão padrão	hunsrückisch	“italiano”	pomerano
Fala bem				
Fala um pouco				
Entende bem				
Entende um pouco				

Você gostaria de ser bilíngue, isto é, falar fluentemente duas línguas? Se a sua resposta for sim, quais seriam essas línguas? Por quê?

.....

.....

.....

.....

Obrigada pela sua participação!

Professora Reni Klippel Machado

APÊNDICE C - Planejamento Atividade 1: Descobrindo nossas raízes

Conteúdo	Árvore genealógica e a língua que usamos
Objetivos	- Identificar a origem étnico-linguística dos alunos; - Fazer um levantamento das línguas de herança usadas pelos alunos e familiares.
Tempo estimado	2 aulas de 55 min.
Recursos	Folha de papel, régua, lápis, borracha, lápis de cor, caneta.
Avaliação	A avaliação será feita por meio da verificação dos registros de nomes completos dos seus ancestrais até os bisavós, na árvore genealógica, e dos relatos orais.

Desenvolvimento: Com a turma disposta em círculo, o professor distribui um crachá para cada aluno e pede que todos escrevam o seu nome completo. Inicia a atividade perguntando se gostam do seu nome e pede para que cada um o pronuncie, numa forma divertida de apresentação. Propõe, a partir de então, uma conversa informal sobre o que os alunos sabem a respeito de sua origem étnico-linguística. Pode lançar as seguintes perguntas: Qual é a origem do seu sobrenome? Os seus ancestrais são brasileiros natos ou imigrantes? Você costuma ouvir pessoas, no contato pessoal, falando outra língua que não seja a língua portuguesa? Que língua é essa? Onde ela é falada? Quem a fala? Com quem?

Após essa conversa, o professor dá orientações para construir uma breve árvore genealógica da família dos estudantes. Considerando a importância do registro dos nomes completos dos familiares, eles devem fazer a pesquisa em casa, junto à sua família. Além dos nomes e das origens, pede-se também que busquem informação sobre a língua que os ancestrais usam/usavam na comunicação diária. Para isso, pode ser encaminhado um questionário a ser preenchido junto de seus familiares. Na aula seguinte, as árvores genealógicas deverão ser apresentadas e as informações colhidas pelos alunos serão socializadas oralmente.

APÊNDICE D - Planejamento Atividade 2: O lado de lá no lado de cá

Conteúdo	A presença dos imigrantes no Brasil
Objetivos	- Buscar informações a respeito da identidade do povo brasileiro; - Reconhecer a importância de cada etnia na formação da sociedade brasileira; - Valorizar a identidade étnica individual num contexto plural.
Tempo estimado	6 aulas de 55 min.
Recursos	Computador com acesso à internet, livros de História, revista projetor multimídia, caderno, caneta e materiais diversos, conforme a escolha da forma de apresentação.
Avaliação	Será avaliada a apresentação de cada grupo, tendo como critérios: o conteúdo, a organização, a clareza e a criatividade.

Desenvolvimento: Em parceria com o professor de História, propor aos alunos uma pesquisa sobre a presença do imigrante no Brasil. Esse conteúdo corresponde ao Segundo Reinado, quando ocorre a chegada dos imigrantes ao Brasil. Os alunos podem ser organizados em grupos de pesquisa, conforme as etnias dos imigrantes a serem estudados: portugueses, espanhóis, alemães, italianos, japoneses, russos e outros. Sugere-se orientar os alunos para que façam a apresentação da pesquisa à classe, de forma bem ilustrada, destacando, no mapa mundi, o país de origem e a região para onde esses imigrantes se destinaram no Brasil. Além disso, devem buscar informações sobre quais atividades esses imigrantes praticavam no Brasil, a quantidade estimada de pessoas de cada grupo que chegaram aos portos brasileiros no século XIX e as suas características culturais, tais como: língua, culinária, danças típicas e instrumentos musicais. E, para que haja um interesse maior dos alunos em relação ao tema, tanto no momento da produção como no da apresentação, pode ser solicitada a eles a apresentação de uma dança típica e a preparação de um prato típico para ser saboreado pela turma. As informações podem ser dispostas para visualização em cartazes, em slides ou em vídeos.

APÊNDICE E – Exemplo de texto de aluno - Identidade capixaba

Ser capixaba
É motivo de orgulho.
Com um pulinho
Vai da serra ao mar.

Paisagens lindas
Do campo e das cidades.
Muita coisa pra se admirar.

Gente boa aqui não falta,
É gente de todo lugar.
Nossa história é muito rica,
Nossa cultura é diversificada.

Tem brasileiro, pomerano,
Italiano e alemão,
Além de outros povos
Que ajudam este estado
Ser importante pra nação.

(Aluna D. K. K., 14 anos)

APÊNDICE F - Planejamento Atividade 3: A formação da identidade capixaba

Conteúdo	A história do Espírito Santo – A formação da Identidade Capixaba
Objetivos	- Reconhecer a importância de cada etnia na formação da cultura capixaba; - Valorizar a identidade étnica individual num contexto plural; - Motivar a produção de texto oral e escrito.
Tempo estimado	8 aulas de 55 min.
Recursos	Projeter multimídia, caderno e caneta.
Avaliação	Será avaliada a participação dos alunos na atividade com base em seus registros escritos e na exposição oral referente ao conteúdo dos vídeos e a produção textual ao final das atividades.

Desenvolvimento: Após os estudos sobre a presença dos imigrantes no Brasil, o professor viabiliza a exibição da série de vídeos intitulada *Raízes - A história do Espírito Santo: A formação da identidade capixaba*⁴¹, que pode ser encontrada no endereço eletrônico listado abaixo. Como a duração média de cada episódio é de 10 a 13 minutos, cabe ao professor organizar como será feita essa exibição. Após cada episódio, os alunos farão um registro em seu caderno para, logo em seguida, tecerem comentários orais a respeito do que versa cada vídeo. A lista é a que segue:

Raízes - A história do Espírito Santo - **Episódio 1** - A Formação da Identidade Capixaba <<https://www.youtube.com/watch?v=2U6boXUxOIA>>

Raízes - A história do Espírito Santo - **Episódio 2** - A Formação da Identidade Capixaba <https://www.youtube.com/watch?v=QkS_S4vIZgl>

Raízes - A história do Espírito Santo - **Episódio 3** - A Formação da Identidade Capixaba <<https://www.youtube.com/watch?v=VK6FT8R9uWw>>

Raízes - A história do Espírito Santo - **Episódio 4** - A Formação da Identidade Capixaba <<https://www.youtube.com/watch?v=mVTUg0ljDtw>>

⁴¹ Em se tratando de professores que atuam em outro estado, eles devem procurar documentários feitos sobre a (i)migração em sua região.

Raízes - A história do Espírito Santo - **Episódio 5** - A Formação da Identidade Capixaba <https://www.youtube.com/watch?v=J_N4UEvULCU>

Raízes - A história do Espírito Santo - **Episódio 6** - A Formação da Identidade Capixaba <<https://www.youtube.com/watch?v=GPdmYESVeks>>

Raízes - A história do Espírito Santo - **Episódio 7** - A Formação da Identidade Capixaba <<https://www.youtube.com/watch?v=L3MkfbffPIE>>

Raízes - A história do Espírito Santo - **Episódio 8** - A Formação da Identidade Capixaba <<https://www.youtube.com/watch?v=XlBkCBSn-oM>>

Raízes - A história do Espírito Santo - **Episódio 9** - A Formação da Identidade Capixaba <<https://www.youtube.com/watch?v=wOlbcwkzDI>>

Raízes - A história do Espírito Santo - **Episódio 10** - A Formação da Identidade Capixaba <https://www.youtube.com/watch?v=U_F8CgPTSSo>

Raízes - A história do Espírito Santo - **Episódio 11** - A Formação da Identidade Capixaba <https://www.youtube.com/watch?v=_TskR_3Zrns>

Raízes - A história do Espírito Santo - **Episódio 12** - A Formação da Identidade Capixaba <<https://www.youtube.com/watch?v=kS57-rcJxt4>>

Após a apresentação dessa série de vídeos, o professor encaminha a leitura do poema *Um jeito capixaba de ser*, da autoria da poetisa capixaba Elisa Lucinda. Em seguida, com os alunos já munidos de informações e sensibilizados com a riqueza cultural do seu estado, o professor propõe a produção de um poema sobre o tema: Identidade capixaba. Esses textos, após a avaliação do professor e a sua reescrita pelos alunos, serão apresentados à turma e poderão ser expostos para a escola.

APÊNDICE G – Exemplo de relato da visita pedagógica I

Rumo à Casa da Cultura, pelas ruas de Domingos Martins, foi possível reparar, logo depois do portal da cidade, algumas placas decoradas com a arte Bauernmalerei. Ao entrarmos no museu, na Casa da Cultura, vimos um traje de dança alemã masculino.

O senhor Joel Guilha Velten nos deu uma palestra muito interessante, explicando detalhadamente a origem de cada um de nós. Foi uma palestra bem produtiva. Assim, consegui tirar algumas dúvidas. O senhor Joel manteve diálogo em Hunsrückisch com a professora Reni e com uma senhora que também nos acompanhou na visita.

Depois da palestra, fomos liberados para circularmos no museu e observarmos alguns objetos, instrumentos, documentos, fotos. Ao circular, pude observar algumas roupas usadas pelos imigrantes e um vestido de batizado bem antigo. Além disso, várias peças de louça bem frágeis. Vimos também quadros e vários painéis com nomes de pessoas que vieram da Alemanha para o Brasil e se instalaram nas regiões de Santa Isabel e Domingos Martins, conhecido antigamente como Campinho e até hoje chamado assim por algumas pessoas. Vi alguns meios de comunicação da época também. Fomos muito bem tratados na Casa da Cultura e foi produtivo o que realizamos lá.

Saindo da Casa da Cultura, fomos a uma loja de artesanato, onde também tivemos uma pequena aula de como surgiu a arte que foi apresentada lá, a arte Bauernmalerei, uma pintura campestre. É uma arte bem colorida, com pequenas flores, sempre com o mesmo motivo. Surgiu na Alemanha. Era produzida com restinhos de tintas, por isso só pintavam flores bem pequenas.

Depois da loja de artesanato, fomos ao Grossmutter, um restaurante de comida típica da Alemanha. Fomos lá para conhecermos o que eles apresentam para os seus clientes, tanto o que servem de comida quanto o local, que é uma casa típica alemã.

Assim foi nossa visita, uma aula diferente e divertida.

(Aluna G.O.N., 14 anos)

APÊNDICE H - Planejamento Atividade 4: Visitas pedagógicas a espaços histórico-culturais

Conteúdo	História da imigração alemã no Espírito Santo
Objetivos	- Ampliar o conhecimento a respeito da imigração alemã no Espírito Santo, em especial na região de Domingos Martins e Marechal Floriano; - Identificar as marcas da colonização alemã em Domingos Martins e Marechal Floriano; - Entrevistar pessoas da comunidade; - Registrar documentos, fotos, cartas e demais materiais disponibilizados nos locais de visita com descrição escrita ou com fotografias; - Produzir textos orais e escritos.
Tempo estimado	A depender da visita planejada.
Recursos	Veículo para transporte dos alunos e da professora, câmera fotográfica, caderno e caneta ou lápis para anotações.
Avaliação	Será avaliada a participação de cada aluno nas atividades realizadas.

Desenvolvimento: O professor, com a autorização da direção da escola e dos pais, agenda um dia para cada visita sugerida. São elas:

Visita pedagógica 1:

Domingos Martins: Casa da Cultura, igreja luterana; monumento em homenagem ao colono imigrante; placas bilíngues de identificação de ruas (português e alemão); primeira casa construída na localidade pelos imigrantes alemães (Campinho); arquitetura alemã na cidade; Casa do Artesanato – Bauernmalerei.

Marechal Floriano: Antigo Restaurante Grossmutter – casa típica alemã que preserva seus traços originais - construída sem o uso de pregos.

Visita pedagógica 2:

Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo;

Serra da Boa Vista (Domingos Martins): Marco da Colonização Alemã no Espírito Santo; cemitério onde foram enterrados os primeiros imigrantes alemães (2 pastores e 52 parentes das primeiras famílias imigrantes).

Visita pedagógica 3:

Santa Maria, distrito de Marechal Floriano: Gruta Nossa Senhora de Lourdes, local de residência do primeiro colonizador do distrito e abrigo para os colonizadores alemães;

Araguaia, distrito de Marechal Floriano: Museu da imigração italiana, Casa do Nono e Casa Rosa, com fortes marcas da cultura italiana.

Na aula seguinte à visita, o professor exhibe as fotos tiradas nos locais visitados e os estudantes socializam oralmente as experiências vivenciadas no passeio-estudo. Após esse momento, o professor propõe atividades escritas, como relatos, poemas ou crônicas com base no passeio pedagógico. Devido à socialização das informações e das impressões dos locais visitados, essas atividades podem ser realizadas também pelos alunos que não puderam participar da visita.

APÊNDICE I - Planejamento Atividade 5: A arte campesina alemã e a preservação da cultura de Marechal Floriano

Conteúdo	Bauernmalerei
Objetivos	- Dar a conhecer a pintura originária alemã – o Bauernmalerei; - Aplicar a técnica dessa pintura; - Reconhecer a importância de essa arte campesina alemã ter sido declarada Patrimônio Cultural Imaterial de Marechal Floriano e de Domingos Martins; - Incentivar a leitura; - Motivar a produção oral e a escrita.
Tempo estimado	5 aulas de 55 min.
Recursos	Caderno, tintas, pincéis, copos plásticos, água, guardanapo de papel, jornal velho, cópias da matéria jornalística (ou acesso à internet).
Avaliação	Verificação das anotações no caderno e da técnica aplicada.

Desenvolvimento:

Primeiro momento: Após a visita a uma Casa de Artesanato, o professor oportuniza a pesquisa na internet sobre a arte campesina alemã, o Bauernmalerei. Os alunos fazem anotações em seu caderno para socializarem as informações com os colegas. Em seguida, para confirmar as informações a respeito da técnica dessa arte, o professor exhibe o vídeo *Aprenda a técnica da pintura bauernmalerei*, o qual pode ser localizado no seguinte endereço eletrônico:

<https://www.youtube.com/watch?v=GujEKzeP91w>.

Segundo momento: O professor faz contato com um artesão local da referida arte, para ensiná-la aos alunos, os quais praticam a técnica do Bauernmalerei decorando a capa de um caderno ou outro objeto.

Terceiro momento: O professor orienta a leitura da notícia veiculada no jornal online regional Montanhas Capixabas sobre a arte campesina alemã e dialoga sobre a sua importância para a comunidade, ressaltando as vantagens de ter sido declarada Patrimônio Cultural Imaterial de Marechal Floriano.

APÊNDICE J – Planejamento Atividade 6: Conhecendo a origem étnico-linguística da comunidade escolar

Conteúdo	Identidade e língua em uso
Objetivos	- Fazer um levantamento dos sobrenomes dos alunos e dos funcionários da escola, para a sua identificação étnico-linguística; - Identificar a(s) língua(s) usada(s) pelos alunos, funcionários e servidores da escola em sua comunidade. - Reconhecer a pluralidade étnica das pessoas que circulam diariamente na escola (alunos, funcionários e servidores) e valorizar a importância de cada um na construção da sociedade; - Valorizar a identidade étnica individual num contexto plural.
Tempo estimado	2 aulas de 50 min.
Recursos	Questionário impresso, caneta, papel para impressão dos sobrenomes.
Avaliação	A avaliação se dará por meio da observação do processo da pesquisa e da coleta de dados.

Desenvolvimento: O professor dá as orientações necessárias de como se processará a coleta de dados, apresentando uma ficha (cf. Apêndice K) com campos para preenchimento. Os alunos podem se organizar em duplas para fazerem esta pesquisa. Para tanto, é preciso fazer um treino oral sobre como os alunos devem proceder diante dos informantes.

Os alunos, então, dirigem-se às salas de aula da escola, apresentam o objetivo da pesquisa e entregam o questionário, o qual será preenchido pelos colegas de escola e recolhidos logo em seguida. Uma dupla fica responsável por realizar essa pesquisa entre os funcionários da escola. Após o recolhimento de todos os questionários, é feito o levantamento dos sobrenomes das pessoas envolvidas na pesquisa, os quais serão dispostos num painel com uma frase em destaque, a ser escolhida pela turma, para a valorização da identidade dos indivíduos na sociedade. Além disso, serão tabulados os dados referentes às línguas usadas na comunidade dos entrevistados e disponibilizados num gráfico que também pode ser exposto nesse painel.

APÊNDICE K - Pesquisa sobre as línguas em uso na comunidade



INSTITUTO FEDERAL
ESPÍRITO SANTO



PROFLETRAS

PESQUISA: PRÁTICAS DE ORALIDADE E DE ESCRITA NAS AULAS DE PORTUGUÊS EM CONTEXTO DE DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: O CONTATO ENTRE AS LÍNGUAS PORTUGUESA E HUNSRÜCKISCH EM MARECHAL FLORIANO, ES.

Mestranda: Reni Klippel Machado

Orientadora: Profª Drª Edenize Ponzo Peres

PESQUISA SOBRE AS LÍNGUAS EM USO NA COMUNIDADE

1.Nome completo:Idade:.....Série:.....

2.Pai:

3.Avô e avó paternos:

.....

4.Mãe:

5.Avô e avó maternos:.....

.....

6.Em que língua(s) você aprendeu a falar (sua primeira língua)?

() Português.

() Hunsrückisch (alemão de casa).

() Pomerano.

() Vêneto / Talian (ou outra língua de herança italiana).

() Outra:

7.Há alguém da sua família que fala ou entende o hunsrückisch (o alemão de casa)?

() Sim, fala. Quem?

() Sim, só entende. Quem?

() Não.

8. Em qual município você mora?

() Marechal Floriano.

() Alfredo Chaves.

() Guarapari.

() Domingos Martins.

Obrigada por sua participação nesta pesquisa!
Professora Reni Klippel Machado

APÊNDICE L - Sobrenomes recolhidos na pesquisa**A SUA HISTÓRIA MERECE SER VALORIZADA**

Aguiar Almeida Alves Araújo Assis Astori Augusto Baia Barbosa Batista Bergamini
Bianchi Boecker Borlot Botelho Braun Bravin Brito Bubach Caetano Caldeira Camilo
Campos Canal Capeline Capelini Cavalcante Chagas Chequer Christo Coelho
Conceição Cordeiro Corrêa Cunha Daniel Del Puppo Dias Disperati Domingos
Effgen Endlich Entringer Espíndula Evald Felismino Ferrarini Fischer Francolino
Freire Freitas Garcia Gerhardt Graças Guisso Hand Heher Helmer Herbst Hertel
Hoffmann Holz Huber Huver Jacinto Kalk Kiefer Klippel Knildt Kohler Kröhling Kuhn
Kumm Kuster Lanes Lauer Leite Littig Lopes Lube Machado Marques Martins Mattos
Mees Mello Mendes Monteiro Moura Nascimento Neves Nunes Oliveira Paula
Paulucio Penha Pereira Piveta Raach Ramos Reinholz Ribeiro Rocha Rodrigues
Rola Rosário Rossi Rupp Santiago Santos Sarmento Schneider Schultch Schunk
Shellemberg Silva Souza Stein Stoff Storch Techen Tongo Trabach Trarbach
Trocate Uhl Uliana Viana Vieira Vilela Vitor Walder Will Wruck

APÊNDICE M - Texto produzido após a visita ao APEES

O APEES (Arquivo Público do Espírito Santo) é um local destinado à cultura capixaba, para extrair conhecimento sobre nossas origens. Localizado na Rua Sete de Setembro, no centro de Vitória, ele traz registros das chegadas dos imigrantes: documentos, cartas, declaração de óbito, vestígios em geral deixados por essas pessoas. Também com a eficácia ao acesso de jornais periódicos e mensais da época, é possível mostrar aos leitores atuais as modificações na escrita, na estrutura e em outros aspectos. Chama a atenção o modo cuidadoso dos funcionários em relação à riqueza ali encontrada. Com paciência é possível reconstituir o material, conservá-lo, arquivá-lo, para que não seja perdido.

É importante frisar a importância desse arquivo público em nosso estado, pois aqui se encontra um território muito rico e englobado de diferentes culturas, entre as principais, de alemães e de italianos. Saber sobre o seu país de origem (do imigrante) sobre a sua língua, as tradições não é motivo banal, e sim de honra. Tendo registros em mãos, torna-se mais fácil reconhecer que realmente cada um de nós é essencial para a constituição do povo. Vemos histórias de muita batalha dos antepassados que chegaram ao estado do Espírito Santo.

O APEES tem, portanto, este objetivo: trazer conhecimento, informações, auxílio na descoberta da família, incentivo aos estudos, preservação da cultura capixaba. O importante é não ignorarmos nossas raízes, não termos vergonha de quem somos e de onde viemos, pois nós fazemos história.

(Aluno R.B.P., 15 anos)

APÊNDICE N - Exemplo de texto produzido após as entrevistas: Identidade

Nós somos iguais
No nascer italiano,
No morrer pomerano,
Mas somos diferentes
No ouvir e no entender.

Somos independentes
No agir e no pensar,
Mas agimos diferente
Se alguém nos julgar.
Um acusa, outro defende
De maneira singular.

Todos somos iguais
No nascer e no morrer,
Nas lágrimas e nas alegrias,
Na dor e no prazer.
Existe uma diferença
No modo de falar.

Somos iguais, carne e osso,
Mas diferentes na cor.
O sangue tem o mesmo tom
Seja você descendente
De pomerano, italiano ou alemão.

(Aluna N.M.R M., 15 anos)

APÊNDICE O - Planejamento Atividade 7: Memórias e histórias

Conteúdo	Memórias e histórias dos hunsriqueanos em Marechal Floriano, ES
Objetivos	- Ouvir histórias e memórias da vida de falantes de hunsrückisch em Marechal Floriano; - Dar a conhecer a cultura do imigrante alemão; - Treinar a linguagem oral numa situação real de entrevista; - Colher dados a respeito da língua de imigração, o hunsrückisch; - Envolver o aluno no processo de investigação na comunidade acerca da diversidade linguística aí presente; - Sensibilizar o aluno, visando ao respeito à cultura e à linguagem de cada indivíduo; - Possibilitar o contato dos alunos com falantes de línguas diferentes do português, no município; - Selecionar informações para a produção da peça de teatro; - Produzir textos orais e escritos; - Transpor para o teatro memórias e histórias recolhidas no decorrer das entrevistas.
Tempo estimado	8 aulas de 55 min, que pode variar de acordo com a necessidade.
Recursos	Caderno, caneta, lápis, borracha, celular.
Avaliação	Participação de cada aluno nas atividades.

Desenvolvimento: Para as entrevistas, são escolhidas algumas pessoas da comunidade com ascendência germânica para socializarem memórias e histórias da colonização, da cultura e da língua alemã. Seguem alguns exemplos.

Entrevista 1: Jovem estudante de 15 anos, sexo feminino

O professor comunica que a turma terá a oportunidade de conhecer uma aluna da escola, de quinze anos, que aprendeu a língua portuguesa aos quatro anos de

idade. E, para saber a sua história, esta será convidada à sala de aula para ser entrevistada pelos alunos. O professor explica que, para fazer uma entrevista, é importante um roteiro de perguntas, mas outras também podem ser feitas. A jovem, então, é convidada a comparecer junto à turma. Ela se apresenta de forma geral e os alunos a entrevistam. Cada aluno faz anotações em seu caderno para, posteriormente, produzirem o relato escrito.

Entrevista 2: A. K. A., 78 anos, sexo feminino

Um grupo de alunos, acompanhado da professora, visita a senhora A.K.A. em sua casa e a entrevistam. As perguntas giram em torno do uso da língua hunsrückisch e do português em sua família, além da história da imigração alemã na região. É importante que a entrevista seja gravada - com a devida autorização por escrito da pessoa entrevistada -, para, em seguida, os alunos entrevistadores registrarem em seu caderno as informações obtidas e as socializarem com os demais colegas de classe.

Entrevista 3: L.L.K., 56 anos, sexo feminino; L.L., 54, sexo feminino; e N.H.S.R., 20 anos, sexo masculino

Para a entrevista, deve ser considerado que:

- L.L.K.: é uma referência para pesquisadores do hunsrückisch por ser fluente nessa língua e usá-la efetivamente com sua família e conhecidos. Toca acordeão desde os oito anos de idade, preservando essa tradição ancestral.
- L.L.: é fluente em três línguas: português, hunsrückisch e pomerano. Usa essas para atender pacientes no hospital de Domingos Martins, onde trabalha como técnica de enfermagem.
- N.H.S.R.: estudante universitário. Aprendeu o hunsrückisch e o alemão standard aos 16 anos. Atualmente, tem domínio maior no alemão standard devido a leituras de livros nessa língua. Aprendeu também o inglês para fins de estudo.

Cientes dessas informações, os alunos e a pesquisadora direcionam perguntas para obterem informações a respeito do uso dessas línguas, seu valor social e profissional.

Encontro da Terceira Idade, em Soído de Baixo, Marechal Floriano-ES

A professora, acompanhada de três alunas, participa de um encontro do Grupo da Terceira Idade. Um ponto muito relevante do encontro deve ser a conversa sobre os usos das línguas no meio familiar e na comunidade, tanto antigamente quanto hoje. Geralmente nos grupos de terceira idade reúnem-se muitas pessoas idosas, que foram testemunhas vivas das línguas faladas na comunidade. Vale destacar, portanto, que entre elas há muitas histórias e memórias que merecem ser ouvidas.

APÊNDICE P - Planejamento Atividade 8: A mídia - forte aliada da valorização da cultura local

Conteúdo	A língua portuguesa a serviço da cultura e da língua hunsriqueana
Objetivos	- Conhecer o caminho da notícia até a sua publicação em um jornal; - Incentivar a prática da leitura de jornais impressos e online; - Identificar a variação da língua portuguesa presente nas matérias jornalísticas; - Informar-se acerca da cultura e da língua hunsrückich no município de Marechal Floriano; - Possibilitar maior visibilidade para este projeto de pesquisa; - Dar a conhecer a pesquisa nacional sobre a língua hunsrückich, falada em Marechal Floriano; - Motivar a leitura; - Produzir textos orais e escritos.
Tempo estimado	3 aulas de 55 minutos.
Recursos	Aparelho multimídia, pendrive, jornais impressos, caderno, caneta, lápis, borracha.
Avaliação	Participação dos alunos nas atividades orais e apropriação das informações para a produção escrita de uma peça teatral.

Desenvolvimento:

A língua hunsrückich, usada por falantes de Marechal Floriano e redondezas, vira tema de pesquisa nacional, e as mídias impressa, online e televisiva abrem-lhe espaço e a valorizam. É disponibilizada aos alunos a matéria publicada no jornal impresso *O Noticiário* e no jornal online *Montanhas Capixabas*. A notícia pode ser conferida no seguinte endereço eletrônico:

<http://www.montanhascapixabas.com.br/site/index.php/pt-br/cultura/1740-lingua-alema-falada-nas-montanhas-vira-tema-de-pesquisa-nacional>.

O jornalista Júlio Huber leva o jornal impresso O Noticiário à sala de aula dos alunos envolvidos no projeto de pesquisa e conversa a respeito do jornalismo.

Da situação vivenciada nessa sala de aula, escreve uma matéria e a publica na seguinte edição do jornal impresso. Assim, os alunos veem o percurso de uma notícia. Esse jornal é distribuído para cada aluno da turma visitada. O interesse inicial é a leitura da matéria produzida sobre a visita do jornalista à sala de aula, porém, em seguida, o jornal como um todo é material de leitura e fonte de informações.

Outra contribuição da mídia sobre a pesquisa nacional em Marechal Floriano a respeito da língua de imigração, o hunsrückisch, é levada ao conhecimento dos alunos. Trata-se da matéria que a TV Vitória levou ao ar, no dia 14 de agosto de 2017, enquanto a equipe de pesquisa nacional esteve em Marechal Floriano, sob o título “Pesquisadores estudam dialeto de imigrantes no ES”, que pode ser conferida no seguinte endereço eletrônico:

<https://www.youtube.com/watch?v=DLcSN2cjCEY>.

Após a exibição da matéria televisiva, são propostas as seguintes ações: a) diálogo sobre a importância do reconhecimento e da preservação da cultura linguística do imigrante em Marechal Floriano; observação das marcas na fala de quem é falante das duas línguas: hunsrückisch e português, destacando que nada na língua acontece por acaso; c) identificação das variedades da língua portuguesa usadas na matéria jornalística.

APÊNDICE Q - Planejamento Atividade 9: Elaborando a peça de teatro

Conteúdo	Peça teatral
Objetivos	- Identificar as características e a função do teatro; - Motivar a produção textual do gênero teatro, para ser encenado à comunidade; - Adequar a língua culta e a não culta na peça teatral; - Discutir o preconceito linguístico, combatendo-o.
Tempo estimado	Primeiro momento: 3 aulas; segundo momento: 1 aula; terceiro momento: 5 aulas; quarto momento: 2 aulas.
Recursos	Aparelho de multimídia, DVD, cópias da peça teatral produzida pelos alunos, caderno, caneta, lápis, borracha.
Avaliação	Participação nas atividades orais e na escrita da peça teatral, bem como na apresentação da peça teatral ao público presente.

Desenvolvimento:

Primeiro momento:

1. Exibição do filme *Um amor para recordar*, lançado em 2002, sob direção de Adam Shankman e produção de Denise Di Novi e Hunt Lowry.
2. Discussão oral a respeito dos comportamentos apresentados no decorrer do filme: atitudes preconceituosas e a mudança ocorrida a partir do reconhecimento do real valor de cada pessoa.
3. Observação do envolvimento das personagens nos ensaios e na apresentação da peça teatral, destacando a importância da tríade: **texto, ator e público**, pois não há fenômeno teatral sem a conjugação desses três elementos. Entre ator e público é estabelecida uma cumplicidade: ambos sabem que se trata de um jogo, de uma representação. Por meio da razão e da emoção, estabelece-se um diálogo entre eles. É uma arte que proporciona prazer, ensina e faz refletir.

Segundo momento:

1. Observação, no texto, das características desse gênero textual: indicação das falas e narração, as rubricas, os personagens, o cenário, as cenas.
2. Leitura dramatizada da peça teatral *Um amor para recordar* (Anexo G), baseada no filme assistido. Para isso, é necessário orientar os alunos quanto às características desse gênero. A partir de então, distribuem-se os papéis (personagens e narrador) e segue com a leitura.

Terceiro momento:

Produção escrita de uma peça teatral contemplando a realidade linguística pesquisada, com fins de conscientização do valor das línguas minoritárias. No caso desta pesquisa, o hunsrückisch.

1. Os alunos são organizados em grupos para escreverem as cenas que irão compor a peça teatral a qual será apresentada no evento cultural, aberto à comunidade, na culminância do projeto de pesquisa. É preciso que os alunos fiquem atentos à linguagem usada pelos personagens (culto ou não culto), levando em consideração o contexto de fala: QUEM fala, DE ONDE fala e COM QUEM fala.
2. A próxima etapa é a de correção textual, que poderá ser realizada coletivamente, com o apoio do datashow.
3. O passo seguinte será a montagem da peça teatral com a inclusão da narração. Para isso, o professor se reunirá com dois ou três alunos para organizar o texto, redigindo a narração necessária para o encadeamento das cenas.

Quarto momento:

Nesta etapa, com o texto teatral elaborado, será feita a sua leitura de forma dramatizada e, em seguida, a distribuição dos papéis para a encenação.

Cada integrante da peça ficará responsável por memorizar o texto correspondente ao personagem que irá representar, exceto o narrador, que fará a leitura da parte que lhe confere.

Quanto ao cenário, este será montado de acordo com a representação da peça. E, durante os ensaios da peça, já deverá ser levado em conta o espaço em que ocorrerá a apresentação.

APÊNDICE R - Peça teatral: Falando a nossa língua

(Peça produzida pelos alunos do 9º ano, sujeitos desta pesquisa, orientados pela professora pesquisadora, e baseada em informações recolhidas em conversas e em entrevistas com pessoas da comunidade florianense e nas visitas a espaços histórico-culturais que remetem à história da imigração alemã no Espírito Santo.)

Personagens:

Ingridy
Gabriela
Ofélia
Sheila
Rafaela
Riquelme
Maria Luíza
Agda
Thais
Gabriela
Lucília
Lia
Helena
Nilson
Tatiana
Ludmila
Richard
Sr. Vitalino
Cirlnady
Samara
Monique
Karen

Grupo de imigrantes alemães

CENA 1

(Esta cena se passa na copa de uma cozinha onde Ingridy está fazendo seu dever de casa.)

(A narradora entra em uma casinha, acompanhada de um fundo musical; abre uma janela, de onde irá fazer a narração, e apresenta o título da peça.)

NARRADORA: Estamos em Marechal Floriano, no estado do Espírito Santo.

INGRIDY: Mãe! Me ajuda aqui!

GABRIELA: Em que eu posso te ajudar?

INGRIDY: Hoje a minha professora pediu pra gente fazer a árvore genealógica da família. Preciso saber o nome dos meus avós e bisavós.

GABRIELA: Mas isso é muito fácil.

INGRIDY: Preciso saber também a origem de cada um e se eles falam ou entendem alguma outra língua que não seja o português.

GABRIELA: Olha, minha filha, eu vou lhe dar uma dica: fale diretamente com eles. Com certeza, vão ter muito prazer em contarem a sua história pra você.

INGRIDY: Então eu vou ligar pra eles.

GABRIELA: Não, minha filha. Vá pessoalmente. Aproveite enquanto estão entre nós. Hoje em dia, vocês quase nem conversam mais com as pessoas mais idosas. Eles têm muito a nos contar. Você vai gostar.

INGRIDY: Tá bom, mãe. Você me convenceu. Eu vou lá. Estou mesmo com saudades deles.

CENA 2

NARRADORA: A nossa história é muito importante. A história de cada é de grande valor. É possível ampliar muito o conhecimento da nossa própria identidade conversando com os nossos familiares, ainda mais com as pessoas mais vividas. Vamos ver com algumas pessoas daqui de Marechal Floriano sobre a sua origem étnica e linguística.

(Exibição de um vídeo com depoimentos dos alunos falando de suas origens e línguas utilizadas em seu meio familiar)

NARRADORA: E o que se constatou? Aqui temos uma riqueza multicultural. São pessoas das mais variadas etnias que convivem nesta comunidade, predominando alemães e italianos. Mas vamos voltar nossos olhos e ouvidos a um grupo em especial: aos descendentes de alemães, incluídos nesse meio social. Queremos saber um pouco mais dessa língua trazida por esses imigrantes: o hunsrückisch. Mas como essa gente chegou até aqui? Vamos à sua história!

(Da janela, a narradora lê a história da saída dos imigrantes da Alemanha e a sua chegada a Vitória, ES. Um grande grupo de pessoas caminha lentamente, dentro de um navio, e se direciona ao palco, representando a chegada dos imigrantes alemães às terras capixabas.)

Tudo começou na Europa. Por volta de 1846, as coisas por lá não estavam nada boas. A Europa ainda vivia as últimas consequências das guerras napoleônicas: grande empobrecimento, fome e desemprego. Nessa mesma época, o Brasil estava vivenciando uma fase difícil, passando de mão de obra escrava para assalariada e livre. Havia muita terra para ser cultivada e era interesse do Brasil que os europeus viessem para cá explorar a terra e desenvolver a agricultura, principalmente o café. Assim, da região de Hunsrück, da Alemanha, vieram imigrantes que eram agricultores e artesãos. Vieram com um sonho de melhorar a sua vida. Na viagem de Hunsrück ao Rio de Janeiro, passaram por muitas dificuldades, decepções e desespero. Nada foi fácil. Enfim, após 70 dias de viagem, aportaram no Rio de Janeiro. Mas esse ainda não era o seu destino. A promessa era que seriam destinados ao Sul do país. Mas isso não aconteceu. Após ficarem sessenta dias

num galpão, foram direcionadas e enviadas a Vitória do Espírito Santo, conduzidas pelo navio Eolo, 39 famílias hunsriqueanas, totalizando 163 pessoas. (*O navio entra e os imigrantes descem da embarcação.*) Chegaram ao porto de Vitória no dia 21 de dezembro de 1846, onde permaneceram até janeiro de 1847. Foram subindo a serra pelo Rio Jucu. Abriram picadas e se instalaram em uma localidade, atual Boa Vista, onde, hoje, encontra-se o Marco da Imigração Alemã em terras capixabas. Era o dia 27 de janeiro de 1847. Dali seguiram para Santa Isabel e Campinho. Tempos mais tarde, chegaram mais imigrantes alemães a estas terras. Com muita bravura, força e trabalho, colonizaram esse chão onde pisamos.

(Os imigrantes alemães saem de cena, caminhando lentamente.)

Estamos em 2017 - 170 anos de colonização alemã em nossas terras. Passaram-se várias gerações desde a chegada dos primeiros imigrantes. A sua história está registrada em livros, em documentos, em fotos. As suas marcas entre nós estão por todo lado, seja na arquitetura, na dança, na educação religiosa e familiar, na música e na culinária, com o delicioso *kuuche*, o *brood de milho*, o *smier* e outras coisas mais. E a língua? Qual é a situação da língua em nossa região colonizada, em grande parte, pelos alemães e seus descendentes? Ela também foi repassada às novas gerações? Vejamos um quadro da atualidade.

CENA 3

(Duas amigas entram numa loja e ouvem outra cliente falando ao telefone.)

OFÉLIA: Alô! Meine liebe oma! Wie geht's? (*Senhora falando ao telefone em hunsrückisch. Assim que as meninas começam a falar, dona Ofélia diminui o volume de voz, chegando a fazer mímica.*)

SHEILA: Nossa! O que ela tá falando? Que estranho, que língua "feia"!

RAFAELA: Não fale assim, Scheila, você vai deixar essa senhora sem graça.

SCHEILA: Ah, Rafaela, quem tem que ficar sem graça é ela, falando desse jeito aqui onde se fala o português.

RAFAELA: Olha, pelo jeito, você não sabe que falar mais de uma língua é tão bom. Também não sabe que ser bilíngue é motivo de orgulho. A gente deve respeitar as pessoas quanto à língua que escolhem para se comunicar.

SCHEILA: Eu sei disso.

RAFAELA: Não parece, porque, se você soubesse, estaria dando valor a essa senhora por saber falar também essa língua, e não estaria criticando ela por isso.

NARRADORA: Algumas pessoas da comunidade até deixam de falar algumas línguas de imigração como é o caso do vêneto, do pomerano, do hunsrückisch, por serem zombadas. Isso é mostra de preconceito linguístico; na verdade, falta de informação. Então, a melhor arma contra o preconceito linguístico é a informação.

CENA 4

(Meninos sentados em cadeiras.)

RIQUELME: Dá uma olhadinha aqui! Lembra que o jornalista foi lá na nossa sala levar *O Noticiário*, onde publicou uma matéria sobre aquela língua de imigração alemã falada aqui em Marechal? Acho que eu tenho até aqui. Olha! (Mostra a matéria no jornal). Pois é, eu me interessei porque parece que na minha família tem gente que fala ou falava, não sei bem. Andei pesquisando aqui na internet e não é que encontrei umas coisas legais?! Tem piadas, cursos que ensinam a língua, grupos no Face, mensagens pra compartilhar no zap... Fiquei sabendo que quem fala essa língua tem até facilidade para aprender o inglês.

INGRIDY: Uma senhorinha daqui de Marechal disse que em casa sempre só falavam em alemão, e sua mãe não sabia falar o português. E assim aconteceu com muitos descendentes de alemães. E nem faz tanto tempo assim... Eu não sabia disso. Ela ainda disse que até hoje canta hinos na sua casa em alemão, mas só quando está sozinha, faz suas orações em alemão, assim como aprendeu, lê a Bíblia em alemão...

GABRIELA: Você sabia que meu bisavô tinha aulas de alemão na escola?

INGRIDY: É mesmo?! Mas eu ouvi que teve um tempo em que as pessoas eram proibidas de falar o alemão na escola ou em qualquer outro lugar.

RIQUELME: Sim, mas isso foi um tempo depois, lá nas décadas de 1930 e de 1940, no tempo da Segunda Guerra Mundial. Realmente, muitos pais, a partir daí, nem falavam mais a língua alemã, com medo de repressão do governo.

INGRIDY: Então, por isso que muitos dos descendentes de imigrantes alemães deixaram de usar essa língua? Bem que eu tô me lembrando de que a minha bisavó falava que eles não podiam falar alemão nem no recreio. Ela me disse que uma vez ela falou uma coisinha em alemão, na hora do recreio, e uma colega foi correndo contar pra sua professora, que deu uma reguada nela por isso.

GABRIELA: Mas hoje não há nenhuma proibição. Será que tem como aprender essa língua na nossa idade ainda?

RIQUELME: Olha, nesses dias atrás, conhecemos um rapaz que disse que aprendeu o hunsrückisch e o alemão padrão com 16 anos. Depois que estava tendo aulas é que descobriu que seu avô era falante fluente de hunsrückisch. Aproveitou então e aprendeu algumas coisas com ele.

GABRIELA: Estou pensando seriamente em fazer um curso para aprender a falar fluentemente. Mas será que não tem ninguém na minha família com quem eu possa aprender, e ainda de graça? Vou procurar saber.

NARRADORA: Como a menina falou, bem que as pessoas poderiam continuar aprendendo essa língua em casa e se tornar bilíngues, não é?

CENA 5

(Esta cena se passa num espaço público representado no palco.)

NARRADORA: Mas onde está essa língua? Quem a fala? Quem a usa ainda, depois de 170 anos?

THAIS: Sabia que tem muita gente aqui em Marechal Floriano e região, ou seja, aqui no Espírito Santo, que ainda fala o hunsrückisch, também conhecido como o alemão de casa?

MARIA LUÍZA: Eu nunca ouvi falar essa língua não. Quem é que fala?

THAIS: Menina, fomos num encontro da Terceira Idade, junto com a professora, lá em Soído de Baixo, e sabia que do pessoal que frequenta esse grupo, que são umas 50 pessoas ou mais, quase todo mundo sabe falar essa língua?

MARIA LUÍZA: Ah, é?!

AGDA: Eu conheço o dono de um bar lá em Soído de Baixo. Ele fala esse hunsrückisch com os clientes. Esses dias, fui lá com o meu avô, e eles ficaram o tempo todo conversando nessa língua. E você tem razão, são muitas as pessoas que falam, porque foi chegando mais gente e eles conversavam todos nesse alemão. Não entendi nada, mas, sabe, que deu uma vontade tão grande de saber falar.

THAIS: E lá em Boa Esperança também tem muita gente que fala o hunsrückisch. *(Reconhece umas pessoas que estão falando em hunsrückisch e fala mais baixo.)* Olha só! Está vendo aquele pessoal ali? Aposto que eles estão falando em hunsrückisch, o alemão de casa. Espera eles chegarem mais perto.

(Entram Lucília, Helena e Cleiton conversando em hunsrückisch.)

MARIA LUÍZA: Com licença, estou ouvindo vocês conversarem numa outra língua que não é o português. Fiquei curiosa. Que língua é essa?

LUCÍLIA: É o hunsrückisch, uma língua de origem alemã.

MARIA LUÍZA: Minha amiga conhece vocês. Como vocês se chamam mesmo?

(Cada uma se apresenta, primeiro em hunsrückisch e, depois, traduzem para o português.)

THAÍS: Onde vocês moram?

(Cada uma responde, mas somente em português.)

MARIA LUÍZA: Com quem vocês usam essa língua?

LUCÍLIA: Eu falo com meus filhos, com meu marido. Todos os dias eu falo em alemão. Só quando eu saio eu falo o português.

LIA: Eu falo com a minha família e com os pacientes do hospital que ficam sob minha responsabilidade. Trabalho no hospital de Domingos Martins e lá se atende muita gente que fala o hunsrückisch e o pomerano.

HELENA: Lá em casa, eu falo sempre o hunrückisch com meu pai, minha mãe e meu irmão e também falo com aquelas pessoas que eu sei que também falam essa língua.

(Chega o Nilson, amigo de Lucília. Cumprimenta em alemão.)

(Maria Luiza se admira por ver mais uma pessoa falando nessa língua de imigração.)

AGDA: Mas, então, por que há vários falantes em potencial aqui na região e não usam essa língua?

THAÍS: O que são falantes em potencial, Agda?

AGDA: São pessoas que sabem falar, mas não falam.

MARIA LUÍZA: Agora, até eu estou querendo saber por que tem gente que sabe falar e não fala.

NILSON: Posso falar? Olha bem! Essa língua não é usada por alguns porque têm vergonha de falar. Outra situação é que alguns pais não ensinam mais esta língua aos seus filhos, é um relaxo. Outro motivo é devido aos casamentos mistos: um fala o hunsrückisch e o outro não. Aí, muitas vezes, prevalece o português.

NARRADORA: A língua também está presente na música, que é um elemento também muito forte na preservação de culturas. Com os nossos antepassados alemães não foi diferente. Esses imigrantes, que vieram à procura de melhores condições de vida no Brasil, trouxeram consigo a concertina, que lhes proporcionavam um momento de distração no meio de tanto trabalho e sofrimento causados pelas más condições que encontraram em sua nova morada. Esse hábito de tocar concertina foi passando de pai para filho até chegar aos dias atuais, tornando um traço cultural muito forte dos descendentes de alemães. Hoje o grande polo onde se podem encontrar festivais de concertinas é no nosso estado, Espírito Santo. E o acordeom? Diz-se que a concertina é um pequeno acordeom. O acordeom é conhecido no Sul do país como gaita e, no Nordeste, como sanfona. Muito usado também aqui pelos alemães e demais pessoas. Vamos animar esse nosso encontro, Lucília?

LUCÍLIA: Vamos. É pra já. Eu toco esse instrumento desde os 8 anos e, até hoje, participo de vários eventos, preservando também essa cultura musical.

(Lucília toca duas músicas: uma alemã – Lustig ist dass Zigeuner Leben, traduzindo: Alegre é a vida de cigano -, e outra que foi composta em português – Meu Senhor, tu me deste, da autoria de Paulo H. Winterle, 2016 - para os 500 anos da Reforma protestante.)

CENA 6

NARRADORA: E a vida aqui em Marechal Floriano continua assim: encontramos um pomerano aqui, outro italiano ali, outro afrodescendente lá, outro descendente de indígena ali, outro alemão aqui. Essa comunidade passa pela escola, local onde

temos uma grande variedade étnica e linguística, com marcas em seu jeito de ser, de falar.

(Meninos no recreio da escola.)

LUDMILA: Tatiana, ontem eu conheci um pessoal que fala uma língua diferente da nossa e eles conversavam tranquilamente. Foi muita coincidência, porque nunca tinha ouvido e, loguinho, se juntaram quatro pessoas que conhecem e falam uma língua de origem alemã, que se chama... *(Hesitação na fala.)*

TATIANA: *(Tatiana interrompe a fala de Ludmila).* Por acaso é a língua hunsrückisch?

LUDMILA: Sim, é essa mesma. Como você sabe?

TATIANA: Ah, é a língua alemã de casa falada ainda por muitos por aqui, inclusive meu pai e meus avós sabem falar tudo. E eu acho que tem muitas pessoas aqui da escola que também falam essa língua.

THAIS: Você sabia que até os quatro anos eu só falava hunsrückisch? *(Fazem carinha de admiração.)*

LUDMILA: Como assim?

THAIS: É, eu fui aprender a língua portuguesa na escola. Dali em diante, infelizmente minha mãe diminuiu a conversa em hunsrückisch comigo, para não ter problemas para aprender o português, a língua usada na escola, e hoje me arrependo, porque não falo mais tão fluentemente hunsrückisch.

LUDMILA: Sabe de uma coisa? A gente poderia fazer uma pesquisa aqui na escola para ver quem conhece ou tem na família alguém que fala essa língua.

TATIANA: A gente pode fazer, sim, é legal, mas acho que muitos que sabem falar nem vão dizer.

LUDMILA: Mas por quê?

TATIANA: É que muitos têm vergonha de falar.

LUDMILA: Vergonha?! Por quê?!

TATIANA: Ah, porque dizem que é uma língua de quem mora na roça.

THAIS: E tem algum problema nisso? Faz parte da história.

TATIANA: Claro que não.

THAIS: Eu penso que atitudes preconceituosas vêm da falta de informação.

(Ludmila mexe em seu celular e abre um vídeo. É a matéria feita em agosto pela TV Vitória com a família do seu Vitalino Faller.)

LUDMILA: Tatiana, olha só! A Fernanda me mandou e disse que passou na TV Vitória no dia 13 de agosto. Eu conheço essa gente. Eles moram lá na nossa rua, pertinho de casa. Passo todo dia em frente à casa deles. Eu vou levar pra escola e pedir pra professora mostrar pra minha turma.

NARRADORA: E assim aconteceu. A matéria, minha gente, é esta que vocês verão agora.

(Exibição da matéria da TV Vitória, que foi ao ar no dia 11 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DLcSN2cjCEY>)

CENA 7

(Um grupo de alunos da turma do 9º ano da escola encontra seu Vitalino, um senhor de 88 anos. Perto estão uns bancos para se sentarem.)

LUDMILA: Gente, olha lá seu Vitalino! Aquele da reportagem da TV!

RICHARD: Kuut moye, seu Vitalino!

SR. VITALINO: *(Acha estranho e retifica.)* Mas agora a gente fala kuut nou! Kuut moye é bom dia. A gente fala isso de manhã.

RICHARD: Hum! Então é kuut nou? *(Pausa)* Eu vi a matéria que a TV Vitória fez com o senhor e a sua família. Que legal, hein?!

SR. VITALINO: É, foi mesmo.

LUDMILA: Mas o senhor tá muito chique, hein?! Tá passando até na televisão!

SR. VITALINO: É, né?!

LUDMILA: Seu Vitalino, senta aqui um pouquinho!

RICHARD: Mas, seu Vitalino, fiquei sabendo que o senhor tá o maior famosinho aí, hein?! Aonde o senhor vai, as pessoas te reconhecem pela reportagem... No supermercado também? As pessoas conversam com o senhor e perguntam coisas sobre o alemão?

Sr. VITALINO: Sim, o hunsrückisch. Agora, quando vou no supermercado, eles ficam me perguntando um monte de coisas pra eu falar como se fala em alemão.

(Richard e Ludmila perguntam ao sr. Vitalino mais algumas palavras e expressões em hunsrückisch e ele responde.)

RICHARD: Como a mídia, jornal, televisão, internet são importantes numa comunidade. Minha mãe é professora na escola da Isabelli, a neta dela, e agora todo mundo de lá já sabe o que é soluço em hunsrückisch, por causa da matéria que o pessoal da escola viu na TV. É “schliksa”, né, seu Vitalino?

SR. VITALINO: É sim, é schliksa.

LUDMILA: E como se fala “tudo bem” em hunsrückisch?

SR. VITALINO: Ales kuut.

(Ludmila e Richard repetem: Ales kuut...)

RICHARD: E gente bonita?

SR. VITALINO: Cheina lait...

(Richard repete “cheina lait”.)

RICHARD: E moço bonito?

SR. VITALINO: Cheina pub.

RICHARD: Então, eu sou um “cheina pub”.

LUDMILA: E como se fala “mentiroso”?

SR. VITALINO: Liarai...

LUDMILA *(Vira-se para Richard e diz):* Seu “liarai”!

RICHARD: E obrigado?

SR. VITALINO: Danke xeen.

RICHARD *(repete):* Tão xeen... *(Sr. Vitalino corrige e Richard vai aos poucos acertando.)* Que legal, né? Como é importante o hunsrückisch em nossa comunidade!

SR. VITALINO: Gente, eu preciso ir agora, tá? Então blait kussun! Outro dia, se vocês quiserem, eu posso ensinar a vocês mais um pouquinho dessa nossa língua alemã.

NARRADORA: Mas, afinal, é alemão ou hunsrückisch? Não se preocupem. Aqui se fala alemão, é o alemão de casa, mas se você falar hunsrückisch, será mais importante para essa língua. Porque essa língua está sendo inventariada no Brasil. E vocês sabem quais são os estados que mais têm falantes dessa língua? São os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e o Espírito Santo.

E aí, devemos chamar esse alemão de casa de língua ou de dialeto? Bem, a orientação dos pesquisadores é que chamemos de língua, porque “dialeto” nos parece uma língua menor, inferior, de menos prestígio. E isso não é verdade. Então, vamos chamar o hunsrückisch de língua. É mais chique, né? Vamos dar o valor que essa língua merece.

CENA 8

(Um grupo de colegas do 9º ano da escola estão juntos e conversando, descontraidamente. Chega Ludmila e conta a novidade.)

LUDMILA: Meninas, nós conhecemos o seu Vitalino que passou na TV Vitória falando sobre aquela língua dos alemães, o hunsrückisch.

CIRLANDY: Ih, não sabe você que eu conheci a professora Edenize, de Contatos Linguísticos da Ufes. Ela esteve na minha sala conversando com a gente e ainda esteve com a gente no Arquivo Público em Vitória, durante a visita. Já é minha “chegada”! Conheci também a coordenadora do IPOL de Santa Catarina, a professora Rosângela Morello, o Rodrigo Schlenker, que trabalha em Santa Catarina junto com a Rosângela; a professora Édia Klippel Littig, a nossa Secretária de Educação de Marechal Floriano, foi até professora na minha escola...

AGDA: E minha avó que foi entrevistada pelo coordenador da pesquisa nacional, o Professor Cléo Altenhofen, junto com o André Kuster...

SAMARA: Ah, se for assim, então eu... eu tive o prazer de conhecer de perto a história da Lucília, da Lia e do Nicholas, entrevistando eles na minha sala de aula. Você viu que a família toda da Lucília e da Lia fala até hoje o hunsrückisch, mesmo depois de tanto tempo? Todos os irmãos delas falam, sem terem vergonha nenhuma disso, pelo contrário, se sentem bem falando essa língua.

MONIQUE: São exemplos para a nossa comunidade em termos de preservação da cultura.

CIRLANDY: Nossa, já ia me esquecendo de falar... Conheci, junto com os meus colegas da turma, o Cilmar Francescheto, quando fomos visitar o Arquivo Público em Vitória. Ele é o diretor de lá. Que honra a nossa, hein!? Nós estamos muito chiques!

KAREN: Como não falar da dona Alzira!? Que maravilha foi conversar com ela! Nossa, ela conta as histórias pra gente de uma forma tão legal, que a gente viaja na história. Ah, sabia que ela disse que, se tivesse tido oportunidade, queria ter sido professora de História?

MONIQUE: Foi muito bom mesmo! Aprendemos muito com ela e ficamos sabendo de um monte de coisas. Vale a pena sentar e conversar com ela. Até gravei no meu celular o que ela disse. Sabe tanto da cultura dessa região!

SAMARA: E esse seu colar, Agda, que lindo! Também faz parte da cultura alemã, sabia?

AGDA: Sim, claro. Gosto dele por isso. A pintura é uma arte campesina alemã, chamada Bauernmalerei.

MONIQUE: Não conhecia por esse nome, mas já vi por aí.

AGDA: Temos excelentes artesãos dessa arte aqui no nosso município. A Câmara Municipal declarou o Bauernmalerei Patrimônio Cultural Imaterial de Marechal Floriano.

SAMARA: Sabia que vão fazer o mesmo com a língua, o hunsrückisch?

AGDA: Eu preciso fazer alguma coisa para aprender essa língua, porque só dizer que tem vontade não vai render nada. Posso aprender um pouco com meus avós. Vi um vídeo que recebi pelo WhatsApp e achei muito legal. Tem também um grupo no Face com compartilhamentos de muitas coisas a respeito dela. Mas será que não poderia ter um curso dessa língua aqui na comunidade para as pessoas que querem aprender essa língua?

KAREN: Às vezes a gente acha que, por ser uma língua dos antepassados, não adianta aprender, mas existem vários benefícios, sim. Uma técnica de enfermagem, que fala o hunsrückisch e também um pouco do pomerano, disse que no hospital é muito importante ter pessoas que sabem essas línguas, porque eles podem ajudar muitos pacientes que falam melhor essas línguas que o português. Assim, eles se sentem mais seguros pra serem atendidos.

NARRADORA: No meio profissional, quem domina essas línguas, além do inglês, que é mais comum ser exigido, tem um diferencial em seu currículo. Não podemos nos esquecer de que alguns ainda têm o privilégio de aprenderem essa língua em casa, aqui em Marechal Floriano. Além disso, disponibilizar cursos dessas línguas para a comunidade pode ser uma excelente iniciativa, garantindo um direito importante aos cidadãos.

Existem ainda alguns guardiões da cultura alemã em nosso município. Tempos atrás, mensagens cristãs nas igrejas eram transmitidas na língua alemã standard, com músicas, pregações, orações. Muitos daqui se lembram ainda saudosamente disso. De forma muito especial, convidamos a família Littig para entoar alguns cânticos aprendidos em sua infância e juventude. Uma mensagem natalina, recheada de emoções.

(Família Littig apresenta três cânticos natalinos na língua alemã padrão.)

CENA 9

NARRADORA: Quanta coisa aprendemos durante este projeto de valorização da nossa identidade! Aprendemos nas conversas com os colegas, professores, com as pesquisas em livros, com palestras, com visitas. Quando nos relacionamos bem com as pessoas e as respeitamos, isso só nos enriquece. Foram oportunidades ímpares.

(Os alunos – atores - ficam à frente, no palco, divididos em dois grupos.)

RIQUELME: Informar-se é muito importante. Ouvir as pessoas é muito interessante. Fazer visitas a espaços histórico-culturais é enriquecedor. Esse regate histórico é precioso. Cada um é importante demais para ser esquecido. Sua história é importante, minha história é importante. Ser bilíngue é motivo de orgulho. Nossa língua é importante. Somos todos muito especiais e merecemos ser reconhecidos. Somos o espelho que reflete a imagem do nosso Criador.

(Os alunos participantes da peça, acompanhados pelo violão tocado pelo aluno Miguel, apresentam a música Raridade, composta por Anderson Freire.)

NARRADORA: Como diz Hildo Honório do Couto, para que haja uma língua é preciso que haja um povo que a use. Que tal conservarmos esse legado deixado pelos nossos antepassados? Marechal Floriano orgulha-se de você que ainda preserva essa língua de imigração: o hunsrückisch.

(Os alunos apresentam uma grande faixa contendo a seguinte frase: Ser bilíngue é motivo de orgulho! Assim que a erguem, pronunciam essa frase, em conjunto, em voz bem alta.)

APÊNDICE S - Validação da sequência de atividades pelos pares



PESQUISA: PRÁTICAS DE ORALIDADE E DE ESCRITA NAS AULAS DE PORTUGUÊS EM CONTEXTO DE DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: O CONTATO ENTRE AS LÍNGUAS PORTUGUESA E HUNSRÜCKISCH EM MARECHAL FLORIANO, ES.

Mestranda: Reni Klippel Machado

Orientadora: Profª Drª Edenize Ponzio Peres

AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES PROPOSTAS PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS NO CONTEXTO BILÍNGUE DE MARECHAL FLORIANO, ES.

Nome:.....

Escola/Setor em que atua na rede pública de ensino de Marechal Floriano:

.....

Cargo/ Função:

Em caso de regência, cite as turmas:

Data: __/__/__

Prezado (a) Profissional da Educação!

O presente questionário tem por finalidade avaliar as atividades propostas como produto educacional pela mestranda Reni Klippel Machado, no Mestrado Profissional em Letras, PROFLETRAS, do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES).

As atividades propostas e aplicadas em nossa turma de 9º ano têm como objetivos: propor caminhos que contribuam para o desenvolvimento de atitudes positivas do aluno diante da diversidade linguística em que se encontra; contribuir com o ensino de Língua Portuguesa para a formação de uma pedagogia de conscientização linguística; e proporcionar a produção escrita e a expressão oral dos alunos a partir do contexto sociolinguístico e cultural local.

Atividades propostas:

Atividade 1: Descobrindo nossas raízes.

Atividade 2: O lado de lá no lado de cá.

Atividade 3: A formação da identidade capixaba.

Atividade 4: Conhecendo a identidade étnico-linguística da comunidade escolar.

Atividade 5: Visitas pedagógicas a espaços histórico-culturais.

Atividade 6: A arte campesina alemã na preservação da cultura.

Atividade 7: Memórias e histórias.

Atividade 8: A mídia – forte aliada à valorização da cultura linguística local.

Atividade 9: Teatro – um gênero nascido de um conjunto de discursos vivos.

Atividade 10: A apresentação da peça teatral “Falando a nossa língua”.

Questionário:

1. Você considera a proposta das atividades:

() pertinente para o contexto sociocultural de Marechal Floriano.

() pouco pertinente para o contexto sociocultural de Marechal Floriano.

Por quê?

2. Você acredita que as atividades relacionadas são aplicáveis a outras séries do Ensino Fundamental II?

3. Você concorda que o resgate histórico-cultural da comunidade atendida pela escola favoreça o ensino de português quanto aos seus aspectos sociolinguísticos? Justifique a sua resposta.

4. Você acredita que seja possível ensinar melhor o português tendo conhecimento da pluralidade linguística que encontramos em nossa comunidade?

5. Você considera importante o resgate do fator identitário para combater o preconceito linguístico?

6. Você considera relevante a preservação das línguas de herança em nossa comunidade?

7. As atividades relacionadas atendem aos objetivos propostos por nós em nossa pesquisa? Responda SIM, EM PARTE ou NÃO.

A. Propor caminhos que contribuam para o desenvolvimento de atitudes positivas do aluno diante da diversidade linguística em que se encontra. (.....)

B. Contribuir com o ensino de Língua Portuguesa para a formação de uma pedagogia de conscientização linguística. (.....)

C. Proporcionar a produção escrita e a expressão oral dos alunos a partir do contexto sociolinguístico e cultural local. (.....)

Obrigada!

“O povo que não preserva as suas raízes destrói o seu futuro.” (Casa da Cultura – Domingos Martins)

APÊNDICE T - Projeto de Lei inscrito no Parlamento Jovem Brasileiro/2017**PROJETO DE LEI Nº, DE 2017**

(da Sra. Tatiana Espíndula Marques)

Determina a disponibilização do ensino da língua minoritária que descende da cultura local nas escolas públicas brasileiras.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Esta lei determina a disponibilização do ensino da língua minoritária que descende da cultura local nas escolas públicas do Brasil.

§ 1º Será dever da escola o estímulo do aprendizado e a valorização do bem linguístico cultural.

§ 2º A escola que apresentar uma clientela falante de uma língua minoritária deverá oferecer o ensino desta em seu currículo escolar.

§ 3º Caberá ao Estado disponibilizar materiais didáticos, como: livros didáticos, dicionários e demais materiais de apoio para o ensino da língua.

§ 4º Ficará informado no currículo escolar do aluno se ele, por meio de exames, demonstrar proficiência nesta língua.

Art. 2º Não será necessário ao professor dessa disciplina apresentar o diploma de formação na língua a ser lecionada. Basta demonstrar notório saber da cultura e da referida língua, bem como falar, ler e escrever na língua minoritária a ser ofertada.

Art. 3º A disciplina será ofertada em caráter optativo.

Parágrafo único. Serão repudiados quaisquer tipos de preconceito e/ou intolerância à cultura linguística proveniente dos descendentes de falantes de qualquer língua minoritária.

Art. 2º Esta lei entrará em vigor no início do ano letivo seguinte à data de sua publicação.

Justificativa

Esta lei tem como objetivo garantir o pluralismo cultural de cada comunidade e valorizar a riqueza linguística do Brasil, utilizando o conhecimento como forma de erradicar quaisquer tipos de preconceito e/ou intolerância linguístico-cultural.

O Brasil possui uma grande variedade cultural e linguística. A vinda dos escravos africanos, durante o Período Colonial, e, posteriormente, entre 1890 e 1930, a chegada de cerca de 3 milhões e 200 mil imigrantes de várias nacionalidades para trabalharem nas fábricas no processo de industrialização e nas lavouras serviram de grande contribuição para a formação do país multicultural que conhecemos hoje.

Atualmente, há comunidades formadas por descendentes de imigrantes que buscam manter viva a língua e seus costumes, passando-as para as gerações seguintes. Entretanto, observa-se a perda gradativa desse costume devido ao massacre dos meios de comunicação e das redes sociais, que ridicularizam e desvalorizam as culturas regionais e principalmente sua língua, criando uma imagem de atraso e inferioridade. A consequência disso é a diminuição da disseminação da língua às novas gerações.

É preciso considerar que, quando uma língua morre, a história e a cultura por trás dela tem o mesmo destino. Caso os órgãos públicos não se mobilizem para a valorização das línguas minoritárias, estas poderão extinguir-se. Fato este muito lamentável, pois nosso país, formado por tantas variedades culturais, perderá sua identidade.

O artigo 27 da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, assinada em Barcelona em junho de 1996, assegura a todas as comunidades linguísticas o direito a um ensino que permita aos seus membros o conhecimento das línguas ligadas à sua própria tradição cultural. Porém, somente em poucos municípios brasileiros, têm sido ensinadas, desde o primário, as línguas minoritárias. Os benefícios são notórios, como o aumento da autoestima da população local e um maior interesse em aprender a história de seu município, do Brasil e do mundo. Portanto, no âmbito nacional, o conhecimento da história de seu povo contribuirá para uma melhor relação entre as diferentes culturas e um melhor conhecimento da história do Brasil.

Outro benefício do aprendizado de línguas minoritárias é a vantagem no campo profissional, pois, como, por exemplo, as línguas europeias e asiáticas são muito importantes para a comunicação e o contato nas relações entre países. Existe grande interesse na formação de profissionais mais qualificados, para, assim, trabalharem em várias áreas que necessitam desse conhecimento linguístico.

A sociedade passa pela escola. Portanto, quando aproveitada a oportunidade na escola, na sala de aula, a língua minoritária ganha um papel de socialização e de ganhos, pois é uma fonte de conhecimento histórico da região. O estudante irá despertar o interesse em aprender e a manter as tradições, além de aprimorar sua visão de mundo, valorizando a sua identidade e a dos outros, ficando menos suscetível a concepções sociais e à discriminação de qualquer outra cultura.

A identidade linguística e cultural no Brasil é um assunto pouco debatido ou considerado, pois, geralmente, existe a concepção de que aqui em nosso país fala-se somente uma língua. Existe sim somente uma língua oficial, mas há uma variedade de línguas usadas em muitas comunidades Brasil afora, representando povos com participação importante na construção da sociedade brasileira. Não se

pode negar a preservação dessa identidade cultural linguística, por isso faz-se necessária a aprovação desta lei. Cabe aos órgãos governamentais apoiarem essa proposição. A sua importância está no contato entre as pessoas, permitindo uma maior troca de informações e uma melhor convivência, pilares fundamentais no equilíbrio social.

À vista do exposto, contamos com o apoio dos Nobres Pares nessa iniciativa.

Salas das Sessões, em de de 2017.

Deputada Jovem TATIANA ESPÍNDULA MARQUES

ANEXOS

ANEXO A - Termo de assentimento



TERMO DE ASSENTIMENTO

Eu, _____,
 de número de CPF _____, responsável pelo aluno(a)
 _____,
 do _____ ano da EEEFM xxxxxxxxxxxx, do município de Marechal Floriano - ES,
 autorizo a participação desse educando na pesquisa “Práticas de oralidade e de
 escrita nas aulas de Português em contexto de diversidade linguística: o contato
 entre as línguas portuguesa e hunsrückisch em Marechal Floriano, ES”, do
 Mestrado Profissional em Letras – Profletras -, campus Vitória, conduzida pela
 pesquisadora Reni Klippel Machado, que será realizada nessa unidade escolar.
 Entendo que, nesse estudo, o aluno irá realizar atividades dentro e fora da escola
 com o objetivo de desenvolver atividades para aprimoramento dos conhecimentos
 relativos à cultura dos moradores de Marechal Floriano e região. Sei que poderei
 entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal do
 Espírito Santo – Ifes, para obter informações específicas sobre a aprovação desse
 projeto ou qualquer outra informação que for necessária através do e-mail
 <ética.pesquisa@ifes.edu.br> ou pelo telefone (27) 3357-7518. Fica claro para mim
 que, embora mínimos, sempre há a possibilidade de pequenos riscos ao participar
 da pesquisa, bem como o desagrado com algo que alguém diga ou faça. Também
 tenho ciência de que a pesquisa pode trazer inúmeros benefícios para o aluno, para
 a escola e para a sociedade. Sei também que há garantia de que as informações e o
 uso de imagens (caso necessário) desta pesquisa serão divulgados apenas em
 eventos ou publicações científicas.

Assinatura: _____

Vitória, _____ de _____ de 2017.

ANEXO B - Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a),

Este é um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), indispensável para a participação nesta pesquisa, que procura retratar a cultura de sua região, abrangendo, especificamente, neste momento, as famílias de descendentes de imigrantes hunsriqueanos. Com esta pesquisa, pretendemos compreender as consequências do contato linguístico entre o hunsrückisch e o português, combatendo, assim, o preconceito linguístico e também levando à valorização da variedade da língua portuguesa falada na comunidade e do próprio hunsrückisch, que se encontra em processo de desaparecimento, em Marechal Floriano, ES.

Esta pesquisa será realizada pela aluna-pesquisadora Reni Klippel Machado, RG nº 792971 – SSP/ES, do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), e pela Profa. Dra. Edenize Ponzo Peres, do Profletras (Ifes) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (Ufes), com RG nº 548.513-SSP/ES, Coordenadora. Esta investigação terá início em julho de 2016 e seu fim previsto para dezembro de 2017.

Para realizar este estudo, portanto, convidamos V. S^a a conceder-nos uma entrevista que versará sobre o contato linguístico entre o hunsrückisch e o português em sua comunidade. A entrevista que V.S^a fará será gravada, mas sua identidade EM HIPÓTESE ALGUMA será revelada, em nenhum momento da pesquisa. V.S^a também terá o direito de recusar-se a ceder a mesma a qualquer momento e, se isso acontecer, o entrevistador a apagará a gravação imediatamente, em sua presença. Entretanto, se for de sua concordância, procederemos às gravações, que serão transcritas e servirão de base para um estudo sobre o contato entre as línguas portuguesa e hunsrückisch em Marechal Floriano, ES. Posteriormente, esse estudo poderá ser divulgado em congressos e revistas nacionais e/ou internacionais, sendo mantido o sigilo de sua identidade.

EU,,

RG Nº, CONCORDO EM CONCEDER A ENTREVISTA À PESQUISADORA.....,

RG Nº, TENDO CONHECIMENTO DE QUE MINHA IDENTIDADE SERÁ MANTIDA EM SIGILO E DE QUE MINHAS INFORMAÇÕES SERVIRÃO DE BASE PARA UM ESTUDO SOBRE O CONTATO ENTRE AS LÍNGUAS PORTUGUESA E HUNSRÜCKISCH EM MARECHAL FORIANO, ES.

Assinatura: _____

Em caso de dúvida, favor entrar em contato com a Coordenadora desta pesquisa: Edenize Ponzo Peres, Rua Francisco Eugênio Mussiello, 559, aptº 401, Jardim da Penha, Vitória, ES.CEP: 29060-290. Telefones (27) 3032-0855 e 9989-0254. Caso V.S^a tenha dificuldade em entrar em contato com a pesquisadora responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa do pelo telefone 33357504 ou pelo e-mail cep@ccs.ufes.br.

ANEXO C – Termo de consentimento livre e esclarecido (Para menores de 18 anos)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Para menores de 18 anos)

Prezado(a) Senhor(a),

Este é um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), indispensável para a participação de menores de 18 anos nesta pesquisa, que procura retratar a cultura de sua região, abrangendo, especificamente, neste momento, as famílias de descendentes de imigrantes hunsriqueanos. Com esta pesquisa, pretendemos compreender as consequências do contato linguístico entre o hunsrückisch e o português, combatendo, assim, o preconceito linguístico e também levando à valorização da variedade da língua portuguesa falada na comunidade e do próprio hunsrückisch, que se encontra em processo de desaparecimento, em Marechal Floriano, ES.

Esta pesquisa será realizada pela aluna-pesquisadora Reni Klippel Machado, RG nº 792971 – SSP/ES, do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), e pela Profa. Dra. Edenize Ponso Peres, do Proletras (Ifes) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (Ufes), com RG nº 548.513-SSP/ES, Coordenadora. Esta investigação terá início em julho de 2016 e seu fim previsto para setembro de 2017.

Para realizar este estudo, portanto, solicitamos a V. S^a a autorização para o(a) seu(sua) filho(a) ceder uma entrevista que versará sobre o contato linguístico entre o hunsrückisch e o português em sua comunidade. Essa entrevista será gravada, mas a identidade do(a) seu(sua) filho(a) EM HIPÓTESE ALGUMA será revelada, em nenhum momento da pesquisa. V.S^a também terá o direito de recusar-se a ceder a mesma a qualquer momento e, se isso acontecer, o entrevistador apagará a gravação imediatamente, em sua presença. Entretanto, se for de sua concordância, procederemos às gravações, que servirão de base para um estudo sobre o contato entre as línguas portuguesa e hunsrückisch em Marechal Floriano, ES. Posteriormente, esse estudo poderá ser divulgado em congressos e revistas nacionais e/ou internacionais, sendo mantido o sigilo da identidade do(a) entrevistado(a).

EU,,
RG Nº, AUTORIZO MEU(MINHA) FILHO(A) A CEDER A ENTREVISTA À PESQUISADORA,
RG Nº, TENDO CONHECIMENTO DE QUE A IDENTIDADE DO(A) ENTREVISTADO(A) SERÁ MANTIDA EM SIGILO E DE QUE TAIS INFORMAÇÕES SERVIRÃO DE BASE PARA UM ESTUDO SOBRE O CONTATO ENTRE AS LÍNGUAS PORTUGUESA E HUNSRÜCKISCH EM MARECHAL FORIANO, ES.

Assinatura: _____

Em caso de dúvida, favor entrar em contato com a Coordenadora desta pesquisa: Edenize Ponso Peres, Rua Francisco Eugênio Mussiello, 559, aptº 401, Jardim da Penha, Vitória, ES.CEP: 29060-290. Telefones (27) 3032-0855 e 9989-0254. Caso V.S^a tenha dificuldade em entrar em contato com a pesquisadora responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa do pelo telefone 33357504 ou pelo e-mail cep@ccs.ufes.br.

ANEXO D – Termo de cessão de uso de imagem e voz para fins educacionais



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

REITORIA

Avenida Rio Branco, 50 – Santa Lúcia – 29056-255 – Vitória – ES
27 3357-7500

TERMO DE CESSÃO DE IMAGEM E VOZ PARA FINS EDUCACIONAIS

Nome: _____ Idade: _____
 Nacionalidade: _____ Estado Civil: _____
 Profissão: _____ CPF: _____
 Endereço: _____
 CEP: _____ Cidade: _____ UF: _____
 Telefone: () _____ E-mail: _____

Ora designado **CEDENTE**, firma e celebra com o Ifes – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, por meio do Cead – Centro de Educação a Distância, Rodovia ES-010 – Km 6,5, Bairro Manguinhos – CEP: 29.164-231 – Serra – ES, designado **CESSIONÁRIO**, o presente **TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ PARA FINS EDUCACIONAIS** mediante as cláusulas e condições abaixo discriminadas, que voluntariamente aceitam e outorgam:

Por meio do presente instrumento autorizo o CEAD a utilizar minha imagem e/ou voz, captada por meio de fotografias, gravações de áudios e/ou filmagens de depoimentos, declarações, videoconferência, conferência web, entrevistas e/ou ações outras realizadas a serem utilizados com fins educacionais nas redes de ensino público.

Afirmo ter ciência que a transferência é concedida em caráter total, gratuito e não exclusivo, não havendo impedimento para que o(s) CEDENTE(s) utilize(m) o material captado como desejar(em).

Declaro que o CEAD está autorizado a ser proprietário dos resultados do referido material produzido, com direito de utilização, de forma ilimitada e por um prazo indefinido no que se refere à concessão de direitos autorais, utilização e licenciamento a terceiros, para que façam uso, de qualquer forma, no todo ou em parte, deste material ou de qualquer reprodução do mesmo em conexão com o MEC.

Declaro ainda que renuncio a qualquer direito de fiscalização ou aprovação do uso da imagem e outras informações ou de utilizações decorrentes da mesma. Reconheço que o MEC confiará nesta autorização de forma absoluta e concordo não exigir qualquer indenização relacionada ao exercício das autorizações concedidas por meio deste instrumento.

A cessão objeto deste Termo abrange o direito do CESSIONÁRIO de utilizar a IMAGEM E VOZ do CEDENTE sob as modalidades existentes, tais como reprodução, representação, tradução, distribuição, entre outras, sendo vedada qualquer utilização com finalidade lucrativa.

A cessão dos direitos autorais relativos à IMAGEM E VOZ do CEDENTE é por prazo indeterminado, a não ser que uma das partes notifique a outra, por escrito, com a antecedência mínima de 90 (noventa dias).

Fica designado o foro da Justiça Federal, da seção Judiciária do Espírito Santo, para dirimir quaisquer dúvidas relativas ao cumprimento deste instrumento, desde que não possam ser superadas pela mediação administrativa.

Assinatura do CEDENTE: _____

Local: _____, Data ____/____/____.

ANEXO E - Poema: O jeito capixaba de ser, de Elisa Lucinda

O jeito capixaba de ser

Todo capixaba tem um segredo de espuma,
Uma conversa de duna,
Um disse me disse.
Todo capixaba é chique,
Todo capixaba tem um pouco de beija flor no bico,
Uma panela de barro no peito,
Uma orquídea no gesto,
Um cafezinho no jeito,

Um trocadilho na brincadeira,
Um congo no andar,
Um jogo de cintura,
Um chá de cidreira,
Uma moqueca perfeita,
E uma rede no olhar.

Todo mundo de lá desenha nas areias brancas,
Compõe nas areias pretas.
Todo capixaba tem um verso,
Tem um pouco de Anchieta.
Todo povo por lá
Tem um certo louco,
Tem um certo torto,
Uma palavra solta,
Uma revoada de colibris.

Todo capixaba tem uma força de povo,
Tem um pouco de Maria Ortiz.
Toda montanha lá tem um caso
Obstinado com o vento,
Uma pedra azul,
Um albatroz de convento.
De luva e biquíni é que eu vou pra lá.
Todo capixaba é um evento!!!

Fonte: <http://raizescapixabas.blogspot.com.br/2014/03/um-poema-um-poema-de-peso-da-gigante.html>. Acesso em: 7 mar 2018.

ANEXO F – Notícia: Bauernmalerei é declarado Patrimônio Cultural Imaterial de Marechal Floriano



Texto: PMMF / Foto: PMMF

Marechal Floriano, 24 Fevereiro 2017

A noite da última segunda-feira (20) foi marcada por muita comemoração para o grupo de Bauernmalerei (Pintura Campestre Alemã) de Santa Maria de Marechal. A comunidade recebeu a cópia da Lei Municipal 1.769/2016, que declara o Bauernmalerei Patrimônio Cultural Imaterial de Marechal Floriano.

A cerimônia foi conduzida pela professora e pintora de Bauer, Andrezza Mill Borgo, que fez a abertura em alemão e português, dando as boas-vindas aos convidados. Em seguida, o professor de Bauernmalerei do grupo de Santa Maria de Marechal, Rogério Brambilla, fez um breve histórico dessa arte decorativa na comunidade, que foi colonizada por alemães.

Representando a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Marechal Floriano, Bárbara Tesch anunciou que o Bauernmalerei Santa Maria de Marechal fará parte do Arquivo Cultural da História de Marechal Floriano, um trabalho que vem sendo realizado pela secretaria.

O vereador Cezar Tadeu Ronchi Junior, autor do projeto de lei, foi quem entregou ao grupo de Bauernmalerei Santa Maria de Marechal a cópia da lei que declara a Pintura Campestre Alemã Patrimônio Cultural Imaterial do município. “Essa noite é muito importante para todos nós. Eu tenho um grande orgulho da comunidade de Santa Maria de Marechal, pela sua organização e por preservar, com tanto empenho, a cultura e as tradições alemãs neste distrito”, declarou o vereador.



O Consulado Alemão no Espírito Santo também enviou felicitações ao grupo de Bauernmalerei pela grande conquista. A primeira turma de Bauernmalerei foi criada em Santa Maria em maio de 2016. A partir daí, o grupo se tornou conhecido e recebeu convites para participar de várias exposições em Marechal e na Grande Vitória. Entre elas, a ArteSanto 2016, a maior feira de artesanato do Estado, com expositores de todo o Brasil.

O trabalho feito pelos pintores de Bauernmalerei de Santa Maria de Marechal chama a atenção de muita gente. Várias peças produzidas pelo grupo já foram levadas para fora do Estado e até para países como a Áustria e a Dinamarca. “Quando eu pensei em montar a primeira turma, nunca imaginei que chegaríamos tão longe. Fico muito feliz e honrado em poder preservar e perpetuar a Pintura Campestre Alemã, uma arte dos nossos antepassados”, disse o professor Rogério Brambilla.

A próxima turma de Bauernmalerei começa no dia 20 de março, em Santa Maria de Marechal. A turma já está praticamente montada. Doze alunos já se preparam para aprender a técnica da pintura alemã. O Bauernmalerei Santa Maria de Marechal vai participar da 1ª Semana da Língua Alemã, em Domingos Martins, que acontece entre os dias 31 de março e 08 de abril.

Saiba Mais

O que é Patrimônio Cultural Imaterial?

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), o Patrimônio Cultural Imaterial compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos, em todas as partes do mundo, recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes.

É amplamente reconhecida a importância de promover e proteger a memória e as manifestações culturais representadas, em todo o mundo, por monumentos, sítios históricos e paisagens culturais. Mas não só de aspectos físicos se constitui a cultura de um povo. Há muito mais coisas contidas nas tradições, no folclore, nos saberes, nas línguas, nas festas e em diversos outros aspectos e manifestações, transmitidos oral ou gestualmente, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo. A essa porção imaterial da herança cultural dos povos, dá-se o nome de Patrimônio Cultural Imaterial.

Fonte: <http://www.montanhascapixabas.com.br/site/index.php/pt-br/cultura/690-bauernmalerei-e-declarado-patrimonio-cultural-imaterial-de-marechal-floriano>. Acesso em 7 mar. 2018.

ANEXO G - Peça de teatro: Um amor para recordar, da autoria de Cristiane Klippel e de Milena Casagrande

NARRADOR: Lendom é um rapaz de 18 anos que arruma sempre muita confusão. É o garoto mais popular da escola e vive aprontando junto de seus amigos. Jame é uma garota muito inteligente e educada. É filha do Reverendo, um homem muito religioso e viúvo. Noutro dia, Lendom, junto a seus amigos, quase provoca uma tragédia: fez um garoto do colégio pular de um lugar alto em um certo lago. Faria isso para fazer parte do grupo de Lendom e de seus amigos. Isso resultou num acidente, o garoto se feriu seriamente e teve que ficar internado por um tempo. Quando Lendom volta à escola, logo se encontra com os seus amigos.

(Abre a cortina.)

JUCELINO: E aí, como vai, amigão?

LENDOM: Tô bem.... *(Jame se aproxima neste momento.)*

CRIS: Nossa! Essa Jame não tem estilo, só veste este mesmo suéter, desde a 4ª série!

CATARINI: Chiiiii! Ela é filha do Reverendo... *(Jame passa por eles.)*

CRIS: Belo suéter!

JAME: Obrigada!

(Risos)

(Fecha a cortina.)

NARRADOR: Para pagar pelo que fez, Lendom teve que fazer faxina, ajudar alunos com dificuldades e entrar para encenar um teatro da primavera. Só Lendom teve que fazer essas tarefas, pois foi o último a sair do local do crime, e um policial o pegou.

(Abre a cortina com Lendom varrendo, alunos sentados em mesas e Jame está dando aula. Em seguida, chegam os amigos de Lendom. Os amigos de Lendom passam por Jame.)

JUCELINO: Aposto que até dá para ver anjos! *(Fala com deboche.)*

JAME: De fato há coisas milagrosas. Einstein disse que estudar o universo é acreditar em Deus.

JUCELINO: Se você acredita tanto num “ser superior”, por que Ele não te compra um suéter novo?

JAME: Porque Ele deve estar muito ocupado, procurando o seu cérebro!!!

CRIS: Ai!!!! *(Jucelino fica todo sem graça.)*

JUCELINO: Limpa tudo direitinho, hein, amigão!!! *(Risos em geral)*

CRIS: É, senão o diretor te peegaaa... Uau!!! *(Risos. Lendom faz cara de bravo.)*

CATARINI: Vamos logo! Sai logo daí!

LENDOM: Não posso!

CRIS: Sabia que ser faxineiro é bem a sua cara? *(Sai rindo. Ela e os colegas vão para perto de Lendom que está varrendo)*

(Fecha a cortina e bate o sinal.)

NARRADOR: Lendom começou a ensaiar o teatro, mas não ia muito bem, e não conseguia gravar suas falas. Resolveu, então, ir pedir a ajuda de Jame.

(Abre a cortina.)

(No corredor da escola)

LENDOM: Jame, preciso da sua ajuda no teatro. Não consigo fazer nada! Eu não sirvo para isso...

JAME: Não acredito que, depois de tantos anos que estudamos juntos, é a primeira vez que você conversa comigo! E o pior: me pedindo ajuda?!

LENDOM: Por favor! Estou precisando...

JAME: Está bem! Mas... só se você... não se apaixonar por mim, está certo?
(*Lendom ri.*)

LENDOM: Isso não vai ser problema.

(*Fecha a cortina.*)

NARRADOR: Lendom então vai à casa de Jame e ela o ajuda, mas o Reverendo não gosta nada da ideia, pois seu pensamento em relação a Lendom não é nada bom. Lendom tem vergonha de contar a seus amigos que está indo à casa de Jame depois das aulas para ensaiar a peça – o que aborrece Jame, desistindo, então, de ajudá-lo. (*Pausa*) Jame tem vários sonhos, como testemunhar um milagre, estar em dois lugares ao mesmo tempo, fazer uma tatuagem, ter um telescópio maior para ver o cometa que aparece na primavera... Depois de um tempo, Lendom começa a mudar, talvez se inspirando em Jame, e se torna uma pessoa cada vez melhor. Se empenha para ensaiar o teatro e para ajudar os alunos com necessidades. Até vai ao hospital pedir desculpas ao garoto que ele quase matou, fazendo-o pular em um certo lago.

(*Abre a cortina.*)

NARRADOR: Depois de muitos ensaios, chega o grande dia. (*Destacar a próxima fala.*) E agora, o momento mais esperado por todos... a apresentação do teatro de primavera!

(*Lendom e uma menina estão na cena quando ela dá um empurrão nele, chamando-o de idiota. Em seguida, chega Jame toda encapuzada, que se senta perto de Lendom.*)

LENDOM: Eu me lembro de você em um sonho...

JAME: Me fale deste sonho!

LENDOM: É... eu não me lembro muito bem... só lembro que você estava muito bonita. (*Pausa*) O sonho...me ajude a lembrar... canta pra mim! (*Jame canta e Lendom se encanta. No final, Lendom beija Jame.*)

(*Fecha a cortina.*)

NARRADOR: Depois da apresentação do teatro, Lendom foi descobrir o grande amor que ele sentia por Jame, que até então estava escondido. Lendom decidiu por abandonar seus amigos e correr atrás de seu amor pela menina. Lendom se apaixonava cada vez mais por Jame, que por sua vez tentava resistir, pois não tinha permissão de seu pai para ficar com ele.

(*Abre a cortina.*)

NARRADOR: Lendom, no outro dia, vai ao encontro de Jame.

LENDOM: Te trouxe um presentinho...

JAME: Obrigada!

LENDOM: Tchau, Jame, nos vemos amanhã na escola. (*Lendom vai saindo e chega o Reverendo.*)

REVERENDO: Você não acha que ele só quer brincar com você, minha filha? Tome cuidado!

JAME: É só um suéter, pai... Nada demais! (*Beija o pai e sai.*)

(*Fecha a cortina.*)

NARRADOR: Certo dia, Lendom resolveu convidar Jame para sair. (*Estão na escola*)

(Abre a cortina)

LENDOM: Jame, eu gostaria que saísse comigo! Você aceita?

JAME: Desculpe, Lendom, mas não posso... Não tenho permissão...

(Fecha a cortina.)

NARRADOR: Lendom então decidiu ir pedir pessoalmente ao pai de Jame para sair com ela. Foi difícil, mas ele conseguiu. Lendom levou Jame para jantar em um lindo restaurante e lá ela revela seu sonho que ocupa o número 1 da lista: casar-se na igreja onde sua mãe cresceu e se casou. Depois de dançarem, Lendom levou Jame para realizar dois de seus sonhos.

(Abre a cortina.)

(Coloca-se uma placa que demarca limite entre duas cidades.)

LENDOM: Vem, Jame! Coloque um pé aqui e o outro ali... *(Mostra uma marca no chão que faz limite entre dois municípios.)*

JAME: O que foi? O que você vai fazer?

LENDOM: Olha! *(Mostra a placa)* Você está em dois lugares ao mesmo tempo... *(Os dois se abraçam.)*

(Fecha e logo em seguida abre a cortina.)

NARRADOR: Jame e Lendom vão para um lindo lugar.

NARRADOR: Mais um sonho de Jame é realizado: fazer uma tatuagem... *(Fazer uma tatuagem com decalque.)*

JAME: É como o vento: a gente não vê, mas a gente sente...

LENDOM: O que você sente?

JAME: Eu sinto o mistério, a beleza, a alegria, o amor...

LENDOM: Posso te beijar?

JAME: Posso não ser boa nisso...

LENDOM: Isso é impossível... *(Beijam-se.)*

LENDOM: Eu amo você!

JAME: Eu pedi pra não se apaixonar por mim... *(Jame sai.)*

(Fecha a cortina.)

NARRADOR: Lendom e Jame começam a namorar. Eles vão juntos observar as estrelas e, cada dia que passa, o amor que existe um pelo outro vai crescendo. E Lendom começa a ter sonhos para sua vida. Noutro dia, Jame e Lendom saem juntos.

JAME: Lendom, estou doente...

LENDOM: Então eu te levo pra casa...

JAME: Não, não, Lendom!!! Eu estou muito doente...

LENDOM: Como assim?

JAME: Eu tenho leucemia!

LENDOM: Co...como?!

JAME: Eu descobri há dois anos... e, tentei levar uma vida mais normal possível e aí aparece você... E...

LENDOM: Por que você não me contou? Poxa! Você escondeu isso de mim?!

JAME: Especialmente de você. Eu não queria te magoar...

(Jame sai correndo e Lendom vai para a casa de seu pai.) (Fecha a cortina e logo após se abre a cortina.)

LENDOM: Pai, preciso da sua ajuda! Minha namorada está com câncer!

PAI DE LENDOM: Pensei que você estivesse bravo comigo. Desde que eu me separei de sua mãe...

LENDOM: Você vai me ajudar ou não?

PAI DE LENDOM: Eu tenho que conversar com o médico dela e ter seu histórico em mãos para, enfim, ajudá-la. Eu sou cardiologista. Não sei se vou poder ajudá-la.
(*Lendom vai embora chorando.*)

(*Fecha a cortina.*)

NARRADOR: Lendom decide que não vai abandonar Jame. Aprende a dançar, só para satisfazer a vontade dela e começa a construir um telescópio maior, que era mais um dos seus sonhos. Ele fazia o telescópio em frente à janela do quarto de Jame. Certo dia, ao acordar, a garota o viu construindo o telescópio pela janela. Jame desmaiou. Sua doença estava apresentando sintomas graves e ela acaba hospitalizada. Lendom ficou todo o tempo ao lado dela. Não a abandonou um segundo sequer.

(*Abre a cortina.*)

LENDOM: Jamais vou te deixar aqui sozinha...

JAME: Não estou sozinha, meu pai está ali fora.

LENDOM: Eu sei...

(*Fecha a cortina.*)

NARRADOR: Outro dia...

LENDOM: Oi, amor! Como você está?

JAME: Bem... Que bom que você veio! Tenho que te entregar uma coisa... (*Entrega o diário que fora de sua mãe para Lendom.*)

JAME: Relaxa... Não é uma bíblia, é o diário de minha mãe, onde ela escrevia poemas e seus pensamentos... (*Lendom abre e lê.*)

LENDOM: O amor é sempre paciente e generoso, nunca é invejoso. O amor nunca é prepotente, nem orgulhoso, não é rude nem egoísta, não se ofende nem se ressentido do mal.

JAME: Hoje eu descobri que talvez Deus tinha plano maior pra mim, como se tivesse me mandado você para me ajudar a passar por isso. Você é meu anjo!
(*Fecha a cortina.*)

NARRADOR: Depois de Jame ficar alguns dias no hospital, o pai de Lendom quis ajudar de alguma forma e pagou o tratamento de Jame, responsabilizando-se pelo seu acompanhamento em casa. Quando Lendom ficou sabendo do que o seu pai houvera feito por sua namorada, resolveu agradecer e foi até à casa de seu pai.

(*Abre a cortina.*)

LENDOM: Obrigado, pai! Me desculpa! (*Se abraçam.*)

(*Fecha a cortina e logo após a abre.*)

NARRADOR: Lendom trabalha muito para deixar o telescópio pronto. E, ao terminá-lo...

JAME: Obrigada pelo telescópio! Ele ficou lindo! (*Os dois estão abraçados.*)

LENDOM: Posso te perguntar uma coisa?

JAME: Sim, claro...

LENDOM: Quer casar comigo?

JAME: Jura? (*Lendom abaixa a cabeça e se beijam.*)

(*Fecha a cortina*)

NARRADOR: Jame, Lendom e familiares arranjam a festa do casamento e, por incrível que pareça, o pai aceitou Lendom como genro. E, como ele era pastor, celebrou o casamento de Jame e Lendom.

(*Abre a cortina.*)

(Entrada dos noivos na igreja.)

REVERENDO: *(Lê em sua Bíblia.)* O amor é sempre paciente e generoso, nunca é invejoso. O amor nunca é prepotente e orgulhoso, não é rude nem egoísta, não se ofende nem se ressentido do mal. Ele tudo perdoa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

(Segue o momento do juramento para selar a união.)

LENDOM: Eu, Lendom Carter, prometo aceitar Jame Sullivan como minha legítima esposa para honrá-la e amá-la por toda a minha vida.

JAME: Eu, Jame Sullivan, prometo aceitar Lendom Carter como meu legítimo esposo, para honrá-lo e amá-lo por toda a minha vida.

(Colocam as alianças.)

(Fecha a cortina.)

NARRADOR: Jame e Lendom tiveram um verão perfeito juntos, mais cheio de amor do que a vida toda de algumas pessoas. Infelizmente, ela partiu com sua fé inabalável. *(Pausa)* Quatro anos se passaram, mas a visão de Jame vindo na direção de Lendom ficará para sempre em sua memória.

(Abre a cortina e Lendom está na casa do Reverendo.)

LENDOM: Eu vim até aqui para lhe entregar isto!

REVERENDO: O que é isto?

LENDOM: Jame me entregou e disse que era o diário da mãe dela - a sua esposa.

REVERENDO: Não precisa.

LENDOM: Não. Quero que fique com o senhor.

REVERENDO: Obrigado!

LENDOM: Quase todos os sonhos dela foram realizados. Pena ela nunca ter visto um milagre!

REVERENDO: Ela viu, Lendom! Ela viu ... o milagre foi você! *(Lendom se emociona e os dois se abraçam.)*

(Fecha a cortina.)

(Lendom aparece sozinho.)

LENDOM: A Jame salvou a minha vida. Ela me ensinou tudo... sobre a vida, esperança e a longa jornada adiante. Sempre sentirei a sua falta! *(Pausa)* O nosso AMOR é como o vento: não posso ver, mas posso sentir...